

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Boileau e Perrault:

Um Embate Sobre a Excelência e a eficácia Do Novo Conhecimento

ENOQUE MARQUES PORTES

UBERLÂNDIA

2015

ENOQUE MARQUES PORTES

Boileau e Perrault:

Um Embate Sobre a Excelência e a eficácia Do Novo Conhecimento

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética e Política

Orientadora: Prof. Dra Georgia Cristina Amitrano

UBERLÂNDIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P849b Portes, Enoque Marques, 1980-
2015 Boileau e Perrault: um embate sobre a excelência e a eficácia do
novo conhecimento / Enoque Marques Portes. - 2015.
132 p.

Orientadora: Georgia Cristina Amitrano.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia.
Inclui bibliografia.

1. Filosofia - Teses. 2. Tradição (Filosofia) - Teses. 3. Querela entre
antigos e modernos - Teses. I. Amitrano, Georgia Cristina. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Filosofia. III. Título.

CDU: 1

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à professora Georgia Amitrano, minha orientadora, que, sempre muito disposta a ouvir e compreender minhas posições, teve a paciência de debater o texto comigo, proporcionando assim um excelente ambiente de trabalho.

Agradeço também aos professores Alexandre Guimarães e Rafael Haddock Lobo por aceitarem de bom grado comporem a banca de minha defesa.

Neste trabalho muitas pessoas me ajudaram imensamente. Quero agradecer a todos aqueles meus amigos que se dispuseram a digitalizar textos para mim. Muitos textos foram literalmente transcritos, um trabalho difícil e exigente, em razão da má qualidade tipográfica e do francês arcaico. A todos vocês meus sinceros agradecimentos, porque certamente sem esses textos este trabalho não poderia ter sido concluído.

Agradeço ao professor Sertório Neto, a quem devo uma parte da ideia para este trabalho.

Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro a este trabalho.

E conheço um que ao ser indagado acerca do que lhe cumpre saber, vai logo buscar um livro para mostrar e jamais ousaria dizer que tem o traseiro sarmento sem previamente procurar em dicionário a significação de sarna e de traseiro.

Cuidamos das opiniões e do saber alheios e pronto; é preciso torná-los nossos. Nisso nos parecemos com quem, necessitando de lume, o fosse pedir ao vizinho e dando lá com um esplêndido braseiro ficasse a se aquecer sem pensar em levar um pouco para casa. Que adianta ter a barriga cheia de comida se não a digerimos? Se não a assimilamos, se não nos fortalece e faz crescer!

(Montaigne: Do Pedantismo).

O verdadeiramente novo assusta ou deslumbra. Essas tuas sensações, igualmente perto do estômago, acompanham sempre a presença de Prometeu; o resto é o conforto, o que sempre sai mais ou menos bem

(Julio Cortázar: Sobre Cronópios e Famas)

Cansamo-nos de tudo, excepto de compreender. O sentido da frase é por vezes difícil de atingir.

Cansamo-nos de pensar para chegar a uma conclusão, porque quanto mais se pensa, mais se analisa, mais se distingue, menos se chega a uma conclusão.

Caímos então naquele estado de inércia em que o mais que queremos é compreender bem o que é exposto - uma atitude estética, pois que queremos compreender sem nos interessar, sem que nos importe que o compreendido seja ou não verdadeiro, sem que vejamos mais no que compreendemos senão a forma exacta como foi exposto, a posição de beleza racional que tem para nós.

Cansamo-nos de pensar, de ter opiniões nossas, de querer pensar para agir. Não nos cansamos, porém, de ter, ainda que transitoriamente, as opiniões alheias, para o único fim de sentir o seu influxo e não seguir o seu impulso

(Fernando Pessoa, O Livro Do Desassossego, aforismo 239) .

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto o conflituoso movimento entre modernidade e antiguidade em seus vários desdobramentos. A partir da disputa empreendida entre Perrault e Boileau inscrita na Querela Dos Antigos e Dos Modernos, o texto propõe um dimensionamento conceitual acerca das divergências e fundamentos desta antítese. O embate Boileau / Perrault oferece inúmeros elementos argumentativos para a apreciação dessa problemática, de modo que nele aquelas passagens consideradas mais significativas foram recortadas e trazidas ao centro investigativo desta dissertação. O novo e o velho, a sacralização e profanação da tradição, são algumas das vertentes discutidas a partir dos argumentos com os quais Boileau e Perrault se confrontaram. Perrault, como defensor dos tempos modernos, manifesta seu espírito de vanguarda ao questionar toda a tradição, ao colocar em dúvida os monumentos intelectuais da antiguidade. Ele está disposto a se desfazer de toda a obra dos antigos em favor da obra moderna. Contesta a validade do antigo conhecimento segundo o argumento de que nele estão incrustadas noções e ideias já superadas e que devem ser abandonadas. Os antigos já se tornaram, segundo Perrault, ídolos cristalizados, manifestações intelectuais que atrasam o desenvolvimento do novo conhecimento. E é justamente este seu espírito intransigente que atrai Boileau ao embate, e provoca este último a lutar arduamente contra aquilo que ele considera um profundo desconhecimento dos tempos e uma completa inépcia intelectual. Aquele que desvaloriza os antigos procede segundo um entendimento pífio daquela ciência, encontrando inconsistências que em verdade não são senão fragilidades da própria formação científica. Para Boileau, o novo conhecimento, se tomado na acepção precisa proposta por Perrault, é uma noção vazia de significado, uma vez que se coloca contra um conhecimento sem a consciência apropriada de seus frutos. Assim se desenrolará este embate. De um lado, Boileau acusa Perrault de desqualificar o que ele desconhece, o que invalidaria seu propósito. De outro, Perrault não aceitará esta acusação, ao pensar que é justamente o conhecimento excessivo dos antigos aquilo que ele desqualifica nos conservadores. Ambos os autores serão acusados pelo adversário de impropriedade no trato do conhecimento. É justamente este impasse aparentemente insolúvel o motor desta dissertação. No antagonismo entre a tradição e a ruptura proposta pelo novo fazer reside um profícuo solo conceitual a ser explorado. O que defendem efetivamente os conservadores, o que contestam os inovadores? Neste embate se destaca o desacordo inconciliável entre essas duas perspectivas. O propósito principal deste trabalho será justamente manter este caráter inconciliável para que os móveis deste antagonismo sejam aflorados e expostos ao olhar filosófico.

Palavras chave: *tradição; antiguidade; novidade*

Resumé:

Cette dissertation a pour objet le mouvement plein de conflit entre la modernité et l'Antiquité dans leurs diverses ramifications. Dès la dispute entre Perrault et Boileau inscrite dans la Querelle Sur Des anciens et Des modernes, le texte propose une investigation conceptuelle sur les différences et les fondements de cette antithèse. Le choc Boileau/Perrault donne nombreux éléments argumentatifs pour l'évaluation de cette problématique. Ainsi, en lui, ces passages considérés comme plus importants ont été découpés et amenés au centre de l'investigation de cette dissertation. Le nouveau et l'ancien, la sacralisation et la profanation de la tradition, sont quelques-uns des aspects discutés depuis de l'arguments dont Boileau et Perrault se sont confrontés. Perrault, en tant que défenseur des temps modernes, exprime son esprit à l'avant-scène dans le questionnement de toute la tradition, en mettant en doute les monuments intellectuels de l'antiquité. Il est prêt à se débarrasser de toute l'oeuvre des anciens en faveur des ouvrages modernes. Il Conteste la validité des connaissances anciennes selon l'argument qu'il y a en lui des notions et des idées déjà dépassées et qui devraient être abandonnées. Les anciens sont devenus, selon Perrault, manifestations cristallisées, des idoles intellectuels qui retardent le développement de nouvelles connaissances. Et c'est précisément cet esprit intransigeant qui attire Boileau au combat, et lui provoque à lutter avec ardeur contre ce qu'il considère comme une ignorance profonde des temps et une complete insuffisance intellectuelle. Celui qui déprécie l'anciens procède selon un pauvre entendement de leurs science, en trouvant des incohérences qui en fait ne sont que des fragilités de leur propre formation scientifique. À Boileau, les nouvelles connaissances, si prises dans les sens exacts proposés par Perrault, sont une notion vide de sens, car elles se présentent contre une connaissance sans conscience de ses fruits.

De son coté, Boileau accuse Perrault pour disqualifier ce qu'il ne entend pas, ce qui invaliderait leur but. De autre, Perrault n'accepte pas cette accusation, tout en pensant que c'est précisément la connaissance excessive des anciens qu'il disqualifie dans les conservateurs.

Les deux auteurs s'accusent mutuellement d'incurie dans le traitement de la connaissance. C'est précisément cette impasse apparemment insoluble le moteur de cette dissertation. Dans l'antagonisme entre tradition et rupture proposée pour le nouveau faire se trouve un motif conceptuel fructueux à explorer. Qu'est-ce que les conservateurs effectivement défendent, qu'est-ce que contestent les innovateurs ? dans cet'affrontement se distingue le désaccord irréconciliable entre ces deux points de vue. Le but principal de ce travail est précisément celui de maintenir cette caractéristique irréconciliable afin que les mobiles de ce antagonisme soient discutés et exposés au regard philosophique.

Mots clé: *tradiction, antiquité, nouveauté,*

Sumário

1-Raízes e primícias (ou o tupinambá e o erudito).....	26
I. A antiguidade? “jamais cri que ela fosse adorável”.....	26
II. Homero é divino; mas se fosse moderno!.....	34
III. Um bando de tupinambás.....	38
IV. Esses eruditos, uma turba tumultuosa.....	44
V. os paupérrimos homeros.....	49
2. Infalibilidade e falibilidade: um jogo entre passado e presente, sagrado e profano.....	63
I - Não sacrificarei aos antigos.....	63
II – o amor excessivo leva à idolatria.....	66
III – Hagiografia.....	67
IV – os homens são todos comparáveis.....	70
V – a Admiração cartesiana: uma aproximação possível.....	71
VI – a razão avalia, não perdoa.....	74
VII – o Modernista, um grosseiro.....	76
VIII – o suplício merecido de Zoilo, um profano.....	81
IX – a língua transcendente dos antigos.....	83
X – Segundo o Modernista: restaurar é um ato de fé.....	89
3. Luzes próprias.....	91
I – Repercussão de Descartes: alguns excertos.....	91
II – já não somos renascentistas.....	97
III – as luzes.....	100
IV – O cão de Ulisses.....	105
<i>Epílogo</i>	113
.A desmedida no conhecimento dos tempos gera a esterilidade criativa.....	113
I - “Passou o tempo de conceber, de imaginar e pensar qualquer coisa nova”.....	113
II – A memória prodigiosa aniquila as forças criadoras.....	117
III – Como ensinar a ousadia.....	121
IV – o grande inovador tem a vista enevoada.....	125
5. Referências.....	130

INTRODUÇÃO.

Este trabalho tem como mote a Querela Dos Antigos e Dos Modernos, especificamente o embate entre Boileau-Despréaux e Charles Perrault. Meu primeiro contato com a Querela se deu a partir da leitura do poema *O Século de Luís O Grande*, publicado em 1687 por Perrault. Neste poema o autor faz um elogio aos modernos, enunciando as vantagens que estes, segundo sua opinião, têm sobre os antigos. Antes de compreender algumas das motivações de sua feitura, o poema me chamou a atenção pelo tom flagrantemente belicoso de suas asserções. Um intento como aquele me pareceu estranhíssimo, porque a injustiça dos argumentos e a parcialidade das teses quase beiravam a ingenuidade. O tom dos versos é arrebatado. E foi justamente esse tom arrebatado que me fez atentar ao Poema e procurar desvelar suas motivações subjacentes. A atração do Poema, segundo me parece, reside justamente em seu estilo e linguagem acintosos. Por certo a *Querela* nunca teria me interessado se este Poema não tivesse chegado em minhas mãos. Ele é um convite ao embate. Em qualquer época suas teses incitariam os ódios seja de que partido for. Os antigos ali nunca são superiores em nada aos modernos, além do que são descritos como supersticiosos e muitas vezes estúpidos. Eu poderia muito bem considerar este Poema como fadado ao completo obscurantismo se, por exemplo, me fosse dado a ler por um contemporâneo. E mais, diria que em nem uma época haveria espaço para a batalha inglória encampada por Perrault em seus versos. No entanto, eu tomava conhecimento de um Poema do século XVII, e apenas esse fato já prenunciava alguma notoriedade do texto. Ora, como pôde ser possível que um libelo tão insultuoso ganhasse alguma importância? Mas como minhas leituras subsequentes me fizeram notar, o Poema não só alcançou notoriedade, como figura entre as manifestações mais representativas do que se denominou a *Querela dos Antigos e Dos Modernos*.

Em minhas leituras destaco três textos que me ofereceram uma compreensão mais acurada desta Querela, notadamente a História da Querela de Hippolyte Rigault (1853), uma posterior escrita por Hubert Gillot (1914), e o belo ensaio de Marc Fumaroli *Les Abeilles et Les Araignées* (2001).

Rigault e Fumaroli são de acordo que a Querela não foi um movimento efêmero circunscrito a alguns autores obscuros. Como dirá Rigault, se fosse um movimento frívolo de autores obscuros a debater a mera preeminência de um autor sobre outro, “os mais célebres escritores de dois grandes séculos na Itália, Inglaterra e França não se juntariam a ela. Ela não teria produzido em línguas diversas obras tão numerosas”¹ (RIGAULT, 1856, p. 2). E na leitura desta História notamos precisamente o que afirma seu autor. Grandes escritores do XVII e do XVIII se interessaram pelo debate. A própria organização da obra de Rigault aponta a extensão deste movimento, pois ela se divide em três partes, correspondentes aos três períodos que o autor distingue nesse movimento: “o primeiro período francês no século XVII com Desmarets, Perrault e Boileau; o período inglês, com Temple, Boyie, Wotton e Bentley; e por fim o segundo período francês no século XVIII, com La Motte e Dacier” (IBID., p. 4).²

Fumaroli ainda é mais rigoroso que Rigault, pois remonta os primórdios desta Querela aos começos da Renascença:

A Querela Dos Antigos e Dos Modernos propriamente dita, que conhece seu ponto culminante na França nos séculos XVII e XVIII, principia com a Renascença, isto é, com Petrarca (1304-1374). O ‘proto-humanista’, infatigável promotor dos ‘estudos de humanidades’ e do retorno às fontes antigas, engloba sob o qualificativo pejorativo de ‘modernas’ toda a ciência das faculdades de teologia e direito de sua época, assim como o estilo ‘gótico’ que lhe correspondia nas artes e letras (2001, p. 7). {“Mais la Querelle des Anciens et des Modernes proprement dite, qui connaît son point culminant em France au xvIIe et au xvIIIe siècle, commence avec la Renaissance, c'est-à-dire avec Pétrarque (1304-1374). Le «proto-humaniste», infatigable promoteur des «études d'humanité» et du retour aux sources antiques, englobe sous le qualificatif péjoratif de «Modernes» toute la science des facultés de théologie et de droit de son époque, ainsi que le style «gothique» qui leur correspondait dans les arts et les lettres”.}

Esta então foi uma aspiração própria do espírito da Renascença que culminou no engajamento mais ostensivo de muitos autores nos séculos XVII e XVIII na Itália, França e Inglaterra. Fumaroli, em seu ensaio, situa o acirramento da disputa na Itália do início do XVII, enfatizando que a França se apropriou do debate a partir dos italianos. Por isso seu ensaio traça um longo panorama de como a Querela se desenvolveu na

¹ “les plus célèbres écrivains de deux grands siècles, en Italie, en France et en Angleterre, ne s'y seraient pas mêlés ; elle n'aurait pas produit dans des langues diverses des ouvrages si nombreux”

² “la première période française au xvIIe siècle, avec Desmarets, Perrault et Boileau; la période anglaise avec Temple, Boyie, Wotton et Bentley; enfin la seconde période française au xvIIIe siècle, avec La Motte, avec Mme Dacier”.

Itália. Aquele que se interessar na leitura deste ensaio notará que a *Querela* foi sobretudo um grande pensamento acerca da legitimidade do conhecimento, isto é, acerca de que método de ciência é preciso seguir, se continuar a escola dos antigos, ou promover uma ruptura e iniciar uma nova.

Há sempre subjacente a este espírito de revolução nas letras, não obstante, a defesa do novo, ainda que esta novidade seja o retorno aos autores antigos, como postulava Petrarca, por exemplo. Ali, como diz Fumaroli, o termo ‘moderno’ ganhava uma acepção pejorativa, porque simbolizava tudo que para esses renascentistas era obscuro e pesado. No entanto, no século XVII, na França, os defensores dos modernos reclamavam para si a superioridade de gosto e de estilo, e tachavam os amantes dos antigos como defensores de algo obsoleto e repisado. De modo que para a compreensão das motivações e desdobramentos desta *Querela* não basta a assinalação apressada de que ela se constituiu como a disputa acerca da superioridade de antigos ou de modernos. Esse movimento trouxe nova vitalidade às letras europeias, conforme diz Fumaroli:

Uns querem atrelar a Europa moderna ao gênio antigo. Outros querem emancipá-la. Seria impropriedade acreditar que essa batalha indecisa foi um epifenômeno negligenciável. Ela constrangeu antigos e modernos a irem ao extremo de suas posições, a inventarem argumentos inéditos e desconcertantes, a criarem obras destinadas a intimidar o adversário; enfim, ela foi o princípio íntimo da vitalidade inventiva da República europeia das letras, um princípio motor que é impossível, como a República das letras ela mesma, de se reduzir a qualquer explicação econômica e sociológica³ (IBID., p. 8).

Há, por tanto, uma justificativa histórica para um trabalho sobre a *Querela*, e aquele meu interesse suscitado pelo Poema de Perrault se mostra frutífero ao ler textos como o ensaio de Fumaroli, por exemplo. Mas este ensaio, bem como as Histórias de Rigault e de Gillot cumprem perfeitamente o objetivo de traçar um panorama historiográfico desse movimento. Meu trabalho não quer se aprofundar nessas minúcias. Ele é antes de tudo uma espécie de retorno ao espanto inicial, àquele instante em que me admirava de Perrault ter se ocupado de defender com tanta paixão

³ “Les uns veulent arrimer l'Europe moderne au génie antique. Les autres veulent s'en émanciper. On aurait tort de croire que cette bataille indécise a été un épiphénomène négligeable. Elle a contraint les Anciens et les Modernes à aller au fond de leurs positions, à inventer des arguments inédits et déconcertants, à créer des oeuvres propres à intimider l'adversaire: bref elle a été le principe intime de la vitalité inventive de la République européenne des Lettres, un principe moteur qu'il est impossible, comme la République des Lettres elle-même, de réduire à une quelconque explication économique et sociologique”.

seu tempo em detrimento de tudo o mais. De modo que fixei minha atenção no embate que a publicação do Poema provocou entre seu autor e Boileau-Despréaux. A radicalização desta querela me parece ter tido neste embate seu ponto máximo. Se nela há virulência e um espírito belicoso, ali esses traços estão exacerbados. Não há conciliação, nenhum espírito óbvio de convergência. Boileau é a favor dos antigos e Perrault, dos modernos, mas cada um busca desqualificar o pensamento do adversário indigente de qualquer pudor intelectual. Ali, diversamente de muitos embates intelectuais, nos quais os traços mais conflituosos são atenuados por inúmeros recursos de linguagem que visam atacar o argumento adversário mais pela fundamentação rigorosa do próprio argumento, é o argumento adversário — e muitas vezes o adversário em pessoa — o primeiro a ser atacado sem misericórdia. Há uma contínua desqualificação do enunciador, uma tentativa de desautorizá-lo sem considerar o mérito do que ele enuncia. É um embate em que ambos falam ao mesmo tempo, e ninguém está disposto a ouvir. De parte a parte há intransigência. Como diz Fumaroli, os dois autores a todo instante inventam novos argumentos, há repetidas escaramuças por todos os flancos, e nenhum mínimo descuido é desprezado. Os dois são francos em suas posições antagônicas.

* * * *

Essa exacerbação na defesa de uma posição me pareceu muito profícua filosoficamente. Pois em verdade, ela deixava entrever uma perfeita tipologia entre o espírito de conservação e o espírito de inovação. Assim, a partir dessa dicotomia, procurei no embate de Boileau / Perrault os elementos para desenvolver algumas ideias acerca desse antagonismo. A exacerbação partidária do embate é farta em elementos marcadamente antagônicos que pululam por cada linha dos escritos de Boileau e Perrault acerca desta matéria.

Nesse embate está inscrito um grande debate sobre os tempos e sua conflituosa relação entre passado e presente, antigo e moderno. Boileau e Perrault estão ambos interessados em afirmar uma posição sobre os tempos. Contudo, a problemática se insinua para além do próprio embate, e muitas vezes servi-me dos argumentos dos dois autores mais como mote argumentativo do que como a tese a ser fundamentada e

explicada. Nesse sentido, não quis propriamente reconstruir o debate. Antes, ele é recuperado naquilo que tem de frutífero para o desenvolvimento das reflexões que emergiam. Meu texto não é, reitero, historiográfico. Ele recupera aquelas discussões para comporem o cenário argumentativo, como se elas ilustrassem uma imagem que teci acerca dos tópicos considerados por mim os mais relevantes no embate. Assim, meu texto é antes de tudo tópico. Ele trata de questões que irrompem com maior ou menor intensidade no embate, e nem sempre são aquelas nas quais os dois autores mais se empenharam. São, em verdade, aquelas nas quais considerei residirem os fundamentos deste embate, aquelas questões que subjazem em cada argumento dos autores, ainda que eles não tenham se apercebido delas com clareza. Certamente, se meu propósito fosse reconstruir o embate a partir de seus pontos mais relevantes numa perspectiva historiográfica, muitas questões que abordo com vagar nem sequer apareceriam. Por exemplo, a passagem que utilizo como mote para desenvolver a última parte do texto, na qual Perrault comenta que o ensino tradicional incute nos jovens um sentimento de impotência criativa, uma vez que lhes é ensinado que os antigos são insuperáveis e incomparáveis. Apesar de esta asserção se inserir plenamente na concepção geral dos argumentos de Perrault, ela não foi aquela que mais atraiu a atenção de Boileau, e figura como apenas mais um episódio argumentativo dentre os inúmeros avançados por Perrault. Entretanto, o seu caráter episódico — quase *en passant* — não anula sua potência em ilustrar perfeitamente uma das grandes aspirações que assinalo no espírito do homem moderno. Ela enseja a possibilidade de trabalhar um aspecto deste embate que um estudo puramente historiográfico não poderia empreender sem o risco de recair em tergiversações e digressões irrelevantes.

No texto pretendi iluminar as questões importantes do embate. E para tal iluminação não me restringi às amarras do tempo histórico. Se determinado argumento de Boileau ou Perrault me parecia requerer que evocasse algum pensador ulterior, eu o utilizava. Não há o perigo do anacronismo no que desenvolvi. As ideias são apresentadas na medida de sua potência. Elas são pensadas fora de sua circunscrição autoral e histórica, tratadas como um problema filosófico e não como um registro datado.

Cumpré então dizer que este trabalho é pensado como um ensaio. Em sua composição está suposto um experimento de pensamento, no qual o olhar contemporâneo intervém a todo momento no objeto tratado. Julguei que o embate

Boileau / Perrault pode ser vivificado com desenvolvimentos e recortes arbitrários do ponto-de-vista da estruturação mesma das obras envolvidas. Em verdade ele se apresenta neste texto como um recorte próprio, isto é, a maneira que acredito a mais acertada para a tentativa de lhe conferir um significado que supervenha às questões tratadas e lhes outorgue um corpo coeso. E para a constituição deste corpo era necessário que ele fosse revestido e conectado com as intervenções que me acudiam e forneciam os nexos e os esclarecimentos que Boileau e Perrault nunca poderiam oferecer. É por isso que este processo de trabalho não pode ser denominado senão como um ensaio. Ele não ‘respeita’ a circunscrição histórica das fontes. Elas são mescladas no movimento argumentativo do texto, e por vezes são protagonistas do desenvolvimento, noutras são apenas temas para algumas observações minhas. As fontes do embate são tratadas como possibilidades investigativas. Minha pergunta para cada argumento que julgava profícuo era a seguinte: de que modo devo explorá-lo?

Note-se, numa perspectiva rigorosamente historiográfica esta não é uma pergunta possível. Supõe-se que os desdobramentos e correspondências já estão postos, e basta tão-somente buscá-los na literatura. Ou seja, o pesquisador (pois na investigação histórica não será acertado denominá-lo autor) não escolhe propriamente as melhores vias para a exploração do argumento, mas procura dentre todo o conjunto de indícios aqueles que deverão ser a precisa reconstrução e fundamentação do objeto. Nesse sentido, a pergunta que ele propõe é a seguinte: quais são os fatores que determinaram este objeto? Isto é, no embate Boileau / Perrault, que fatores históricos os levaram àquela empreitada, quais suas influências, por que se comportaram daquela forma e não de outra.

Ora, este trabalho já foi produzido. Rigault, Gillot e mesmo Fumaroli fizeram exatamente esse percurso. Meu propósito então se dirigiu a tratar o embate a partir de grandes questões que ele suscitava. Essas questões são, como tal, constantes investigativas, temáticas que talvez estejam presentes em muitos embates dessa natureza. Julguei que o modo como elas se apresentam no embate Boileau / Perrault era digno de atenção e merecia um trabalho. Dessa maneira, como se tratam de questões, e não de fatos puramente historiográficos, pude pensá-las segundo sua potência filosófica. Assim é que há muitas aproximações de ideias que não seriam possíveis num outro contexto de investigação. Por exemplo, na terceira parte do texto relaciono a uma perspectiva investigativa de Perrault a paixão da Admiração de Descartes. Ora, talvez se

fosse proposto um estudo criterioso das fontes, se verificaria que essa aproximação não é historicamente acertada, como também poderia se verificar que ela é o fundamento longínquo dessa perspectiva. Mas a mim bastou observar que aquilo que Descartes propunha oferecia uma boa compreensão do que cumpria a mim considerar. Descartes, nesse contexto, é visto como uma repercussão possível naquilo que Perrault postulava. Esta possibilidade é, para este ensaio, argumento suficiente para o desenvolvimento da investigação. Da mesma maneira, quando utilizo algumas ideias de Nietzsche. Ignorados os determinantes históricos, as ideias de Nietzsche esclarecem tanto o que Perrault acreditava ser a função do novo cientista. Por isso digo que este texto se trata de um experimento de pensamento. Trabalho com as ideias, e nesse trabalho se confundem os autores, porque todos eles agora se empenham em iluminar e pensar as questões aventadas por Boileau e Perrault. Eu mesmo, como autor, estou entre estes que querem iluminar e pensar. Assim é que muitas vezes as ideias de Boileau ou Perrault de repente parecem as minhas, porque elas respondem a um interesse, a uma perspectiva. Elas são a minha intervenção interpretativa, o que meu pensamento incorporou e concebeu.

Merleau-Ponty comenta esse paradigma de investigação, ao falar de que o pensamento de ciência, isto é, aquele que julga traçar planos gerais, que se supõe independente do sujeito, deve ser substituído:

É preciso que o pensamento de ciência - pensamento de sobrevoo, pensamento do objeto em geral - torne a se colocar num "há" prévio, na paisagem, no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos (Merleau-Ponty, 1989, p. 9).

Isto é, o que faço com aquilo com o que me aproximo, com o que me deparo? Quanto ao meu objeto neste trabalho, como ele me atinge e me incita? Ora, nessa relação visceral com o conhecimento, no qual não se distinguem o eu e o objeto, toda trava de ordem formal ao ato de conhecer é tida como superficial e mesmo ingênua. Por que, ao me inteirar das vicissitudes do embate Boileau / Perrault, por exemplo, as ideias que me acudiram nesse ínterim não podem ser avançadas como forças de investigação? Por que, se elas irrompem daquilo que olhei e avaliei, daquilo que é a consistência do meu modo de pensar? Nesse sentido, naquilo que julgo ser a natureza do meu ensaio,

lido com os objetos da investigação numa perspectiva de assédio, conforme pensará Merleau-Ponty. Não há a separação epistemológica entre o objeto e o cognoscente. Em verdade, nem há tal cognoscente. Há somente a vivacidade que se aproxima e entra como que em conluio com o que deve ser enfrentado:

É preciso que com meu corpo despertem os corpos associados, os "outros", que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me frequentam, que frequento, com os quais frequento um único ser atual, presente, como animal nenhum frequentou os de sua espécie, seu território ou seu meio. Nessa historicidade primordial, o pensamento alegre e improvisador da ciência aprenderá a ponderar sobre as coisas e sobre si mesmo, voltará a ser filosofia (IBID., p. 9).

Sem a veemência de Merleau-Ponty, importa aqui afirmar o caráter indissociável entre o que investigo e o que penso. Como afirmei anteriormente, Boileau e Perrault estão disponíveis para que, juntamente comigo, todos os autores e ideias com as quais me deparei sejam chamados ao debate. Boileau e Perrault já não são os sujeitos históricos bem determinados e reconhecíveis em suas biografias. Agora, assediados e reinterpretados, servem ao propósito de elaborar e desenvolver as questões que aventaram e debateram, mas que já não são elas mesmas precisamente literais. Porque, com efeito, nessa perspectiva, nem se pode falar em precisão literal, uma vez que tal coisa figura muito como uma quimera, um sonho perdido da antiga ciência que postulava haver um sentido próprio a cada objeto, insopitável e indisfarçável, propício à captura daquele que for o mais perspicaz. Agora não há objeto que possa se representar a um sujeito do conhecimento. Na perspectiva do assédio, o corpo se estende ao mundo e se torna com ele uma continuidade, aquilo que vê e é visto ao mesmo tempo. É o que Merleau-Ponty denomina como uma imbricação (se bem que o termo 'empiètement' apenas possa ser traduzido como 'imbricação' se implicar uma ação de usurpação ou sobreposição mais ou menos violenta, um sentido que prefiro definir como assédio; em todo caso, não poderá implicar em um sentido de uma fusão ordenada e tranquila), como que numa aquiescência mutua acordada de antemão):

Essa extraordinária imbricação, sobre a qual não se pensa suficiente, proíbe conceber a visão como uma operação de pensamento que ergueria diante do espírito um quadro ou uma representação do mundo, um mundo da imanência e da idealidade. Imerso no visível por seu corpo, ele próprio visível, o vidente não se apropria do que vê; apenas se aproxima dele pelo olhar, se abre ao mundo. E esse mundo, do qual ele faz parte, não é, por seu lado, em si ou matéria. Meu movimento não é uma decisão do espírito, um fazer absoluto, que

decretaria, do fundo do retiro subjetivo, uma mudança de lugar milagrosamente executada na extensão. Ele é a sequência natural e o amadurecimento de uma visão. Digo de uma coisa que ela é movida, mas, meu corpo, ele próprio se move, meu movimento se desenvolve. Ele não está na ignorância de si, não é cego para si, ele irradia de um si... O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o "outro lado" de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo⁴ (IBID., p. 10).

Não há, nessa perspectiva, a noção da apreensão por estrita recepção. Aquele que conhece intervém e é modificado concomitantemente. Ele não pode distinguir o grau de influência de seu corpo (como totalidade visceral de conhecimento) ao objeto do conhecer. Assim é que ele se despede da tentativa de se colocar à parte, de tratar o que discute como um juiz ausente e pragmático no domínio da lei. Há um sentido de violência nessa interpretação por assédio. O objeto assediado não está pronto ao conhecimento. Ao contrário da doutrina da representação, ele não ‘aparece’ ao sujeito. Agora ele se entrega a custo, e este assédio toma as forças do assediante, e já não é possível afirmar quem sofreu as maiores marcas neste confronto. O corpo que toca-tocante é tanto cognoscente quanto cognoscível. O mundo se abre ao conhecimento, mas o corpo que conhece está no mundo, é parte do mundo. Há portanto mundo em toda parte, tanto no que conhece quanto no conhecido.

Donde se segue que nenhum autor, quando trazido em um texto como referência, fala por si as palavras que uma vez proferiu e que agora apenas as repete. Quem agora fala é este autor e aquele que o assediou e o conformou ao seu novo lugar. Ele está imbricado numa nova intenção, e as palavras recortadas de um outro lugar compõem um sentido que nunca será similar àquele da primeira aparição. Quando então lemos em um texto nomes como o de Aristóteles não supomos que se referem àquela grande personalidade clássica que caminhou e escreveu de próprio punho. O Aristóteles histórico, estabilizado no tempo como um objeto puro do conhecimento, é um sonho perdido da interpretação histórica de tradição hegeliana. Há inumeráveis estagiritas, e apenas são concebidos como um único autor por uma espécie de meta-interpretação,

⁴ “Cet extraordinaire empiètement, auquel on ne songe pas assez, interdit de concevoir la vision comme une opération de pensée qui dresserait devant l'esprit un tableau ou une représentation du monde, un monde de l'immanence et de l'idéalité“ .

isto é, uma crença segundo a qual cada autor, ao falar de Aristóteles, oferece mais um traço do Filósofo ele mesmo.

Certamente, não quero me demorar nessa ceara tão controversa do fazer interpretativo. Apenas desejo apresentar os fundamentos nos quais este ensaio está firmado. Ele é a confluência inextricável entre o investigado e o que investiga.

* * * *

O texto apresenta quatro temáticas principais que são as quatro subdivisões do texto. Em certa medida elas são como que ensaios mais ou menos independentes entre si.

No primeiro deles, apresento a disputa entre Boileau e Perrault naquilo que cada um supõe se tratar a relação entre a antiguidade e a modernidade. Ali se opõem principalmente as ideias de legado versus ruptura, uma discussão acerca do valor dos antigos como fonte de ciência e autoridade do conhecimento. Ambos os autores acusam o adversário de incorrer em enganos por se fundar em fontes duvidosas. De um lado, Boileau aponta as falhas nas asserções de Perrault e as justifica porque este desconhece a grandeza dos antigos por uma indigência intelectual. De outro, Perrault condena Boileau por este fundamentar o valor da ciência moderna nos antigos, e não ser capaz de notar que houve uma clara ruptura entre essas duas ciências.

No segundo, a disputa é apresentada segundo o argumento avançado por Perrault de que o gosto do erudito pelos antigos recai em uma veneração supersticiosa, revestindo aqueles tempos de uma aura sagrada. Nesse sentido, serão opostas as ideias de sacralização versus profanação. O fazer erudito, na radicalização avaliativa de Perrault, ganha uma aparência de prática mística, conferindo aos objetos de sua ciência um estatuto separado do mundo ordinário.

No terceiro, é discutido o sonho da modernidade de uma razão capaz de arbitrar imparcialmente sobre todas as coisas. De um lado, há a ideia perseguida pelo fazer erudito segundo a qual os tempos devem ser considerados como uma espessura compositiva não-analisável pela razão. De outro, a nova ciência, de tradição cartesiana, ao fazer de todas as coisas um produto analítico do pensamento, condenam as

avaliações que consideram os objetos segundo sua textura temporal. Os tempos nada são senão linhas de sucessão cronológica, com validade apenas para situar os objetos, não para determiná-los. Esta é uma disputa acerca do poder da razão. Nessa perspectiva, a razão atuaria não em objetos temporais, mas em objetos científicos, passíveis de avaliação não importando a que tempo estão inscritos.

No quarto e último, a disputa entre o passado e o moderno, o antigo e o novo se desenvolve a partir da tese de Perrault segundo a qual o amor aos antigos inibe a criatividade da ciência moderna. Nesse sentido, o tempo presente é pensado como uma vivacidade não completamente apreensível, e justamente por não ser passível de uma captura exaustiva ele oferece a possibilidade da inovação. O passado será considerado como uma estabilidade cognoscível, plena de conhecimento e por isso mesmo estéril de possibilidade criativa.

* * * *

Mais acima me referi a uma tipologia que irrompe da exacerbação de posições entre Boileau — aquele que representa o espírito da conservação radical — e Perrault — aquele que representa o espírito da inovação radical. Neste ensaio denominarei essas categorias antagônicas pelos conceitos do Antiquário (para o espírito conservador), e Modernista (para o espírito inovador).

Essas noções me foram oferecidas por Nietzsche, vislumbrados em sua obra *Segunda Consideração Intempestiva*. Ali Nietzsche discorre acerca da história, de como o historicismo pode se mostrar danoso a um povo, uma vez que retrai seu ímpeto vital de criação e renovação. Se não houver um limite na aquisição de conhecimento Porque, segundo o autor, “há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente se degrada e por fim sucumbe, seja ele um homem, um povo ou uma cultura” (1996, p. 10). Para que o homem não recaia nessa ruminação insone, em outras palavras, neste estado ensimesmado pelo excesso de conhecimento, seria necessário determinar um grau no qual “o que passou precisa ser esquecido” (IBID., p. 10), caso o homem não queira “se tornar o coveiro do presente” (IBID., p. 10). Isto é, quando o conhecimento histórico toma toda a atenção de um homem ele já não é capaz de esquecer aquilo que não lhe valerá o custo da recordação, seu juízo discriminatório é

perdido, e ele se torna aquele que, em nome do conhecimento dos tempos, enterra o próprio presente. Ele cuida dos tempos com tanto amor que já não pode julgar aquilo que preserva. Mas, segundo Nietzsche, é preciso haver um termo no conhecimento dos tempos. A vitalidade criativa depende de um horizonte bem delimitado entre o que é claro e aquilo que já se obscureceu e deve ser esquecido. Para criar e renovar é preciso ignorar um certo sonho de conhecer todas as coisas.

Cada vivente só pode tornar-se saudável, forte e frutífero no interior de um horizonte; se ele é incapaz de traçar um horizonte em torno de si, e, em contrapartida, se ele pensa demasiado em si mesmo para incluir no interior do próprio olhar um olhar estranho, então definha e decai lenta ou precipitadamente em seu ocaso oportuno. A serenidade, a boa consciência, a ação feliz, a confiança no que está por vir - tudo isto depende, tanto nos indivíduos como no povo, de que haja uma linha separando o que é claro, alcançável com o olhar, do obscuro e impossível de ser esclarecido (IBID., p. 11).

O conhecimento vivaz nasce no interior de um horizonte encurtado de visões. Este é o quadro que julguei em meu trabalho a perfeita representação do Modernista. Este é criativo, é vivaz porque não conhece todos os nexos, porque é injusto para com os tempos.

A sensação e o saber históricos de um homem podem ser muito limitados, seu horizonte tão estreito quanto o de um habitante de um vale nos Alpes; em cada juízo pode residir uma injustiça, em cada experiência o erro de supor ter sido o primeiro a vivenciá-la - e, apesar de toda injustiça e de todo erro, ele se encontra aí com uma saúde e um vigor insuperáveis, alegrando qualquer olho (IBID., p. 11).

Eis a representação do modernista. Porque incorre em constantes erros e injustiças pode criar e viver. Sua atenção se dirige àquilo que o cerca, e ele é capaz de manusear suas visões, pode relacionar e recompor, porque tudo está à mão, tudo tem um termo, um horizonte bem determinado.

Por outro lado, o antiquário quer estender sua atenção a todas as partes, porque julga que as obscuridades, os esquecidos, tudo isso é fonte e fundamento do conhecimento e deve ser recuperado. Ele buscará a todo tempo a justiça com os tempos. Não quererá esquecer de nada, seu grande sonho será o poder de desvelar o horizonte imediato e fazer do mundo histórico uma visão plena. Ele se volta para as raízes e os simbolismos, e seu espaço se torna um plano bem concatenado e necessário de referências.

A história de sua cidade transforma-se, para ele, na história de si mesmo; ele compreende os muros, seu portão elevado, suas regras e regulamentos, as festas populares como um diário ilustrado de sua juventude e reencontra a si mesmo em tudo isto, sua força, sua aplicação, seu prazer, seu juízo, sua tolice e seus vícios. Aqui era possível viver, ele diz a si mesmo, pois viver era permitido; aqui, será possível viver, pois somos teimosos e não seremos derrubados da noite para o dia. Então, com o auxílio deste "nós", ele lança o olhar para além da vida individual estranha e passageira e sente a si mesmo como o espírito da casa, da espécie, da cidade (IBID., p. 25-26).

O Antiquário se sentirá — e quererá se sentir — um homem de todos os tempos. Sua atenção tende ao caráter ensimesmado. Como seu horizonte é indefinido, ele não é capaz de recompor suas visões e estabelecer a possibilidade inclusive de outras perspectivas. Ele adentra sempre mais à cadeia infinita de ramificações, e assim permanece distante de si mesmo, porque nunca chegará o instante de retornar ao seu presente e trabalhar tudo que conheceu. Ele já não é um 'eu', mas um 'nós', como diz Nietzsche. Eis então seu estranho caráter ensimesmado. Como ele se vê como um 'nós', ele se comporta em suas avaliações como uma espécie de 'si' coletivo, um 'eu' genérico e partilhado desde os primórdios.

Paradoxalmente, aquilo que o erudito radical julga ser a recuperação de todas as perspectivas e, por conseguinte, a justa medida do conhecimento, é na realidade, segundo Nietzsche, o afunilamento paulatino da perspectiva própria. Somente o que contemplar esse 'nós' contínuo será valorado, e todo conhecimento novo, isto é, desenraizado, correrá o risco de ser condenado à inconsistência:

Aqui se está sempre bem próximo de um perigo: enfim, tudo torna-se antigo e passado, mas continua no interior do campo de visão, é assumido por fim como igualmente venerável, enquanto tudo o que não vem ao encontro deste antigo com veneração, ou seja, o que é novo e o que devêm, é recusado e hostilizado (IBID., p. 28).

A possibilidade de apresentar perspectivas variadas nasce da injustiça com o conhecimento histórico-erudito. E Nietzsche definirá este homem pleno de saber, este erudito da história, dizendo que enquanto o homem de horizonte curto é feliz e ativo, “bem ao seu lado, um homem muito mais justo e erudito adoece e sucumbe justamente porque as linhas de seu horizonte se deslocam sempre de novo, inquietas, porque ele não se desembaraça da rede muito frágil de suas justiças everdades e novamente se volta em direção a um forte querer e desejar” (IBID., p. 11).

Como ele se empenha em sua rede de justiças com os tempos, não é capaz de julgar sob que perspectiva está trabalhando. Ele apenas recupera o conhecimento, mas não pode dizer de que partido ele mesmo é tributário. Assim é que um conhecimento produzido por um ímpeto e não por um ruminar criterioso com as fontes é, para o homem erudito, sempre parcial e pouco digno. Quando o modernista dispõe o conhecimento no interior de seu horizonte e traça para ele relações e propõe novas teses, tudo isso parece muito pouco fundamentado, porque muitas relações permanecem obscuras, muitas fontes nem sequer foram percebidas. O excesso de conhecimento histórico, ou a erudição, segundo Nietzsche, imobiliza o homem. Ele, porque pretende a justiça em cada uma de suas asserções, nunca afirma nada que não possa remeter à longa cadeia histórica. O deslimite do horizonte de conhecimento gera a necessidade de conservar o produto dos tempos em detrimento de utilizá-lo ativamente. O antiquário, conforme o pensamento de Nietzsche, é um sujeito passivo do conhecimento.

Nietzsche fala do homem ativo como a-histórico. Isto é, para criar e inovar é preciso ignorar os tempos. É como o homem tomado por uma paixão violenta:

Imagine-se um homem mobilizado e impelido por uma paixão violenta por uma mulher ou por um grande pensamento - como o seu mundo se transforma para ele! Olhando para trás, ele se sente cego; escutando o que se passa ao seu redor, percebe o estranho como um som surdo e desprovido de significação; o que em geral percebe, ele jamais tinha percebido assim antes; tão sensivelmente próximo, colorido, ressonante, iluminado, como se ele o apreendesse ao mesmo tempo com todos os sentidos. Todas as suas avaliações se transformaram e se desvalorizaram; tantas coisas ele não está mais em condições de avaliar, porque quase não pode mais senti-las: ele se pergunta se não fora por tanto tempo senão o bobo de palavras e opiniões alheias; ele se espanta que sua memória gire incansavelmente em círculos e esteja fraca e cansada para dar quicá um único salto para fora deste círculo. Este é o estado mais injusto do mundo, estreito, ingrato frente ao que passou, cego para os perigos, surdo em relação às advertências, um pequeno e vivo redemoinho em um mar morto de noite e esquecimento: e, contudo, este estado - a-histórico, contra-histórico de ponta a ponta - é o ventre não apenas de um feito injusto, mas muito mais de todo e qualquer feito reto; e nenhum artista alcançará a sua pintura, nenhum general a sua vitória, nenhum povo a sua liberdade, sem ter antes desejado e almejado vivenciar cada uma delas em meio a um tal estado (IBID., p. 12-13).

Estão postas as bases das categorias conceituais do antiquário e do modernista. Durante o curso do texto elas se revelarão bem definidas nas figuras de Boileau e Perrault. Boileau é o conservador, o cuidadoso, aquele que pensa no valor do

conhecimento intimamente relacionado com sua herança. Ele considerará Perrault como um homem injusto, incapaz de compreender acertadamente os antigos. E ele terá todas as razões para tal. Perrault cometerá as maiores injustiças e erros incríveis de interpretação. O modernista Perrault defende a criação, e para isso condena todo fazer erudito. Ele não se incomoda em cometer equívocos. Não se preocupa com a fidelidade. Perrault será apresentado segundo essa intransigência pela novidade, esse olhar imediato ao mundo. E Boileau, por seu turno, será traçado segundo o historiador radical, o erudito piedoso, aquele que ruma os tempos, que busca estabelecer laços entre o viver e o vivido. .

Este ensaio pretende a definição tipológica do que implica, em última instância, ser um conservador ou um inovador. A máxima deste ensaio afirma que é preciso exacerbar nas construções dos tipos para apontar as tendências das aspirações, sua propensão oculta pelos comedimentos retóricos e os excessos intempestivos.

1-Raízes e primícias (ou o tupinambá e o erudito).

I. A antiguidade? “jamais cri que ela fosse adorável”.

Em 1686 Luís XIV, supremo imperador da França, desenvolveu uma fístula anal que o atormentava terrivelmente. O excesso de horas passadas a cavalo foi muito provavelmente a causa dessa moléstia. A fístula anal era relativamente comum entre os cavaleiros. Segundo relatos da época, algumas terapias brandas foram propostas ao rei, e experimentadas em outros pacientes por medida de segurança. Por exemplo: durante um ano, quatro pacientes bebiam das águas sulfurosas de Barèges, enquanto outros quatro bebiam das águas salinas de Bourbonne-les-Bains. Mas os resultados foram uma decepção completa. O que ninguém desejava parecia inevitável. O rei deveria ser submetido a uma intervenção cirúrgica.

O cirurgião real, Charles François-Félix, seria o responsável pelo procedimento. Porém, apesar de seus talentos como cirurgião, nunca havia operado uma fístula anal. Aliás, ninguém nunca havia executado tal empresa. De modo que antes de submeter o rei ao procedimento, Félix, com vistas a minimizar os riscos à pessoa real, desenvolveu e aperfeiçoou sua técnica em outros pacientes. Nessas experiências, inventou um novo bisturi, mais adequado à especificidade da região perineal. Por fim, todos convencidos que já era chegada a hora de operar o rei, o dia 18 de novembro de 1686 foi a data acordada para a cirurgia. Tudo transcorreu como o previsto. Sem nenhuma espécie de anestésico, sem nenhuma medida especial de higiene. O procedimento foi concluído e o rei, por intermédio dos conhecimentos médicos mais avançados da época, se livrava de sua fístula anal.

Essa cirurgia foi um marco para a ciência do século XVII. Não somente para a ciência, mas também para o orgulho e a confiança da classe intelectual. O rei, grande soberano, supremo escolhido por Deus, se submetia aos cuidados da ciência humana e era curado. Muitos foram os louvores publicados. A França se comoveu com a situação dramática de seu rei, mas agora se alegrava com sua recuperação.

Um dos panegíricos escritos em Homenagem à convalescença do rei foi composto por um membro muito influente da Academia Francesa. Seu nome era Charles Perrault (1628-1703), e ele se sentia profundamente entusiasmado com os progressos da ciência moderna. E para apresentar ao mundo tais progressos, decidiu escrever um poema no qual fossem elencados. Contudo, lhe parecia insuficiente e mesmo insípido apresentar os ganhos da nova ciência sem que fossem comparados com a ciência dos antigos. Porque, na perspectiva de Perrault, havia muitos grandes homens que ainda resistiam aos novos tempos, e que avaliavam toda a benesse segundo a influência da antiguidade. Tudo que fosse bom deveria ter como modelo aqueles tempos. Mas a cirurgia do rei apontava de modo cabal que esses homens se enganavam. Nunca houve na antiguidade tal procedimento. Os tempos modernos se distanciam da aura de influência dos gregos e latinos. Agora é a hora do *modernista*, o momento propício para ele se elevar e se emancipar das amarras autoritárias da tradição. Este foi o tom do panegírico escrito por Perrault, intitulado *O século de Luís, O Grande*.

O poema foi lido em sessão solene da Academia no dia 27 de janeiro de 1687. Para enfatizar a supremacia Moderna, Perrault compara os expoentes antigos e modernos de cada ramo das ciências e das artes. Em todos eles, a supremacia dos modernos é um fato que Perrault julga incontestado, e em seus versos ele não dissimula esse partidarismo desbragado. Se alguém esperasse de seus versos um espírito imparcial, que se propusesse a julgar antigos e modernos segundo as boas e más qualidades inerentes a qualquer produção humana, seria decepcionado já nos versos de abertura do Poema.

A bela Antiguidade foi sempre venerável, / Mas jamais cri que ela fosse adorável. / Vejo os Antigos sem dobrar os joelhos, / Eles são grandes, é verdade, mas de nós homens parelhos; / E a eles pode-se comparar, sem temer ser injusto, / O século de LUÍS ao belo século de Augusto⁵ (1687, vs. 1-6).

Nota-se que Perrault pretende o confronto. Julga que há, por parte dos contemporâneos, um espírito de submissão aos antigos, e por isso se insurge, ao negar se dobrar diante deles. Os antigos são grandes, mas iguais a nós, os modernos. Do modo como estão postas as ideias, Perrault está pregando a altivez, o confronto cara a cara. Já

⁵ “La belle antiquité fut toujours vénérable; / Mais je ne crus jamais qu’elle fût adorable. / Je vois les anciens, sans plier les genoux; / Ils sont grands, il est vrai, mais hommes comme nous; / Et l’on peut comparer, sans craindre d’Être injuste, / Le siècle de Louis au beau siècle d’Auguste”.

nesses primeiros versos não há espaço para o diálogo comedido e gentil. Ele se dirige aos leitores como aquele dissidente que sabe ter ao seu redor somente inimigos prestes a delatá-lo. E nesse tom continua:

E se quiséssemos afastar o especioso escolho, / Que a credence põe-nos defronte o olho, / E, cansados de aplaudir mil erros grosseiros, / Servíssemos por vezes de nossos próprios luzeiros, / Veríamos claramente que, sem temeridade, / Pode-se não adorar toda a Antiguidade⁶ (IBID., vs. 11-16).

Está suposto que a antiguidade é adorada integralmente. E que, além disso, todos os seus adoradores são homens cegos, submissas figuras que não se valem de ‘seus próprios luzeiros’ para se desvencilharem dos ‘mil erros grosseiros’ reputados aos antigos. Perrault, no entanto, não é parte desse grupo de cegos. Ele julga conhecer o caminho da desmistificação, julga saber se conduzir autonomamente. E por esse espírito independente e autossuficiente pode condenar as mazelas da antiguidade. Começa pela filosofia, E por Platão:

Platão, que foi divino no tempo passado, / Começa a se tornar por vezes um enfado; / Em vão seu tradutor, ao Antigo leal, / Conserva nele a graça e todo ático sal; / Pelo leitor mais ávido e mais empedernido / Nunca um diálogo inteiro seria lido⁷ (IBID., vs. 19-24).

A razão do modernista não necessita de grandes justificativas. Platão seria tão mau autor que o leitor mais empedernido seria vencido pelo estilo enfadonho de seus diálogos. Ora, quem diz ser Platão enfadonho senão Perrault? Não seria arbitrária essa asserção? A resposta é evidente para o autor. Aquele que se serve de suas próprias luzes estará de acordo. A razão não se atém a digressões ou verborragia interminável. Platão, na visão de Perrault é precisamente verborrágico. E porque cansa o leitor deve ser abandonado. Supõe-se aí que há autores que nunca causam enfado. E por conseguinte, supõe-se que estes autores são aqueles apreciados pelos homens de razão como Perrault. Mas para os opositores dessas ideias há uma incongruência muito evidente no que Perrault diz de Platão. O trabalho deste tradutor que pretendia tornar Platão mais

⁶ “Si nous voulions ôter le voile spécieux, / Que la prévention nous met devant les yeux, / Et, lassés d’applaudir à mille erreurs grossières, / Nous servir quelquefois de nos propres lumières, / Nous verrions clairement que, sans témérité, / On peut n’adorer pas toute l’antiquité”

⁷ “Platon, qui fut divin du temps de nos aïeux, / Commence à devenir quelquefois ennuyeux: / En vain son traducteur, partisan de l’antique, / En conserve la grâce et tout le sel attique; / Du lecteur le plus âpre et le plus résolu, / Un dialogue entier ne saurait être lu”.

agradável não teria justamente contribuído para o enfado dos leitores? Porque, dirão os antiquários, a graça e o gênio de Platão somente se manifestam em sua língua original, o grego. Perrault, porém, não está interessado nessas sutilezas semânticas. Agora é a hora de apontar os fatos, e eles são inclementes com Platão, pensará ele. No primeiro volume de seus *Paralelos* (1688) Perrault assinala que três diálogos de Platão foram traduzidos para o público feminino adquirir gosto pelos antigos. Infelizmente, conclui Perrault, “isso não teve resultado, e de cem mulheres que começaram a leitura desses diálogos, não houve quatro que os pôde terminar”⁸ (p. 79). Note-se que toda a censura a Platão se deve ao seu estilo supostamente enfadonho, não à sua potência filosófica. O modernista Perrault não pretendia um espírito conciliatório. A conciliação implica embrenhar na obra de Platão e verificar seus méritos e deméritos. Mas este é o trabalho do antiquário cuidadoso, não do contemporâneo que tece o elogio de seu século.

A seguir Perrault falará de Aristóteles. Num século no qual a história era pensada como disciplina que relatava fatos com intuito de educar e edificar o espírito, isto é, tida como coleção de relatos fabulosos e nem um pouco dignos de crédito, a física aristotélica é comparada à História de Heródoto: “Do famoso Aristóteles, a decadência é notória, / Em física menos seguro que Heródoto em história; / Seus escritos, que já fascinaram os mais inteligentes, / São muito pouco conhecidos de nossos menores regentes”⁹ (1687, vs. 25-28).

É natural Perrault se voltar contra a física aristotélica. De fato, num século de grandes físicos como Galileu e Newton, Aristóteles se tornou em física tão desacreditado como as narrativas de Heródoto. Mas e a Ética, a Metafísica, a Lógica? Sobre essas obras Perrault nada diz. Prefere se manter em sua desconstrução sarcástica da física aristotélica: “De um espesso vapor se formava o cometa, / Num sólido céu rolava cada planeta, / E todos os outros fogos em seus vasos dourados / Pendiam do rico fundo de lambris azulados”¹⁰ (IBID., vs. 37-40).

Para quem lê esses versos, Aristóteles será percebido como um cientista ignorante e risível. Pois, agora que a astronomia moderna parece concordar que o universo é muito extenso e que pode até ser infinito, a concepção aristotélica de um

⁸ “cela n’a pas réüssi et de cent femmes qui ont commencé à lire ces Dialogues, il n’y en a peut-estre quatre qui ayent eu la force de les achever”.

⁹ “Chacun sait le décri du fameux Aristote, / En physique moins sûr qu’en histoire Hérodote; / Ses écrits, qui charmaient les plus intelligents, / Sont à peine reçus de nos moindres regentes”.

¹⁰ “D’une épaisse vapeur se formait la comète, / Sur un solide ciel roulait chaque planète; / Et tous les autres feux dans leurs vases dorés, / Pendaient du riche fond des lambris azurés.”

cosmos fechado e bem determinado será ridicularizada, como se o Filósofo pensasse num céu como um grande lambril de onde pendiam lustres luminosos. Não há consideração pelas circunstâncias próprias de cada tempo nas invectivas modernistas. Aristóteles é imediatamente comparado a Galileu e Newton como se fossem cientistas contemporâneos. Assim, que estúpido é Aristóteles!

Mesmo aquelas personalidades antigas que gozavam de grande prestígio no século XVII não escaparam aos senões de Perrault. O orador Menandro e os poetas Virgílio e Ovídio, em que pesasse sua fama atual, não gozaram de tal nomeada em seu próprio tempo:

Menandro, espírito envolvente, / foi pelo teatro grego aplaudido raramente; / Virgílio viu os versos do gentil Ênio, / Lidos, queridos, estimados pelos romanos de gênio, / Enquanto com langor os seus eram ouvidos; / Assim eram os antigos autores queridos; / E malgrado a doçura de sua verve divina, / Ovídio fora conhecido apenas por sua Corina. / Somente com o tempo que seu nome avançando, / E sempre, mais famoso, de era em era passando, / Ao fim alcançou essa glória estrondante, / Que tantos estágios atravessou expectante¹¹ (IBID., vs. 155-166).

Há uma ironia nessas palavras. Se estes grandes autores não obtiveram fama em sua época, pode-se depreender daí que os antigos não eram tão perspicazes e geniais como se supõe, pois deixaram passar autores verdadeiramente excelentes para apreciar poetas menores como Ênio, por exemplo. Só o XVII aprecia devidamente esses autores, não obstante estes não terem sido sempre divinizados, os quais, portanto, merecem admiração, mas não adoração irrestrita. Eles não foram em todo tempo modelos de excelência. Foi pela posteridade que alcançaram a glória. De modo que, segundo esse raciocínio, Perrault inferirá um sucesso semelhante aos excelentes autores do XVII tão pouco reconhecidos. “Quão serão queridos pela geração futura, / A galanteria de um Sarrasin, de um Voiture a ternura, / Um ingênuo Molière, um Rotrou, um Tristão, / E ainda cem outras delícias de sua geração?”¹² (IBID., vs. 177-180).

¹¹ “Ménandre, esprit charmant, / Fut du théâtre grec applaudi rarement; / Virgile vit les vers d’Ennius le bonhomme, / Lus, chéris, estimés des connaisseurs de Rome, / Pendant qu’avec langueur on écoutait les siens, / Tant on est amoureux des auteurs anciens; / Et malgré la douceur de sa veine divine, / Ovide était connu de sa seule Corine, / Ce n’est qu’avec le temps que leur nom s’accroissant, / Et toujours, plus fameux, d’âge en âge passant, / À la fin s’est acquis cette gloire éclatante, / Qui de tant de degrés a passé leur atente”.

¹² “Combien seront chéris par les races futures, / Les galants Sarrasins, et les tendres Voitures, / Les Molières naïfs, les Rotrou, les Tristans, / Et cent autres encor délices de leur temps”.

A advertência está lançada. Não façamos como os antigos que não eram capazes de apreciar seus gênios. Que nosso século não os imite nisso. Que nossos autores sejam apreciados agora pelos homens de razão. Porque se a admiração depender de tantos séculos um autor nunca receberá o que lhe é de direito.

E Perrault, depois de considerar oradores e poetas, passa às demais artes. Começa pela pintura. Ninguém pode admirar as virtudes dos pintores antigos. Todos os recursos inovadores que utilizaram são hoje em dia técnicas de principiantes: “Agora dificilmente estas façanhas singulares / Seriam a primeira tentativa dos mais neófitos escolares. / Aqueles incipientes pintores, no pouco que instruíram, / Pouco mais sabiam do que estes que os admiram”¹³ (IBID., vs. 207-210).

Por que admirar aquilo que é pobre em inventividade se comparado à alta técnica do XVII? Por que se ater a esses amores a uma arte pueril? Perrault nem sequer se pergunta se a pintura de seu próprio século, tão elogiada por ele, não será também considerada como pueril nos séculos posteriores. O modernista evoca o futuro somente para engrandecer seu próprio tempo. Aquele que admira um pintor antigo pode sem dificuldade superá-lo. Então por que se obstinar nessa admiração? Deve-se admirar aquilo que é superior em técnica e ciência, pensará Perrault.

Até mesmo a escultura antiga, reconhecidamente notável não escapa do duro critério de Perrault. Há problemas de perspectiva e proporção naquelas obras. O Laocoonte e o Hércules são exemplos dessa inépcia:

Se do Laocoonte, o talhe venerado, / Ao dos seus filhos é tão desproporcionado, / E se os úmidos corpos das serpentes vis, / Envolve dois anões Em lugar de dois guris, / Se o famoso Hércules tem partes variadas, / Por músculos muito fortes um tanto exageradas¹⁴ (IBID., vs. 257-262).

Perrault interroga os admiradores dessas obras. Por que tanta veneração a elas se temos em Versailles obras perfeitas em perspectiva e proporção?

Embora todos os eruditos pelo antigo obstinados, / Erijam esses defeitos em belíssimos achados, / Devem eles nos forçar a nada ver de singular, / Aos novos monumentos que Versailles faz-se adornar, /

¹³ “À peine maintenant ces exploits singuliers / Seraiient le coup d’essai des moindres écoliers. / Ces peintres commençants, dans le peu qu’ils apprirent, / N’en surent guère plus que ceux qui les admirent”.

¹⁴ “Si du Laocoon la taille vénérable, / De celle de ses fils est par trop dissemblable, / Et si les moites corps des serpents inhumains, / Au lieu de deux enfants enveloppent deux nains; / Si le fameux Hercule a diverses parties, / Par des muscles trop forts un peu trop ressenties”

Que crendo apenas em seus olhos, os homens esclarecidos, / Não achem menos belos por não ser tão envelhecidos?¹⁵ (IBID., vs. 263-268).

Mais um postulado modernista: o erudito que ama a antiguidade não é um homem de razão. Os homens de razão não se atêm a elementos perfunctórios como a velhice de algo, por exemplo. Olham para o objeto e o avaliam segundo sua constituição, e nunca segundo a antiguidade de sua constituição. Não há conciliação. Aquilo que segundo a ciência modernista é imperfeito deve receber menos admiração. Quem não age assim está cego, pois se recusa a utilizar as luzes de sua razão. Preferir os feitos da antiguidade é como a mãe que admira mais as primeiras palavras do filho que um discurso bem articulado:

Assim, quando um infante, cuja língua saboreia, / Começa a pronunciar, faz barulho e tartamudeia, / A mãe que lhe segura tem seus sentidos mais deslumbrados / De três ou quatro palavras que ele a custo tenha formado, / Do que de todos os discursos repletos de arte e ciência, / Que declame em público a mais alta eloquência (IBID., vs. 409-414). {“Ainsi, lorsqu’un enfant, dont la langue s’essaye, / Commence à prononcer, fait du bruit et bégaye, / La mère qui le tient a ses sens plus charmes / De trois ou quatre mots qu’à peine il a formés, / Que de tous les discours pleins d’art et de science, / Que déclame en public la plus haute éloquence”.

Assim como em todo o Poema, o amor àquilo que é menos dotado de ciência é concebido como paixão irracional, e por isso indigno de respeito. Para Perrault, o antiquário é parcial em seu juízo. Admira balbucios como se tratassem de grandes discursos. Os antigos, em comparação com os modernos, são crianças a experimentar as primeiras palavras. Somente sua mãe amorosa lhes escuta com atenção. Por isso a conclusão de que aquele que venera os antigos o faz segundo uma paixão inconsistente.

E o Poema segue nesse tom belicoso e sarcástico, falando a seguir da música e da arte militar. O confronto é mantido, e não há nenhuma insinuação de que em alguma matéria os antigos sejam simplesmente diferentes dos modernos e não inferiores ou superiores.

¹⁵ “Quoique tous les savants, de l’antique entêtés, / Érigent ces défauts en de grandes beautés, / Doivent-ils nous forcer à ne voir rien de rare, / Aux chefs-d’œuvre nouveaux dont Versailles se pare, / Que tout homme éclairé qui n’en croit que ses yeux, / Ne trouve pas moins beaux pour n’être pas si vieux ?”

Mas há uma matéria na qual Perrault atenua sua verve e denuncia alguma reticência. Passamos ao largo dela porque é de sua repercussão que se desenrola todo o espírito deste nosso ensaio. Falamos da questão homérica.

II. Homero é divino; mas se fosse moderno!...

Charles Perrault, quando em seu Poema discorreu sobre Homero, manteve, em certa medida, um tom cuidado, e não se permitiu a acrimônia observada nas demais passagens, conforme assinaladas acima. Havia ali algum desdém e uma desconfiança quanto ao valor científico da obra, mas foram mantidos nas entrelinhas de uma retórica bem estudada e lisonjeira. Somente a Homero ele se dirige com respeito e em termos austeros. Primeiro ele o anuncia como se um grande orador anunciasse a entrada triunfal de um herói: “Pai de todas as artes, a quem do deus dos versos / Os mistérios profundos foram emersos, / Vasto e poderoso gênio, inimitável Homero, / Com um respeito infinito de minha Musa te venero”¹⁶ (IBID., vs. 103-106).

Agora o tom é épico, evocando o próprio estilo de Homero. Ele sabe a quem se dirige, e com que melindres está trabalhando. Censurar Homero não era tarefa pequena no XVII. Na verdade, poucos tinham sido aqueles que viram algum proveito ou ocasião em censurá-lo. O Poeta sempre fora conhecido como o Pai de todas as artes, o modelo máximo da excelência estética. Diferente dos demais poetas e cientistas lapidados em seu Poema, Perrault agora está defrontando com uma unanimidade entre os homens de saber. E nunca se pode subestimar as unanimidades. Elas envolvem amores e ódios violentos. Antes de toda a censura era então necessário desfilar as virtudes do Poeta. Por isso fala em ‘vasto e poderoso gênio’, em ‘inimitável Homero’. A potência do nome Homero é inegável, sua influência decisiva em toda a manifestação do espírito ocidental. E Perrault admite este fato. Não é possível tratar com leviandade o fato consumado de que Homero inspirou os antigos gregos, os latinos, os grandes homens da renascença. Sua obra nunca caiu no ostracismo. Ela sempre esteve presente como um modelo atemporal:

Não, não é sem justiça que tuas invenções / Em todas as eras
fascinaram as nações; / Que de teus dois heróis, as grandes aventuras /
São tema recorrente das mais douradas pinturas, / E que em grandes

¹⁶ “Père de tous les arts, à qui du dieu des vers / Les mystères profonds ont été découverts, / vaste et puissant génie, inimitable Homère, / D’un respect infini ma muse te révère”.

palácios as paredes e lambris / Tomam seus ornamentos de teus divinos ardis¹⁷ (IBID., vs. 107-112).

Para quem lia o poema e se habituava à sua acrimônia, todos esses termos elogiosos soam estranhos. Inimitável? Como é possível a boca de Perrault, o insolente, proferir adjetivo de tamanha exaltação? Com tal epíteto, Perrault não se contradiria se, na sequência, opusesse alguma censura ao Poeta?

Todavia, é dever dizer, essas são palavras grandiloquentes bem pouco originais e muito repisadas. Com elas falaram todos os poetas e eruditos a respeito de Homero. De modo que não diziam nada efetivamente.

O ‘inimitável’ não é um epíteto dirigido propriamente a Homero. Ele é tomado da tradição, e é proferido como que num lapso retórico empolado ou, ainda, num vício de linguagem bem assentado e por isso mesmo inadvertido. É como se com todo esse preâmbulo ele apenas quisesse dizer: agora falaremos de Homero. Mas, de certo modo, essa retórica também cumpre uma função de abrandamento dos espíritos. Recordemos que o Poema era lido em sessão solene da Academia Francesa. Ali se assentavam os notáveis das letras e artes, muitos deles homens educados no grego e no latim. Pessoas como Racine e Boileau-Despréaux, por exemplo. Por certo que procurasse lhes informar que sua futura censura a Homero não nascia de um desconhecimento do Poeta.

Ainda assim é notória a delicadeza de Perrault ao comentar as virtudes e fraquezas de Homero. Ele cuida em não atingir diretamente a pessoa do Poeta, num argumento bem extravagante. Se há falhas em sua obra, elas decorrem das condições de seu tempo, não da potência de seu gênio: “Contudo, se o céu, favorável à França, / Ao século em que vivemos te remetesse criança, / O século em que nasceste de cem falhas imputável, / Nunca haveria de profanar tua obra incomparável”¹⁸ (IBID., vs. 113-116).

Tentativa canhestra de salvar alguma dignidade a Homero. Quem se enganará com esse argumento? Ainda que seja o tempo em que nasceu o Poeta o responsável por suas falhas, estas há, contudo. E são muitas. Perrault agora parece pretender falar aos antiquários como um conciliador. Ele lhes diz que o gênio de seu grande Poeta merece

¹⁷ “Non, ce n’est pas à tort que tes inventions / En tout temps ont charmé toutes les nations; / Que de tes deux héros, les hautes aventures / Sont le nombreux sujet des plus doctes peintures, / Et que des grands palais les murs et les lambris / Prennent leurs ornements de tes divins écrits”.

¹⁸ “Cependant, si le ciel, favorable à la France, / Au siècle où nous vivons eût remis ta naissance, / Cent défauts qu’on impute au siècle où tu naquis, / Ne profaneraient pas tes ouvrages exquis”.

efetivamente todos os louvores, mas a qualidade de sua obra não está à altura de seu autor, porque a técnica utilizada por ele ainda era imperfeita em razão dos conhecimentos insuficientes de sua época. A França do XVII, com um gênio inigualável como Homero, produziria uma obra por conseguinte também inigualável. Segue-se que (e isto é o que importa no argumento) a obra de Homero não é inigualável como defendem os antiquários. E ele dirá por que ela não é perfeita.

Homero é excessivo em digressões e descrições intermináveis. Não há objetividade em suas construções. O escudo de Aquiles é um exemplo típico, pensará Perrault:

De uma arte mais hábil e arranjo mais refinado / Teria de Aquiles o escudo sido forjado, / Obra prima de Vulcano, onde seu buril excelente / Num ressonante bronze sobre sua frente reluzente, / Gravara o céu, os ares, a vaga e a Terra, / E tudo o que Anfitrite em seus dois braços encerra, / Onde vê-se resplandecer o belo astro do dia, / E a Lua ao meio de seu curso luzidia. / Onde vê-se duas cidades falando línguas diversas, / E de dois oradores arengas controversas, / Onde jovens pastores, às margens de uma floresta, / Dançam um após outro, e depois todos em uma só festa; / Onde muge um touro que um imponente leão devora, / E doces concertos, e cem coisas afora, / Que um buril, embora em diva mão, / A linguagem muda aos olhos diria em vão. / Este famoso escudo, em um século mais dotado, / Seria mais puro e menos rebuscado¹⁹ (IBID., vs. 123-142)

Perrault, para censurar esse excesso, condena a composição do escudo de Aquiles desfilando-a em seus versos, enumerando os caracteres e os conectando com a rima e o ritmo. Esse artil poético reforça a percepção da excessividade descritiva. Um escudo com essa quantidade de elementos não é belo. Ele é confuso. Homero, por conseguinte, é um poeta confuso em suas proposições. Seus objetos não são esteticamente apreciáveis. O escudo de um herói não pode ser esse mosaico de mau gosto.

E para concluir sua censura a Homero, Perrault prefere não falar por si mesmo. Se apropria de uma pilhéria de Horácio ao condenar as digressões homéricas:

¹⁹ “D’une plus fine entente et d’un art plus habile / Aurait été forgé le bouclier d’Achille, / Chef-d’oeuvre de Vulcain, où son savant burin. / Sur le front lumineux d’un résonnant airain, / Avait gravé le ciel, les airs, l’onde et la terre, / Et tout ce qu’Amphytrite en ses deux bras enserre, / Où l’on voit éclater le bel astre du jour, / Et la lune, au milieu de sa brillante cour. / Où l’on voit deux cités parlant diverses langues, / Où de deux orateurs on entend les harangues, / Où de jeunes bergers, sur la rive d’un bois, / Dansent l’un après l’autre, et puis tous à la fois; / Où mugit un taureau qu’un fier lion dévore, / Où sont de doux concerts ; et cent choses encore / Que jamais d’un burin, quoiqu’en la main des dieux, / Le langage muet ne saurait dire aux yeux: / Ce fameux bouclier, dans un siècle plus sage, / Eût été plus correct et moins chargé d’ouvrage”.

Teu gênio, abundante em descrições, / Não te permitiria tantas divagações, / E moderando os excessos de tuas alegorias, / Evitaria ainda cem doudas fantasias, / Pelas quais teu espírito se perde e toma tantas vias, / Que Horácio gracejava dizendo que tu dormias²⁰ (IBID., vs. 143-148).

Perrault parece querer convencer seu leitor de que está apenas corroborando as palavras de Horácio. Mas ele não engana a ninguém. Depois de haver dito que a obra homérica seria mais bem composta no XVII, já não é possível fazer desta censura uma pilhéria casual, como o fez Horácio. O propósito de Perrault é firme, e ele está efetivamente condenando todo o plano de concepção da *Ilíadae da Odisseia*. Ora, se todas as tais digressões de Homero fossem expurgadas, como pretende Perrault, não restaria mais do que uma história pobre de uma guerra entre cidades. Perrault condena justamente o próprio espírito da epopeia. Ele deseja uma *Ilíada* concisa e sem presumidas tergiversações. Sem todos os recursos líricos e a abundância de imagens poéticas Homero seria apenas mais um narrador ordinário, um poeta de circunstância. Mas para Perrault, o modernista, esses recursos imagéticos e linguísticos são apenas divagações enfadonhas. A obra de Homero é segmentada portanto entre o essencial e o perfunctório. O essencial é o enredo, isto é, aquilo que se poderia narrar em poucos versos. E o perfunctório, por conseguinte, são todos os elementos que o Poeta utilizou para, na avaliação de Perrault, obnubilar a clareza narrativa.

As palavras que Perrault supôs cuidadosas e de bom decoro, contudo, não surtiram nenhum resultado afortunado. Ao menos não àqueles que se sentiram atacados por ele, notadamente os partidários dos antigos, antiquários como Boileau-Despréaux. O poema parecera a esta audiência escuso em seu objetivo. Obra de má fé, irresponsável em suas asserções. E foram justamente suas observações sobre Homero aquelas que geraram as maiores censuras. Ninguém dentre aqueles que o atacaram parecia ter compreendido sua intenção. Ninguém partilhava seu orgulho de viver na era da ciência, no tempo de um rei que propiciava todas as liberdades para as artes e as invenções. Se ele atingia Homero com suas palavras, era em favor de seu próprio século, para enfatizar o quanto ele era rico em conhecimento. Mas todos os antiquários preferiram se

²⁰ “Ton génie, abondant en ses descriptions, / Ne t’aurait pas permis tant de digressions, / Et, modérant l’excès de tes allégories, / Eût encor retranché cent doctes rêveries, / Où ton esprit s’égare et prend de tels essors, / Qu’Horace te fait grâce en disant que lu dors”.

esquecer dessas intenções, se concentraram em rebater suas críticas a Homero, como se estas se tratassem de zombarias vazias sem nenhum propósito.

III. Um bando de tupinambás

Nicolas Boileau-Despréaux (1636-1711) foi aquele que recebeu o Poema de modo mais afrontoso. Ele foi o classicista por excelência, aquele que considerava ser a modernidade tributária direta da antiguidade nas letras e nas artes. Fumaroli resume o que Boileau representou para a França, ao dizer que “O velho Boileau tornara em 1703 o Goethe dos franceses, o clássico por excelência, vitorioso dos modismos de seu século, representante vivaz até ao fim de ‘constantes’ morais e literárias experimentadas desde a antiguidade”²¹ (2001, p. 130).

Para Boileau, a modernidade ganha sua vitalidade devida quando é remetida à longa tradição clássica. A glória decorre da manutenção dos valores antigos e a constante remissão a eles. A ruptura pretendida pelos modernistas é um signo de decadência para Boileau. Fumaroli comenta que Boileau era um crítico severo do estado absolutista francês, cuja glória do rei se encerrava na circunscrição imediata de seu poder. Boileau lutava para convencer Luís XIV de que sua glória seria mais profundamente enraizada se fosse relacionada com os valores antigos. Nesse sentido, Fumaroli comenta:

Boileau é, em realidade, o mais intransigente crítico da vocação do estado criado por Richelieu em se encerrar na própria atualidade moderna e cristã. Ele lutou para afastar de seu rei esta tentação própria a arruinar a glória que ele desejava durável. Esta tentação conduziria (o que importa a Boileau) ao esvanecimento da consciência literária, cujas raízes, modelos e critérios remontam à antiguidade pré-moderna e pré-cristã²² (IBID., p. 132).

²¹ “Le vieux Boileau était devenu en 1703 le Goethe des Français, le «classique» par excellence, victorieux des modes de son siècle, représentant vivace jusqu'au bout de «constantes» morales et littéraires éprouvées depuis l'Antiquité”.

²² “Boileau est en réalité le plus intransigent critique de la vocation de l'État créé par Richelieu à s'enfermer dans sa propre actualité moderne et chrétienne. Il a combattu pour écarter de son roi cette tentation propre à ruiner la gloire qu'il lui souhaitait durable. Cette tentation aurait conduit (ce qui importe aussi à Boileau) à l'effacement de la conscience littéraire, dont les racines, les modèles et les critères remontent à l'Antiquité pré-moderne et pré-chrétienne”

A ruptura com a tradição duradoura enfraquece o que é atual. A atualidade é vigorosa se pode se voltar e se reconhecer como parte inextricável de um conjunto de realizações que remonta às fontes primeiras. O mundo contemporâneo tem sua plenitude de significado quando não é circunscrito arbitrariamente aos valores cristãos e a preceitos modernos para a política e as artes. De modo que as ideias de Perrault afrontavam tudo por que lutava Boileau. Perrault lançava fora, sem qualquer cuidado, um longo trabalho de constituição do conhecimento. Ao longo do nosso ensaio essa ideia será desenvolvida, e o antagonismo de concepção entre Boileau e Perrault será melhor visualizado.

Em suas Memórias, com a ironia habitual Perrault comenta a reação de seu adversário após a leitura do Poema na Academia. Ao comentar a ocasião e o propósito da feitura do Poema ele faz questão de evocar as invectivas proferidas por Boileau, o que denuncia que elas de fato foram veementes:

Na sequência eu compus o pequeno poema do *Século de Luís O Grande*, que recebeu muitos elogios na leitura que foi feita na Academia Francesa, no dia em que ela se reuniu para testemunhar a alegria que sentia pela convalescença de sua majestade, após a grande operação a que foi submetida. Esses elogios irritaram de tal maneira a Despréaux que, depois de resmungar muito tempo baixinho, ele se ergueu na Academia e disse que era uma vergonha se ter feito tal leitura que censurava os maiores homens da antiguidade.²³ (1909, p. 136).

Talvez Boileau não tenha se manifestado tão acintosamente como querem as palavras de Perrault, mas decerto se manifestou de um modo que este não pôde ignorar.

Esta manifestação não se restringiu ao calor daquele dia. Boileau encampou contra Perrault sucessivos ataques repletos de sarcasmo. Se Perrault afrontava os antigos com argumentos tão injustos não merecia menos que ser afrontado da mesma maneira. Os epigramas que Boileau dirige contra Perrault são de uma virulência quase inacreditável. Em verdade, ele nunca admitiu que um Poema com aquele teor pudesse ter sido aceito em plena Academia. Julgava todos os argumentos de Perrault como

²³ “Ensuite je composai le petit poème du Siècle de Louis le Grand, qui reçut beaucoup de louanges dans la lecture* qui s'en fit à l'Académie françoise, le jour qu'elle s'assembla pour témoigner la joie qu'elle ressentoit de la convalescence de Sa Majesté après la grande opération qui lui fut faite. Ces louanges irritèrent tellement M. Despréaux qu'après avoir grondé longtemps tout bas, il s'éleva dans l'Académie, et dit que c'étoit une honte qu'on fit une telle lecture, qui blamoit les plus grands hommes de l'antiquité”.

infâmias indignas de serem ouvidas. Logo após a publicação do Poema escreveu este delicioso epigrama:

Clio veio outro dia se queixar ao deus dos versos / Que em certo lugar do universo / Tratava-se por autores frios, por poetas estéreis, / Os homeros e Virgílios. / Não pode ser; caçoavam de vós, / Ripostou Apolo encolerizado: / Onde se pôde ter dito tal infâmia? / Será junto aos Hurons, aos Tupinambás? / É em paris. – é então no asilo dos loucos? - / Não, é no Louvre, em plena academia²⁴ (1873, epigrama 26).

Sim, Hurons e Tupinambás, os povos nativos das Américas, símbolo da selvageria incivilizada no século XVII. Aqueles que ouvem as ideias de Perrault sobre os antigos são todos tupinambás incultos. Somente homens ignorantes do que representam aqueles grandes autores podem ouvir essas infâmias e discuti-las num espírito cordato. Num outro epigrama Boileau reforçará sua estupefação diante da serenidade de seus confrades acadêmicos. Ainda que poucos se manifestassem a favor de Perrault, muito poucos se insurgiram contra ele abertamente.

Tratei como Tupinambás / Todos estes belos censores, confesso, / Que, da antiguidade tão loucamente invejosos, / Amam tudo que se odeia, censuram tudo que se louva; / E a Academia, entre nós, / Padecendo em si tão grandes loucos, / Parece-me um tanto tupinambá²⁵ (IBID)

São loucos aqueles que desconhecem as origens de sua própria ciência. Se ignoram que sua civilização não se resume à imediatidade do presente não são melhores que os Tupinambás que aportaram na Europa estupefatos e perdidos.

Há outros epigramas nesse mesmo tom. Apesar de serem sarcásticos e desdenhosos, nota-se uma mágoa em Boileau. Ele pareceu sofrer visceralmente as ideias injustas de Perrault. Parece falar sempre em exclamações, atordoado e surpreendido. Para aquele que conhece toda a tradição do pensamento, Perrault está proferindo leviandades sem qualquer mérito intrínseco. A mágoa de Boileau é que essas

²⁴ “Clio vint l’autre jour se plaindre au dieu des vers / Qu’en certain lieu de l’univers / On traitait d’auteurs froids, de poètes stériles, / Les Homères et les Virgiles. / Cela ne saurait être; on s’est moqué de vous, / Reprit Apollon en courroux: / Où peut-on avoir dit une telle infamie? / Est-ce chez les Hurons, chez les Topinambous? — / C’est à Paris. — C’est donc dans l’hôpital des fous ? — / Non; c’est au Louvre, en pleine Académie”.

²⁵).“J’ai traité de Topinambous / Tous ces beaux censeurs, je l’avoue, / Qui, de l’antiquité si follement jaloux, / Aiment tout ce qu’on haït, blâment tout ce qu’on loue; / Et l’Académie, entre nous, / Souffrant chez soi de si grands fous, / Me semble un peu Topinamboue”

insanidades foram proferidas justamente no ambiente em que essas infâmias nunca poderiam ter lugar: a Academia Francesa. É como se exclamasse: Que indignidade, que degradação, que miséria toma um homem quando denigre suas origens! Alguém que diz ser Homero enfadonho, que diz, sem qualquer fundamento, haver inúmeros erros no Poeta, que diz, em fim, não ser Homero um modelo de excelência é um louco selvagem. Aquele que conhece os desdobramentos, confluências e ramificações por que passou o desenvolvimento do conhecimento europeu não comete a injustiça de se considerar livre de suas dívidas para com os antigos. O conhecimento não é matéria que se decida por meras aspirações sem fundamento. Não se ignora o contributo dos grandes autores antigos apenas afirmando que eles não são excelentes simplesmente porque se considera ser a excelência outra coisa. Aquele que cultiva o conhecimento em toda a sua cadeia de descobertas sempre respeitará os primeiros pais. Ainda que em sua maturidade intelectual ele desenvolva aqueles ensinamentos, nunca negará que os princípios ancestrais são causa apodítica de sua proposição. Se nega suas raízes, nega por conseguinte o próprio fundamento do que lhe é possível pensar e produzir. Os antigos apresentam aos homens de todas as épocas posteriores a partir do que é possível pensar e criar. Esta é uma fórmula com inúmeras possibilidades, mas nenhuma contempla a ruptura radical. Os filhos aprendem e reinventam. Não há a criação absoluta. Somente selvagens ignorantes julgam criar tudo do nada. O rebento sem um bom juízo diz o que lhe apraz. Desconhece as riquezas de seu pai, julgando-se descobridor absoluto das belezas do mundo. É do pai a responsabilidade de lhe apontar o erro. É preciso que lhe apresente seu salão de troféus, e lhe ensine a relevância e o significado de cada um. Os ensinamentos dos antigos pais são preciosos, e uma eventual insegurança e incerteza do aprendiz não é um mau começo. A insegurança indica a consciência do pouco conhecimento e a esperança de que alguém cuidará desse déficit. Todos os filhos bem educados primeiro deverão se familiarizar com as realizações de seus ancestrais. Deverão aprender a preservá-las com o amor que se dedica a tudo que é precioso. Somente a ignorância dessas riquezas gera o descuido na avaliação.

Perrault nem conhece os antigos corretamente. Não sabe traduzi-los. No epigrama 22 ele graceja:

Como é que Cícero, Platão, Virgílio, Homero, / E todos estes autores
que o universo venera, / Traduzidos em vossos escritos nos parecem
tão tolos? / Perrault, ao emprestardes a esses espíritos sublimes /

Vossos trejeitos no falar, vossas vilezas, vossas rimas, / Vós os fazeis todos Perraults²⁶ (IBID.).

Perrault é este filho louco, este tupinambá. Sem compreender suas raízes verdadeiramente, julga-as estúpidas segundo sua própria estupidez.

Boileau pensa no tupinambá como aquele selvagem que ao chegar à Europa a julgou absurda e repleta de insanidade. Mas ele assim o julgou porque desconhecia os princípios daquela organização. É como Perrault, que desconhecendo os princípios da composição da *Ilíada* julga a obra como excessiva e cheia de divagações enfadonhas. O desconhecimento do princípio regulador gera o desinteresse e leva ao juízo leviano. É simples a conclusão. Aquele que não compreende acertadamente a obra homérica não está em condição de emitir nenhum juízo sobre nada que se refira a ela e dela decorra. Perrault não é capaz de apreender o espírito dos antigos. Seus Homeros, Virgílios, Cíceros, são todos iguais, todos Perraults. Para Boileau, exímio conhecedor das sutilezas dos antigos, a uniformidade estilística nas traduções de Perrault somente aponta como este está distante daquelas grandes obras. Esta é a lição de Boileau: o conhecimento da infinidade de sutilezas que promovem a diferenciação entre Homero e Virgílio não é conseguido senão através de um longo caminho no estudo daquelas obras, como também no aprofundamento dos comentários que se seguiram a elas, das repercussões em outras obras. Este não é um aprendizado de uma noite. Não basta o desejo da perfeita compreensão. O tupinambá pintado por Boileau, ao chegar pela primeira vez na civilização europeia, talvez procurasse por todas as maneiras explicar para si suas visões estranhas. Mas lhe faltavam categorias. De modo que julgava aquele mundo segundo a pobreza do seu próprio. A grande empresa europeia com sua política e conquistas, com sua diversidade de ciências e costumes, traduzida no olhar do tupinambá figurava como apenas um uniforme país estranho. Para quem nada conhece, todos os estrangeiros são iguais, todos os sotaques são a mesma e incompreensível língua. Conhecer um povo é se inteirar de suas revoluções no tempo. Da mesma maneira, a diferença de elocução entre Virgílio e Homero não é apreendida somente pela leitura da obra. É preciso envolver essa leitura com os demais autores contemporâneos e ulteriores. É preciso, enfim, se encher daqueles tempos, para que o

²⁶ “D’où vient que Cicerón, Platon, Virgile, Homère, / Et tous ces grands auteurs que l’univers révère, / Traduits dans vos écrits nous paraissent si sots? / Perrault, c’est qu’en prêtant à ces esprits sublimes / Vos façons de parler, vos bassesses, vos rimas, / Vous les faites tous des Perraults”.

passado, em toda a sua intrincada e espessa cadeia de minúcias se torne vivo como é vivo o tempo presente. O homem que apreende essa vivacidade dos tempos adquire o conhecimento de sua herança intelectual. Ele então evoca suas raízes em cada uma de suas palavras, porque pertence a um conjunto de realizações que glorifica sua própria existência. Não é como o tupinambá que, numa terra estranha, porque não conhece as espessuras do passado, se torna um fantoche do presente, ao avaliar as coisas que o confrontam segundo sua imediatidade. Como não pode estabelecer a relação entre as coisas que o cercam, o mundo é um eterno presente de afecções desconexas. Para ele ouvir o nome de Descartes ou César não implica a menor diferença. Ele ainda não os situou no emaranhado infinito de nomes e realizações. Todas essas coisas pululam ao seu redor indigentes de tempo.

A justiça, para o antiquário, reside na avaliação do mérito segundo o conhecimento rigoroso do objeto. O modernista fala do presente como se fosse desligado do passado, como se não se originasse de nada. É preciso, antes do elogio exacerbado do presente, compreender de que raízes cresceu. E é a essas raízes que cabem a maior glória, pois foram elas as responsáveis por toda a empresa humana. Foi dos antigos o maior esforço, e de seus pensamentos tudo se desencadeou. Por isso eles são Princípios fundadores.

O método do antiquário define que o conhecimento se dá pela elucidação de suas fontes. Ele assinala que o desvalor do presente não é um mero descuido ou um amor cego, como acusam os modernistas. Há um princípio rigoroso para o objeto do conhecimento. Há técnicas, há regramentos para se debruçar nessa ciência. Não é simplesmente agarrar sua luneta e apontá-la para aqui ou acolá. O antigo requer profunda compreensão. Há muito que conquistar. Dominar sua língua, encarnar suas idiosincrasias mais sutis. A compreensão justa do presente é a compreensão da complexidade dos tempos. É preciso amar as fontes primeiras, de modo que o trabalho de perquirição não seja conduzido segundo um desdém a priori pelo passado. O amor pelas raízes não é o fruto de um ímpeto passional. É o amor que se consolida perante os intrincados vislumbres das origens, quando as mínimas frações se confundem em meio a indícios falsos e parecem perdidas, e então são reveladas pelo trabalho árduo e paciente. É o amor burilado nos métodos, a aprendizagem contínua de como não se deixar iludir pelos embustes engenhosos dos falsários. É o amor à arte de separar da verdade as mentiras, de reconhecer nesse espeço palimpsesto do conhecimento as

origens, raspando com segurança as camadas do tempo até que o primeiro sentido seja iluminado. E só então, quando esse sentido primordial é encontrado pode se falar em justiça avaliativa entre modernos e antigos.

IV. Esses eruditos, uma turba tumultuosa.

Após a recepção controversa de seu Poema, e dos ataques impiedosos por parte de Boileau, Perrault considerou que era necessário desenvolver com mais vagar as ideias enunciadas no *Século de Luís*. As palavras ferinas de Boileau pareceram apenas obstinar ainda mais Perrault em sua empresa. De modo que um ano após a leitura do Poema, Perrault publicava o primeiro tomo de seus Paralelos. Nos próximos dez anos publicaria mais três, cada um tratando de uma temática específica. Esses paralelos foram compostos na forma do diálogo. Um partidário dos antigos (o Presidente) debate com dois partidários dos modernos (o cavaleiro e o Abade). As três personagens disputam em argumento acerca de todas as grandes realizações humanas nas artes e nas ciências. O que o Poema apenas sugeriu, aqui é tratado com a franqueza da prosa. Mas o estilo dialógico serve apenas aos propósitos de Perrault em rebater uma a uma as eventuais vantagens dos antigos. Não há um debate exaustivo entre as personagens, no qual as contraposições sejam robustas de lado a lado. A personagem partidária dos modernos sempre é a que tem a última palavra.

No início do primeiro Paralelo, Perrault traça as características principais da formação intelectual de suas personagens. O primeiro é o Presidente, o amante dos antigos.

O presidente é um desses homens eruditos que parecem ter vivido em todos os séculos, tão bem instruído está de tudo o que neles se fez, e de tudo o que neles se disse. O extremo amor que ele cultivou desde sua juventude por todos os belos conhecimentos fê-lo conservar tal estima pelas obras dos antigos das quais consultou os originais, de modo que crê que os modernos jamais tenham feito algo, nem jamais poderão fazer alguma coisa que se aproxime dos antigos²⁷ (1688, p. 50).

²⁷ “Le président est un de ces sçavans hommes qui semblent avoir vescu dans tous les siècles, tant il est bien instruit de tout ce qui s’y est fait, et de tout ce qui s’y est dit. L’amour extrême qu’il a eu dès sa jeunesse pour toutes les belles connoissances, luy a fait concevoir une telle estime pour les Ouvrages des Anciens où il les a puisées, qu’il ne croit pas que les Modernes ayent jamais rien fait, ny puissent jamais rien faire qu’en approche”.

Este é o retrato do antiquário que Perrault tece. É um homem que se volta intransigentemente ao passado, e tem sua atenção fixada nas raízes de todas as coisas. Um homem que vive para os começos e não para o presente, que se dedica ao passado não porque é meramente antigo, mas porque supõe ser lá a fonte originária de todas as belezas. Ele sempre consulta os originais. É um homem cuidadoso, nunca se apressando a defender qualquer coisa antes de verificar todas as fontes. É nesse sentido que Perrault diz que o Presidente ‘é um desses homens que parecem ter vivido em todos os séculos’. Eles remetem cada pensamento a sua fonte de direito. Ninguém disse algo verdadeiramente inédito. Sempre houve algum antigo que já havia proposto algo semelhante. Viver em todos os séculos implica em verdade não viver em nenhum, mas fora de todos. Implica uma espécie de onisciência. Eis a imagem sarcástica de Perrault. O antiquário não reflete, ele busca a fonte. Como julga conhecer todas as coisas não considera necessário pensar por si sobre cada uma. Basta traçar para elas os nexos que a voragem dos tempos obliterou.

Nota-se ao longo dos paralelos pouca engenhosidade nos argumentos do Presidente. Ele defende os antigos sempre se reportando a autores renomados, mas invariavelmente seus argumentos são rebatidos absolutamente. O antiquário de Perrault é um homem fraco, incapaz de ousar em suas asserções.

Já o Abade, o defensor dos modernos, é pintado muito diversamente. É figura ousada e criativa.

O abade pode também ser considerado como um homem erudito, porém mais rico de seus próprios pensamentos do que os dos outros. Sua ciência é uma ciência refletida e digerida pela meditação, as coisas que diz provêm algumas vezes de suas leituras; mas ele as apropriou de tal modo que elas parecem originais, e carregam toda a graça da novidade. Ele cuidou em cultivar seu próprio cabedal, e como esse cabedal é fértil, retira dele por frequentes reflexões mil pensamentos novos, que, à primeira vista, parecem às vezes um pouco paradoxais, mas que, sendo bem examinados, acham-se repletos de sentido e de verdade. Ele julga o mérito de cada coisa por ela mesma sem ter consideração nem aos tempos, nem aos lugares, nem as pessoas, e se ele muito estima as excelentes obras que nos restaram da antiguidade, promove a mesma justiça com aquelas de nosso século²⁸ (IBID., p. 50-51)

²⁸ “L’Abbé peut aussi estre regardé comme un homme sçavant, mais plus riche de ses propres pensées que de celles des autres. Sa science est une science réfléchie et digérée par la meditation, les choses qu’il dit viennent quelquefois de ses lectures ; mais il se les est tellement appropriées qu’elles semblent

O modernista se relaciona com o conhecimento de um modo vivaz, pensará Perrault. Ele fala por si. Sua erudição nasce da necessidade da afirmação do novo, nunca da afirmação do antigo. Para ele, o mérito de cada coisa deve ser julgado ‘por ela mesma sem ter consideração nem aos tempos, nem aos lugares, nem as pessoas’. O tempo do modernista será então o tempo da afirmação do conhecimento legítimo. Há, para Perrault, tal conhecimento. Aquilo que se inscreve numa zona temporal é coisa datada e sem potência. Por isso a figura do Presidente aparece tão fragilizada nos Paralelos. Ao contrário do Abade, ele está preocupado com a acurácia das fontes, em não se expressar mal e nunca parecer paradoxal. De fato, os pensamentos do abade ‘à primeira vista, parecem às vezes um pouco paradoxais, mas que, sendo bem examinados, acham-se repletos de sentido’. Por que parecem paradoxais? Ora, assim o parecem porque ‘carregam toda a graça da novidade’. Aquele que se dedica à novidade conviverá sempre com esse sutil movimento entre o rigor e a inconsistência. Como não se vale de fontes originais, dado que segundo sua percepção científica elas não existem, deve fundar suas ideias sempre por argumentos inusitados e sem a autoridade auxiliadora de algum nome insigne. Perrault poderia dizer que foi o que sucedeu com o Poema. Pareceu paradoxal aos olhos dos antiquários porque era novo no que afirmava.

Já no prefácio do primeiro Paralelo Perrault afirmará seu descompromisso com a boa reputação conferida aos homens que fundam suas ideias todas em autores antigos. Quer se libertar do conjunto de normas de conduta intelectual praticado pelos antiquários eruditos. “Aspiro ainda menos conseguir daí a reputação, posto que censuro os sentimentos de grande parte daqueles que a conferem”²⁹ (1688, p. 25-26).

Ora, a boa reputação é signo de um reconhecimento público. Perrault não deseja o reconhecimento daqueles que outorgam tal reputação. Não o deseja, porque para ele

originales, et on toute la grâce de la nouveauté. Il a pris soin de cultiver son propre fonds, et comme ce fonds est fertile, il en tire par de frequentes reflexions mille penSées nouvelles, qui quelquefois semblent d’abord un peu paradoxes, mais qui estant examinées se trouvent pleines de sens et de verité. Il juge du merite de chaque chose en elle-même sans avoir égard ny aux temps, ny aux lieux, ny aux personnes, et s’il estime beaucoup les Ouvrages excellents qui nous restent de l’antiquité, il rend la mesme justice à ceux de nostre siècle”

²⁹ “J’aspire encore moins à m’acquerir par là de la reputation, puisque je blesse les sentimens d’une granDe partie de ceux qui la donnent. Je veux dire un certain peuple tumultueux de Sçavans, qui entestez de l’Antiquité, n’estiment que le talent d’entendre bien les vieux Auteurs, qui ne se recrient que sur l’explication vraysemblable d’un passage obscur, ou sur la restitution heureuse d’un endroit corrompu; et qui croyant ne devoir emplyer leurs lumières qu’à pénétrer dans les tenèbres des livres anciens, regardent comme frivole tout ce qui n’est pas érudition.”

os donos da boa reputação são caçadores de frases esquecidas, mais amantes das sombras do passado que da luz do presente. É uma certa “tumultuosaturba de eruditos, que, obstinados pela antiguidade, estimam somente o talento de entender bem os velhos autores, que se entusiasma unicamente por uma explicação verossímil de uma passagem obscura, ou por uma restituição bem sucedida de um trecho corrompido” (IBID., p. 26).

Perrault Vê na pretensa acurácia do antiquário uma obstinação cega. Eles não digerem o conhecimento para daí conceberem seu próprio pensamento. Não são homens de reflexão, como o Abade, mas de reconstituição e conservação, como o Presidente. Reconstituem as letras corrompidas, dão raízes às palavras dos primeiros autores, vivificam neles o que a voragem dos tempos consumiu. Eis sua maior alegria. Fazer falar os pais primitivos. Embriagam-se com os fluidos emanados dos velhos tempos. A cada fragmento reconstruído, a cada vírgula reassentada, sentem participar da potência de algo já consolidado e glorificado. Por isso é que, “crendo não dever ampliar suas luzes senão a penetrar nas trevas dos livros antigos, veem como frívolo tudo o que não é erudição” (IBID., p. 26).

‘As trevas dos livros antigos’. Que expressão intrigante. Ela somente reforça o sentimento do modernista Perrault. A erudição antiquária nasce com o conhecimento minucioso do passado. A força de toda a sabedoria emana das fontes originais. Os antiquários, segundo a ciência modernista, vivem para iluminar as sombras antigas, os objetos obscurecidos pela vivacidade do presente. Esse presente, para tais *antiquários*, não tem dignidade. É frívolo. A luz do presente não faz mais do que ofuscar os olhos que tentam se dirigir para as raízes. Ela está desfocada. Deveria se voltar para o lugar acertado. Deveria se voltar para as sombras do passado e ali incidir seu fecho de claridade para que enfim nenhuma réstia da glória dos pais primevos permanecesse oculta. Para que as ‘trevas dos livros antigos’ sejam iluminadas é preciso que o presente seja obscurecido. A clarificação dessas trevas apenas conduz ao amor desmesurado aos tempos e interdita o livre fluxo do pensamento criativo. Para o modernista, essa glória já teve o seu lugar. Agora é a vez dos homens que, como a personagem do Abade, pensam por si, que contra o primado da autoridade antiga afirmam o uso livre da razão.

Para o olhar voltado às fontes originais nenhuma contestação contemporânea incita a atenção. O tom que não estiver intimamente imbricado nas sutilezas do discurso do *antiquário* é palavra sem ressonância. Nesta ciência, toda contestação ganha um valor

estético. Ela, assim como o elogio, é parte de uma grande cena de reconstrução. Não se contesta um antigo senão pelas palavras de outro antigo. Ele não é glorificado senão com a ode descoberta de um outro. Ao presente cabe a nobre função de preparação do espaço. Ajustar os tablados, distribuir as flores, incitar os ânimos. Cumprir tarefas secundárias, porém não menos ilustres. E depois, quando o cenário estiver pronto, deixar o palco furtivamente e se dirigir aos camarotes e se deleitar com o espetáculo. Diante desse extremo cuidado, dessa responsabilidade com um trabalho que julgam da mais alta nobreza, nenhuma tentativa de perguntar pelo sentido de tudo isso alcança a mínima ressonância. O sentido tem a maior das obviedades, e só pode ser um tolo quem não o nota.

É precisamente este distanciamento avaliativo que Perrault pretende afrontar com suas asserções incisivas. Segundo pensa, não há dúvida de que a modernidade é superior à antiguidade. Basta que alguém se disponha a apontar. E ele, Perrault, se dispôs, ainda que talvez a matéria seja muito extensa. No entanto, está seguro que aquilo que diz no texto será o bastante “para convencer todo aquele que ousar superar todo preconceito e se servir de suas próprias luzes”³⁰ (IBID., p. 32). O modernista não se contenta com o retorno às fontes originais, porque nelas não há um juízo de comparação suficiente. Somente um juízo racional pode julgar o mérito legítimo de antigos e modernos. E Perrault tem a esperança de que todos aqueles que nunca refletiram sobre esse assunto que, após a leitura de seus Paralelos, se interessem pela matéria e tomem seu partido na defesa dos modernos (IBID., p. 33). Muitos são os assuntos que Perrault não se considera muito fluente. Por exemplo, que proveitoso seria ver

Um excelente filósofo nos oferecer uma história exata do progresso que os homens fizeram no conhecimento das coisas naturais; relatar-nos todas as diferentes opiniões que defenderam no transcorrer dos tempos, e o quanto esse conhecimento aumentou desde o princípio do nosso século, e principalmente desde a fundação das academias da França e da Inglaterra, nas quais pela ajuda dos telescópios e microscópios descobriu-se uma espécie de imensidão nos grandes corpos e nos pequenos, que confere uma extensão quase infinita à ciência que os tem por objeto³¹ (IBID., p. 36).

³⁰ “pour convaincre quiconque osera se mettre au dessus de la Prevention, et se servir de ses propres lumières”.

³¹ “un excellent Philosophe nous donner une Histoire exacte du progrès que les hommes ont fait dans la connoissance des choses naturelles ; nous rapporter toutes les differentes opinions qu’ils en ont euës dans la suite des temps, et combien cette connoissance s’est augmentée depuis le commencement de nostre siecle, et principalement depuis l’établissement des Académies de France et d’Angleterre, où par le

Os modernistas devem apontar os fatos. Contra essas evidências nenhum autor antigo pode se opor, pelo simples argumento de que não vive agora. Portanto, se um antiquário condena um modernista por julgar um antigo de modo injusto, ele não terá, na perspectiva modernista, evocado a melhor censura. Não é uma questão de justiça ou fidelidade. A coisa agora se julga pelas luzes da razão, e todo amor que obscurece esse juízo é crença supersticiosa. As fontes originais não são tidas em grande conta porque mesmo ao estudá-las profundamente e apreender seus nexos e contributos, esse conhecimento nada contribuirá para o juízo de que os modernos devem ser considerados como capazes de um pensamento autônomo.

V. os paupérrimos homeros.

Há, entre antiquários e modernistas um conflito acerca do que significa a autonomia do pensamento. Ao longo do embate Boileau / Perrault verificamos que ambos condenam o adversário por um certo tipo de cegueira. De um lado, Perrault acusa os antiquários de amantes incondicionais dos antigos que, ‘obstinados pela antiguidade, estimam somente o talento de entender bem os velhos autores’. De outro lado, Boileau acusa os modernistas de tupinambás estúpidos, conforme o epigrama que apresentamos acima. Para Boileau, ser dono de seu próprio pensamento significa ser capaz de perquirir as fontes e delas aduzir o conhecimento.

Se pudermos denominar esta divergência como sendo de método, será interessante apontá-la nas censuras que Boileau dirige a Perrault em suas *Reflexões Críticas Sobre Algumas Passagens Do Retor Longino (Réflexions Critiques Sur Quelques Passages Du Réteur Longin)*. Mais uma vez, é a questão homérica o centro do embate.

Depois da publicação dos Paralelos por Perrault, e quando se viu todos os argumentos mais controversos enunciados no Século de Luís sendo nesses diálogos retomados e desenvolvidos, Boileau sentiu a necessidade de rebater aqueles argumentos que julgava os mais absurdos e insultuosos. Por isso escreveu um texto como se refletisse acerca de alguns

secours des Telescopes et des Microscopes, on a découvert une espece d’immensité dans les grands corps e dans les petites, que donne une estenduë presque infinie à la Science qui les a pour objets”.

pensamentos de Longino retirados de sua obra *Do Sublime*. Mas não é nada disso. As reflexões são todas dedicadas a combater Perrault e os demais críticos dos antigos.

Na terceira de suas nove reflexões, Boileau se dedica a rebater Perrault acerca da tese avançada por este contra a existência histórica de Homero. Perrault, diz Boileau, em seus *Paralelos* contesta o Poeta “pela coisa mais falsa do mundo, isto é, que muitos excelentes críticos sustentam que jamais tenha havido no mundo um homem chamado Homero, e que tenha composto a *Ilíada* e a *Odisseia*”³² (1873, p. 309)”. Boileau demonstra toda a sua indignação e sarcasmo por esta ideia que considera tão flagrantemente inconsistente. A loucura de Perrault transcendeu todos os possíveis. Ele transpõe os limites de qualquer senso. E não bastasse esses hipotéticos autores desmentirem a existência de Homero, eles ainda afirmariam que a *Ilíada* e a *Odisseia* “não são senão uma coleção de vários pequenos poemas de diferentes autores, que foram ajuntados”³³ (IBID., p. 309). Eis, portanto, as opiniões de Perrault.

Recuperemos aqui as palavras do próprio Perrault, citadas literalmente por Boileau na segunda nota da página 309. Após dizer exatamente o que Boileau assinalou na citação acima, Perrault ainda vai mais longe, ao traçar o que ele supunha ser a etimologia do termo ‘Homero’. Com esta recuperação etimológica ele pensava fundamentar plenamente a inexistência do poeta Homero:

No tocante ao nome de Homero, que significa cego, vários desses poetas eram gente pobre e a maior parte cega, que iam de casa em casa recitar seus poemas pelo dinheiro, e por isso, poemas dessa natureza se chamavam comumente as canções de cego³⁴ (Perrault, APUD Boileau-Despréaux, 1873, p. 313).

A compreensão não é custosa. Se o termo Homero significa cego, e essas tais canções foram denominadas canções de cegos, logo, foram denominadas como canções de Homero. Que imagem mais extravagante não deve ter parecido a Boileau este Homero empobrecido e desfigurado.

Homero agora designa a função de cegos Aedos. Nenhum nome próprio, nenhuma referência a uma casa, a uma família, a um reino ou a um rei. O nome Homero

³² “Il commence la censure qu’il fait d’Homère par la chose du monde la plus fautive, qui est que beaucoup d’excellents critiques soutiennent qu’il n’y a jamais eu au monde un homme nommé Homère, qui ait composé l’Iliade et l’Odyssee”

³³ “ne sont qu’une collection de plusieurs petits poèmes de différents auteurs, qu’on a joints ensemble”.

³⁴ “Pour ce qui est du nom d’Homère., qui signifie aveugle, plusieurs de ces poètes étoient de pauvres gens et la plupart aveugles, qui alloient de maison en maison réciter leurs poèmes pour de l’argent, et à cause de cela, ces sortes de poèmes s’appeloient communément les chansons de l’aveugle”.

surge de uma observação cotidiana. Muitos são os aedos cegos a cantar suas fábulas. Pelo número e a frequência desses artistas, o termo Homero ganha um sentido genérico. Os homeros são gente nômade. A cada um deles é reputado um fragmento da *Ilíada* e da *Odisseia*. Os fragmentos dessas narrativas são ouvidos da boca de homens rudes, truculentos aedos de aldeias miseráveis. Junto ao fogo, trocam suas histórias por pão e vinho, satisfeitos por mais uma noite passada longe do frio e da chuva.

Os versos agora são grosseiros heroísmos naquelas bocas rudes. Grunhidos entre carne e pobreza, pouca ou nenhuma graça emana deles. Aquiles vive segundo a engenhosidade de cegos andarilhos. Sua honra não supera a honra daquele que o vivifica. E é assim que o nome de Aquiles é anunciado entre a fumaça das tabernas e os risinhos das meretrizes. Tantos grandes nomes agora lançados na mais vil miséria. Da lama pegajosa das estradas, das vestes empoeiradas e marcadas pela gordura e o vinho, das cabeleiras e barbas tomadas por piolhos nasciam Homero e seus grandes heróis. Nasceram de homens forjados no infortúnio, figuras desenganadas e alheadas dos rumos grandiosos de seu povo. Seu único futuro se anunciava no cultivo de uma grande memória. Sem os olhos, cumpria aprender a arte dos versos e levá-los aos ouvidos de homens ávidos por um instante de fuga de suas existências sem esperança de glória. Eis Homero e seus heróis. Figuras inconspícuas tecidas por desafortunados e apreciadas por miseráveis. É a imagem que Perrault criou.

E as ‘pessoas muihábeis’ (conforme as palavras de Perrault) que confirmariam essa tese no fim de contas se contariam em apenas duas, um tal abade de Aubignac e o retor latino Eliano. Sobre Aubignac ele diz: “O abade de Aubignac disso não duvidava, ele tinha tudo isso escrito em suas memórias”³⁵ (IBID.)”.

Boileau não demorará em desmentir Perrault. Suas afirmações não são dignas de confiança, e suas fontes muito discutíveis. O abade de Aubignac? “conheci o SR. Abade de Aubignac. Era homem de mérito, e mui hábil em matéria de poética, ainda que conhecesse mediocrementemente o grego”³⁶ (Boileau-Despréaux, 1873, p. 310). Sim, um bom homem, mas não confiável quando a matéria eram os autores gregos. Ainda assim,

³⁵ “L’abbé d’Aubignac n’en doutoit pas, il avoit des mémoires tout écrits”.

³⁶ “J’ai connu M. l’abbé d’Aubignac; il étoit homme de beaucoup de mérite, et fort habile en matière de poétique, bien qu’il sût mediocrement le grec”.

continua Boileau, “Estou certo de que ele jamais concebeu um tão estranho projeto”³⁷ (IBID., p. 310). E por que Boileau está tão certo? Porque há um adendo a se fazer acerca da sanidade deste abade. Ele nunca teria dito tal absurdo “contanto que não o tenha concebido nos últimos anos de sua vida, nos quais se sabe que ele caíra numa espécie de infância”³⁸ (IBID., p. 310). Somente uma criança ou um velho senil se aventuraria em tais conjeturas. Que Homero não existiu, que suas obras são fruto de pequenas fábulas ajuntadas? As crianças podem dizê-lo, pois ainda não foram devidamente instruídas e são poucas as coisas que conhecem. Os velhos senis, por sua vez, perderam suas faculdades. São dignos de pena. Que digam o que quiserem, pois ninguém os ouvirá com a esperança de haurir dali algo de valor. E Boileau continua com muita segurança, afirmando que O abade em seus tempos áureos “deveras sabia que não houve jamais dois poemas tão unitários e tão bem ligados como a *Ilíada* e a *Odisseia*, nem onde o mesmo gênio brilha por toda parte, como todos aqueles que os leram o dizem”³⁹ (IBID., p. 310).

As entrelinhas são muito claras. Só Perrault confia sua tese numa fonte tão discutível. ‘todos aqueles’ que leram Homero estão de acordo com sua unidade. É tolice pensar de outra forma.

E quanto à segunda fonte enunciada por Perrault, o retor Eliano? Boileau assinala que seu adversário cometera um erro primário de interpretação ao afirmar que O retor grego dissera o que ele nunca disse de fato. Com efeito, Perrault assegura que Eliano dissera que a *Ilíada* e a *Odisseia* primeiro surgiram como poesias esparsas. E Boileau, como ele mesmo diz, afim de apontar em Perrault “seu equívoco e sua má fé acerca dessa passagem”⁴⁰ (IBID., p. 314), cita novamente na íntegra as palavras de seu adversário:

Eliano, cujo testemunho não é frívolo, diz formalmente que a opinião dos antigos críticos era a de que Homero jamais compusera a *Ilíada* e a *Odisseia* senão em fragmentos, sem um plano unitário, e que não dera outros nomes a essas diversas partes que ele compusera sem ordem e sem arranjo no calor de sua imaginação, senão os nomes das matérias das quais ele tratava; que intitulara *A cólera de Aquiles* o canto que depois foi o primeiro livro da *Ilíada*; o recenciamento dos barcos aquele que se tornou o segundo livro; o combate de Páris e de

³⁷ “Je suis sûr qu’il n’a jamais conçu un si étrange dessein”

³⁸ “à moins qu’il ne l’ait conçu les dernières années de sa vie, où l’on sait qu’il étoit tombé em une espèce d’enfance”.

³⁹ “Il savoit trop qu’il n’y eut jamais deux poèmes si bien suivis et bien liés que l’*Illiade* et l’*Odyssée*, ni où le même génie éclate davantage partout, comme tous céus qui les ont lus em conviennent”.

⁴⁰ “sa méprise et sa mauvaise foi sur ce passage”.

Menelau aquele do qual fez-se o terceiro, e assim os demais. Ele acrescenta que Licurgo da Lacedemônia foi o primeiro que trouxe da Jônia na Grécia essas diversas partes separadas umas das outras, e que foi Pisístrato que as organizou, como disse acima, e que fez os dois poemas da Ilíada e da Odisseia, à maneira que nós os vemos hoje, com vinte e quatro livros cada um, em honra às vinte e quatro letras do alfabeto⁴¹ (Perrault apud Boileau-Despréaux, 1873, p. 313-314).

Boileau recorre então às palavras do próprio Eliano para refutar Perrault.

As poesias de Homero, diz este autor, correndo primeiramente na Grécia em peças separadas, foram cantadas pelos gregos antigos sob alguns títulos que eles lhes davam. Um se chamava O combate junto aos barcos; um outro, o recenciamento dos barcos; outro, A patroclea; um outro, o corpo de Heitor resgatado; outro, os combates feitos em honra de Pátroclo; outro, os juramentos violados. Foi mais ou menos assim que se divulgava a Ilíada. Foi o mesmo com as partes da Odisseia: uma se chamava A viagem a Pilo; outra, a passagem em Lacedemônia, O antro de calipso, o barco, A fábula de Alcino, O ciclope, a descida aos infernos, os banhos de Circe, A morte dos amantes de Penélope, a visita a Laerte em seu campo, etc. Licurgo, lacedemônio, foi o primeiro que, vindo da jônia, trouxe mais tarde à Grécia todas as obras completas de Homero; e Pisístrato, tendo lhes ajuntado num volume, foi aquele que deu ao público a Ilíada e a Odisseia no estado que nós as temos⁴² (IBID., p. 314-315).

Portanto, como aponta Boileau, Eliano diz simplesmente que primeiramente as obras de Homero apareceram fragmentadas na Grécia, e que somente mais tarde, por intermédio de Licurgo da Lacedemônia, é que foram ali introduzidas integralmente. Não há nada sobre Homero não ter existido ou sobre sua obra ser fruto de poetas menores.

⁴¹ “Élien, dont le témoignage n’est pas frivole, dit formellement que l’opinion des anciens critiques étoit qu’Homère n’avoit jamais composé l’Iliade et l’Odysée que par morceaux, sans unité de dessein, et qu’il n’avoit point donné d’autres noms à ces diverses parties qu’il avoit composées sans ordre et sans arrangement dans la chaleur de son imagination, que les noms de matières dont il traitoit ; qu’il avoit intitulé la Colère d’Achille, le chant qui a depuis été le premier livre de l’Iliade; le Dénombrement des vaisseaux, celui que est devenu le second livre; le Combat de Pâris et de Ménélas, celui dont on a fait le troisième, et ainsi des autres. Il ajoute que Lycurgue de Lacédémone fut le premier qui apporta d’Ionie dans la Grèce ces diverses parties séparées les unes des autres, et que ce fut Pisistrate qui les arrangea, comme je viens de dire, et qui fit les deux poèmes de l’Iliade et de l’Odysée, em la manière que nous les voyons aujourd’hui, de vingt-quatre livres chacun, en l’honneur des vingt-quatre lettres de l’alphabet.”

⁴² “Les poésies d’Homère, dit cet auteur, courant d’abord em Grèce par pièces détachées, étoient chantées chez les anciens Grecs sous de certains titres qu’ils leur donnoient. L’une s’appeloit le Combat proche des vaisseaux; l’autre, le Dénombrement des vaisseaux; l’autre, la Patroclée; l’autre, le Corps d’Hector racheté; l’autre, les Combats faits em l’honneur de Patroclo; l’autre, les Serments violés. C’est ainsi à peu près que se distribuoit l’Iliade. Il en étoit de même des parties de l’Odysée: l’une s’appeloit le Voyage à Pyle; l’autre, le Passage à Lacédémone, l’Antre de Calypso, le Vaisseau, la Fable d’Alcinoüs, le Cyclope, la Descente aux enfers, les Bains de Circé, le Meurtre des amants de Pénélope, la Visite rendue à Laërte dans son champ, etc. Lycurgue, Lacédémonien, fut le premier qui, venant d’Ionie, apporta assez tard em Grèce toutes les ouvres complètes d’Homère; et Pisistrate, les ayant remassées ensemble dans un volume, fut celui qui donna au public l’Iliade et l’Odysée, em l’état que nous les avons.”

Estão assim desqualificadas as fontes que sustentam os argumentos de Perrault. Uma não é digna de confiança, a outra é fruto de um equívoco ou má fé interpretativos. Perrault é um leitor indigno de crédito: “assim, eis mais de vinte inconsistências que Perrault cometeu sobre uma única passagem de Eliano”⁴³ (IBID., p. 317). Fica então Homero salvo das maledicências de Perrault. E fica salvo de todas elas, porque “é sobre esta passagem que ele funda todos os absurdos que ele diz de Homero”⁴⁴ (IBID., p. 317). A *Ilíada* e a *Odisseia*, segundo o interesse de Boileau, se mantêm como monumentos de coesão e concepção, como frutos de uma genialidade ímpar. Não há em suas obras ligações e inserções artificiais, isto é, o produto de uma fabricação conjunta e discrepante. Há um gênio regulador em todos os elementos, e todos os grandes eruditos consentem a essa opinião.

A virulência nas palavras de Boileau em suas *Reflexões* não permite outra conclusão. Perrault é um embusteiro. Ele, ao hipostasiar a inexistência de Homero, age com “má fé” (IBID., p. 314). Seu embuste é o de, com dolo, intentar contra a existência de Homero e de sua grande obra. Ora, se ele agiu com má fé, tinha desde o início querido defender essa tese. Se utilizou fontes, não foi senão para atribuir mais peso a suas próprias ideias. Com a leitura das *Reflexões* notamos que Boileau assim pensa, e suas desqualificações sistemáticas das ideias de Perrault têm a clara intenção de relegá-lo a um limbo de credibilidade intelectual. Em muitas passagens ele expressa algo como essas palavras, por exemplo:

Não sei como ele meteu na cabeça de chocar tão grosseiramente a razão, ao atacar em seus *Paralelos* tudo o que há de livros antigos estimados e estimáveis. Será que ele quer persuadir a todos os homens que nesses dois mil anos eles não tiveram bom senso? Isso é digno de pena⁴⁵. (1873, p. 299).

Boileau, nos parece, deseja atribuir a Perrault o demérito de todas as ideias absurdas sobre os antigos. Tudo que ele perpetrou contra eles vem de sua própria cabeça e ninguém de bom senso partilha tais inconsistências. Em outras palavras, Boileau está afirmando que Perrault não pertence de fato à república das letras. Ele diverge do que o pensamento majoritário postula.

⁴³ “Ainsi, voilà plus de vingt bévues que M. P... a faites sur le seul passage d’Élien”.

⁴⁴ “c’est sur ce passage qu’il fonde toutes les absurdités qu’il dit d’Homère”.

⁴⁵ “je ne sais pas comment il s’est allé mettre eu tête de heurter si lourdement la raison, en attaquant dans ses *Parallèles* tout ce qu’il y a de livres anciens estimés et estimables. Veut-il persuader à tous les hommes que depuis deux mille ans ils n’ont pas eu le sens commun? Cela fait pitié”.

É a tradição de pensamento que outorga a excelência a um autor, pensa Boileau. A apreciação continuada de um autor lhe confere sua excelência, não simplesmente o fato de ser antigo: “A antiguidade de um escritor não é um certificado certo de seu mérito. Mas a antiga e constante admiração que sempre se teve por suas obras é uma prova segura e infalível de que devemos admirá-los”⁴⁶ (IBID., p. 365).

A antiguidade não confere a excelência, mas a longevidade da apreciação a confere. De modo que quanto mais antiga for a tradição de apreciação, mais excelente é o autor. Nesse sentido, a excelência irrompe de uma robustez das raízes, isto é, dos fundamentos solidificados por grandes homens que continuamente perceberam que aquele autor tinha méritos inegáveis. Em outras palavras, a apreciação coletiva garante a excelência do autor, não porque esta, em si mesma, não esteja ali presente, mas, ao contrário, porque é tão notadamente presente que nenhum homem digno de crédito intelectual a deixou escapar quando leu aquele autor. É uma excelência nascida em um homem e autorizada por muitos. Não é o fruto de uma arbitrariedade singular, de um anseio escuso pela glória. É diversamente, a valoração atenciosa de muitos grandes homens. A excelência é consolidada na tradição.

Perrault, nesse sentido, não deverá ser ouvido porque é uma voz singular e sem ressonância. Isto é, Boileau considera Perrault indigno de ser bem reputado pela república dos eruditos. Ironicamente, nesse aspecto Boileau cumpre o próprio interesse de Perrault. Este já havia dito que não se interessava pelo que o grupo dos eruditos tinha a dizer sobre ele. Leiamos novamente suas palavras:

Aspiro ainda menos conseguir daí a reputação, posto que censuro as opiniões de grande parte daqueles que a conferem. Quero dizer, uma certa tumultuosa turba de eruditos, que, obstinados pela antiguidade, estimam somente o talento de entender bem os velhos autores (1688, p. 25).

Certamente, contudo, Boileau afirma a independência criativa de Perrault no sentido mais pejorativo possível. Ele deve ter uma reputação negativa porque não é um autor confiável. Ele intenta estremecer raízes que já há milênios estão consolidadas. Faz de autores modelos indiscutíveis de excelência matéria de disputa. Mas é uma disputa perdida. Como Perrault poderá disputar em pé de igualdade contra os maiores retores,

⁴⁶ “L’antiquité d’un écrivain n’est pas un titre certain de son mérite ; mais l’antique et constante admiration qu’on a toujours eue pour ses ouvrages est une preuve sûre et infaillible qu’on les doit admirer”.

poetas, literatos, filósofos que a humanidade já viu nos últimos dois milênios? Então, essa pretensa independência intelectual de Perrault é, para Boileau, um traço de sua pouca compreensão do mundo das letras e do pensamento.

Perrault, entretanto, está interessado menos na acurácia de suas fontes do que no teor de seu argumento em si. Seu interesse reside mais na afirmação, e muito pouco na autoridade que a sustenta. Não há, para ele, fundamento suficiente que garanta suas ideias. Ele luta contra a maior parte dos grandes homens porque diverge dela. Este é o traço típico do modernista. Sua atitude não é a de um árbitro que imparcialmente julga o mérito do que grandes homens disseram. Ele é um dos que dizem. Se Aubignac ou Eliano não disseram o que se supunha, pouco importa.

Perrault postula teses, as mais diversas. Ele não espera partilhá-las com algum antigo célebre com vistas a angariar credibilidade. Em sua autobiografia, escrita já na velhice, ele aponta que este seu traço propositivo e independente já o acompanhava desde os primeiros anos de escola. Ali ele nos conta que, nos primeiros anos de escola, como era ainda muito jovem, não lhe era permitido participar das disputas de filosofia com os alunos mais velhos da classe. No entanto, ele desobedeceu o mestre e sustentou suas teses contra eles. O mestre então se sentiu muito magoado com sua insolência e o mandou ficar em silêncio. Perrault então nos informa ter tido “a audácia de lhe dizer que meus argumentos eram melhores”⁴⁷ (1909, p. 20) que os dos demais alunos, porque os argumentos de Perrault “eram novos e os deles eram velhos e já muito repisados”⁴⁸. E Perrault continua seu relato:

Ele me ordenou uma segunda vez para me calar, no que eu lhe digo, me levantando, que, visto que ele já não me deixava dizer minha lição, [...] que já ninguém disputava contra mim, e eu era proibido de disputar contra os outros, eu já nada tinha que fazer em classe. Dizendo isso, prestei-lhe reverência e a todos os estudantes e saí da classe⁴⁹ (IBID., p. 20-21).

Independente da narrativa um tanto dramática de Perrault, importa menos sua acurácia factual que seu sentido geral. A observação que se deve fazer diz respeito ao anseio constante de Perrault de se afirmar, de não se submeter a uma autoridade sem

⁴⁷ “la hardiesse de lui dire que mès argumens étoient meilleurs”

⁴⁸ “étoient neufs et que les leurs étoient vieux et tout usés”.

⁴⁹ “Il m'ordonna une seconde fois de me taire, sur quoi je lui dis, en me levant, que puisqu'il ne me faisoit plus dire ma leçon, [...] qu'on ne disputoit plus contremoi, et qu'il m'étoit défendu de disputer contre les autres, je n'avois plus que faire de venir en classe. Em disant cela, je lui fis la révérence et à tous les écoliers, et sortis de la classe”.

que para tal haja justificativas razoáveis. E como ele relata esse fato da juventude de modo tão seguro e até orgulhoso de sua própria atitude, pode-se afirmar que este traço permaneceu em sua natureza até o fim de sua vida.

Decerto que aos alunos mais jovens da classe era interdito sustentar teses porque se supunha que ainda não estavam preparados adequadamente para tal. De fato, o próprio argumento de Perrault contra o mestre parece assinalar esse fato. Os seus argumentos eram novos e os dos demais alunos, velhos. Isto é, no que respeita à função da escola, ele ainda não aprendera as teses dos grandes homens e por isso defendia as suas afoitamente. Mas Perrault sequer sugere ter considerado a questão nessa perspectiva. Se a escola não o permitia expressar seu pensamento era melhor deixá-la. Com efeito, na sequência desse relato ele conta que um de seus amigos de nome Beurain o acompanhou, e ambos chegaram então à conclusão de “não mais retornar à sala, porque já não havia nada a aproveitar ali, todo o tempo aplicado a nada mais senão no exercício daqueles que deviam responder, e de nos colocar juntos a estudar”⁵⁰ (IBID., p. 21). Ora, afligia-o então o estudo sistemático, a dedicação aos livros. Ele se sentia indignado ao ver os demais alunos ativos em discussões, ao passo que ele era obrigado a estudar pensamentos de outros. Nesse sentido, nada poderia aproveitar da escola, em verdade. Ele e seu amigo fizeram o restante dos estudos arbitrariamente, lendo os latinos e os traduzindo. É interessante notar a metodologia de tais estudos:

Lemos Virgílio, Horácio, Cornélio, Tácito e a maior parte dos autores clássicos, dos quais fizemos os resumos que ainda tenho comigo. A maneira que fazíamos a maior parte desses resumos nos foi muito útil. Um de nós lia um capítulo ou certo número de linhas e, depois de lê-lo, ditava o sumário em francês, que cada um escrevia inserindo nele as passagens mais belas na sua própria língua. Depois que um havia lido e ditado dessa maneira, o outro o fazia também, isso nos habituou a traduzir e resumir ao mesmo tempo⁵¹ (IBID., p. 21).

Resumir e traduzir, dizer as passagens mais belas. Mas quem coligiu tais passagens, quem disse que as traduções eram fieis, quem concordou que os resumos respondiam pelo sentido geral do texto? Apenas Perrault e Beurain. O julgamento do

⁵⁰ “ne plus retourner en classe, parce qu'il n'y avoit plus à y profiter, tout le temps ne s'employant à autre chose qu'à exercer ceux qui devoient répondre, et de nous mettre à étudier ensemble”.

⁵¹ “nous lûmes Virgile, Horace, Corneille, Tacite et la plupart des autres auteurs classiques, dont nous fîmes des extraits que j'ai encore. La manière dont nous faisons la plupart de ces extraits nous étoit fort utile. L'un de nous lisoit un chapitre ou un certain nombre de lignes, et, après l'avoir lu, il en dictoit le sommaire en françois, que chacun de nous écrivoit en y insérant les plus beaux passages dans leur propre langue. Après que l'un avoit lu et dicté de la sorte, l'autre en faisoit autant, cela nous accoutumoit à traduire et à extraire en même temps”.

progresso de seus estudos era balizado unicamente pelo que os dois supunham aprender. Há aí uma segurança intelectual que mais parece temeridade intelectual. Conforme a citação acima, notamos que esses estudos tinham um caráter sempre ativo e criativo. Perrault enfatiza esse pendor a traduzir e resumir. Essas duas tarefas exigem a intervenção direta do sujeito. Nas duas ele deve, de certo modo, ‘sustentar teses’. Aquele que resume incorpora o texto e o apresenta segundo o que lhe pareceu mais digno de recordação. Da mesma maneira, aquele que traduz necessita representar para si o que leu, e escolher novas palavras e expressões para acomodar o sentido haurido numa língua diversa. Mas nesse trabalho muitas lacunas e imprecisões por certo nunca foram sanadas. Sem as amarras metodológicas da escola, o ímpeto inventivo de Perrault certamente não encontrou limites, e ele relegou ao segundo plano a aquisição da erudição propriamente. Por isso seus erros de interpretação, suas traduções pobres em estilo e incompetentes em captar as articulações próprias do original, como ressalta Boileau em seu epigrama. E Perrault ele mesmo admite que não estudava tanto, ao menos não tanto quanto seu amigo Beaurain: “No verão, quando soavam as cinco horas, íamos caminhar no Luxemburgo. Como Beaurain era mais estudioso do que eu, ao retornar a sua casa ele ainda lia, e durante nossa caminhada ele me repetia o que havia lido”⁵² (IBID., p. 22).

Com respeito aos textos, o interesse de Perrault se dirigia àquelas atividades que menos tinham em conta a fidelidade ao autor, notadamente o resumo e a tradução. Ouvia seu amigo relatar o que havia lido, porque ele mesmo não o fizera. Traduzia segundo seus conhecimentos, mas não se interessava muito em aperfeiçoá-los num estudo sistemático e rigoroso. Mas, com efeito, se priorizasse o conhecimento das fontes nunca teria de fato deixado a escola. Ou, por outro lado, se na maturidade tivesse percebido seu erro, por certo teria escrito essa passagem num tom bem diverso. Poderia ter ao menos dito, por exemplo, que abandonar a escola, em que pese ter lhe trazido alguns benefícios, também lhe trouxe muitas dificuldades no futuro, porque ele sempre cometia falhas ingênuas de compreensão e de erudição. Mas, ao contrário, Perrault apenas ressalta o caráter benfazejo de sua decisão: “Essa extravagância foi a causa de

⁵² “L’été, lorsque cinq heures étoient sonnées, nous allions nous promener au Luxembourg. Comme M. Beaurain étoit plus studieux que moi, il lisoit encore étant retourné chez lui, et pendant la promenade il me redisoit ce qu’il avoit lu”.

uma boa fortuna. Pois, se tivéssemos terminado nossos estudos normalmente, possivelmente estaríamos fadados, cada um de nós, a nada fazer”⁵³ (IBID., p. 21).

Nessa linha de pensamento, Perrault nos Paralelos diz algo semelhante. Ao justificar seu escopo de compor uma obra tão estranha aos cânones tradicionais, ele diz que escolheu a novidade em lugar de ser mais um comentador, apesar de que esta função lhe traria mais reconhecimento. Assim, em tom irônico e jocoso, ele explica como seria seu trabalho, se o fizesse conforme o gosto tradicional:

Se me engajassem em comentar algum autor célebre e difícil, eu seria muito incompetente ou muito estúpido se, entre os sentidos que podem receber os trechos obscuros de uma obra confusa e intrincada, não pudesse ali encontrar alguns que houvessem escapado a todos esses intérpretes, ou mesmo corrigir esses intérpretes em algumas falsas explicações. Uma dúzia de notas de minha autoria mescladas com todas aquelas de autores precedentes — que pertencem por direito àquele que comenta por último, me forneceriam de tempos em tempos grossos volumes, de modo que eu teria a glória de ser citado por esses eruditos, e de lhes ouvir dizer do bem que lhes proporcionaram minhas notas. Eu teria ainda o prazer de dizer meu Pérsio, meu Juvenal, meu Horácio. Pois se pode apropriar de todo autor que se faz reimprimir com notas, não importando quão inúteis sejam as notas a ele acrescentadas⁵⁴ (1688, p. 26-28).

Essa intransigência no intuito propositivo e este desprezo acintoso pelas fontes são os traços que mais indignaram Boileau na personalidade intelectual de Perrault. Não é possível, para Boileau, alguém que mal frequentou a escola, que claramente não é capaz de ler o grego e lê os latinos de forma medíocre possa se aventurar em criticar os antigos. Perrault não tem autoridade intelectual para sustentar suas teses. Pois, explicará Boileau, se “és um crítico e não conheces a língua daquele que deves criticar, e se não estás familiarizado com ele, eu não te censurarei por não veres nele as belezas, eu te

⁵³ “Cette folie fut cause d'un bonheur : car, si nous eussions achevé nos études à l'ordinaire, nous nous serions mis apparemment, chacun de notre côté, à ne rien faire”.

⁵⁴ “Je me serois attaché à commenter quelque Auteur célèbre Et difficile, j'aurois esté bien mal-adroite ou bien stupide, si parmi les differens sens que peuvent recevoir les endroits obscurs d'un ouvrage confus et embarrassé, je n'avois pû en trouver quelques-uns qui eussent échappé à tous ces Interprètes, ou redresser mesme ces Interprètes dans quelques fausses explications. Une douzaine de Notes de ma façon meslées avec tous celles de Commentateurs précédents qui appartiennent de droit à celui qui commente le dernier, m'auroient fourni de temps en temps de gros volumes, j'aurois eu la gloire d'estre cité par ces Sçavans, et de leur entendre dire du bien des Notes que je leur Aurois données : J'aurois encore eu le plaisir de dire mon Perse, mon Juvenal, mon Horace ; car on peut s'approprier tout Auteur qu'on fait reimprimer avec des Notes, quelques inutiles que soient les Notes qu'on y a ajuste”.

censurarei somente por falares delas”⁵⁵ (1873, p. 362). Eis a lamentável condição de Perrault ao censurar Homero: ele, “não conhecendo a língua de Homero, audazmente vem incriminá-lo a partir das baixezas de seus tradutores, e diz ao gênero humano que admirou as obras desse grande poeta durante tantos séculos: haveis admirado tolices”⁵⁶ (IBID., p. 362). Boileau não pode ser mais claro. Perrault, ao censurar Homero a partir de traduções, censura as tolices de seus tradutores supondo serem elas de autoria do Poeta. Quem então é o tolo? Boileau, através de uma metáfora responderá: “É quase a mesma coisa que um cego de nascença a sair por todas as ruas a gritar: senhores, sei que o sol que contemplais parece-vos muito belo, mas eu, que jamais o vi, declaro-vos que ele é muito feio”⁵⁷ (IBID., p. 362).

Perrault, segundo Boileau, nunca poderia ter sustentado sua tese sobre a inexistência de Homero. Se não é capaz sequer de ler o Poeta no original, como defender algo tão temerário? Sem a remissão às fontes nenhum argumento pode se sustentar. A solidez da tese é intrinsecamente correlata às proposições enunciadas pelas fontes originais. O argumento que desconsidera tais fontes promove uma ruptura com a linhagem nobre do pensamento. Aquele que ignora a excelência dessa linhagem fala uma língua estranha, pois ninguém dentre os grandes homens jamais a utilizou. Por isso a metáfora do cego de nascença tentando convencer os homens dotados de visão que o sol não é belo. Isto é: há, para Boileau, uma escolha clara ao longo da tradição do pensamento e das artes por um certo modo de fabricação. Esse modo se consolidou a partir de inúmeras grandes obras, de modelos gerais. De modo que o amor aos antigos não é uma paixão arbitrária. Antes, é o amor pela capacidade de ver as fontes da beleza, de se poder encadear cada fundamento com seus desdobramentos, de encontrar tanto num Ésquilo quanto num Racine traços convergentes de fabricação. Nunca um argumento de ruptura poderá se equiparar ao sentimento de pertença enraizada que tal herança provoca. Para o cego de nascença é simples duvidar da beleza do sol. Ele nunca a contemplou. Por isso para Perrault é tão natural contestar os antigos. Ele não os

⁵⁵ “Quand je dis cela néanmoins, je suppose que vous sachiez la langue de ces auteurs ; car, si vous ne la savez point, et si vous ne vous l’êtes point familiarisée, je ne vous blâmerai pas de n’en point voir les beautés, je vous blâmerai seulement d’en parler”.

⁵⁶ “ne sachant point la langue d’Homère, vient hardiment lui faire son procès sur les bassesses de ses traducteurs, et dire au genre humain, qui a admiré les ouvrages de ce grand poète durant tant de siècles : Vous avez admiré des sottises”.

⁵⁷ “C’est à peu près la même chose qu’un aveugle-né qui s’en iroit crier par toutes les rues : Messieurs, je sais que le soleil que vous voyez vous paroît fort beau, mais moi, qui ne l’ai jamais vu, je vous déclare qu’il est fort laid”.

conhece nem compreende seu legado para a posteridade. Este é um truísmo tão óbvio para Boileau que é uma estupidez absurda ignorá-lo.

No entanto, não é de fato um truísmo. Para fins de explicação, abandonemos por ora as flagrantes inconsistências de Perrault e pensemos por meio de uma hipótese. Suponhamos, por exemplo, que Perrault conhecesse perfeitamente o grego, e que fosse até mesmo um dos grandes tradutores de Homero em seu tempo; Suponhamos ainda que ele levantasse a mesma tese acerca da inexistência de Homero, com a única diferença que não se fiaria em Aubignac nem na equívoca interpretação de Eliano, mas em argumentos de seu vasto cabedal erudito, apontando seus pareceres e opiniões, questionando a tradição que pensa em Homero como um homem só, contestando os inúmeros autores citando as passagens discutíveis, etc.. Com efeito, a tese ainda seria inédita, e este Perrault a defenderia contra toda a linhagem de pensamento. Como Boileau se comportaria? Será que modificaria seu tom virulento? Não nos parece que sua censura seria muito alterada. Talvez não fosse tão virulenta porque, em razão da vasta erudição do trabalho, não houvesse ocasião para eventuais ridicularizações.

Ora, recordemos que para Boileau a credibilidade de uma fonte original está fundada no longo percurso por que foi objeto de comentários e apreciações dos mais conceituados autores. É um argumento que se funda no caráter majoritário do favorecimento crítico, ainda que este favorecimento majoritário seja causado por uma excelência intrínseca, como já assinalamos anteriormente. Nesse sentido, seria impossível a um contemporâneo renomado defender qualquer tese contra um antigo célebre e esperar aprovação imediata apenas pela coerência e coesão de sua argumentação. Ele nunca contaria com o apoio de autoridades suficientes. Como ele luta contra uma tradição de milênios, conta somente consigo mesmo como autoridade respeitável. Pois, de fato, a autoridade de alguém depende necessariamente da aprovação sistemática e duradoura de outros grandes homens. Trata-se de uma teia indevassável de influência. Um crítico respeitável seria, na melhor das hipóteses, o primeiro a avançar uma tese consistente contra Homero. De modo que receberia o devido crédito somente se ao longo dos tempos outros homens respeitáveis tendessem a concordar com ele e, paulatinamente, sua tese ganhasse corpo até que pudesse rivalizar com a primeira. Mas então, ironicamente, o crédito da tese seria reputado não a um homem, mas ao número daqueles que convergiram na mesma direção. Assim, um contemporâneo continuaria a não poder se fiar em si e em seus argumentos. Sempre

teria que remeter suas teses a anuência da tradição. De modo que nosso Perrault hipotético sempre se depararia com uma situação paradoxal. Como é um fato que ninguém influente na antiguidade levantou uma tese contra a existência de Homero, por mais erudito que fosse nosso Perrault ele teria que aguardar sua própria tese ganhar corpo através das referências que futuros autores célebres fariam a ela. Seu valor intrínseco seria apenas objeto de combate. Sua respeitabilidade conseguida por sua erudição notória seria lançada em dúvida, e ele se tornaria suspeito de leviandade intelectual. Para Boileau, a anuência não nasce na atualidade, mas na posteridade. Importa menos o autor do que sua linhagem.

Assim, Boileau não se indigna propriamente contra a inépcia de Perrault. Sua indignação se dirige ao caráter libertino de suas ideias. Elas não têm raiz, estão expatriadas, são estrangeiras na república das letras. Nenhum dos ilustres cidadãos dessa república admitiu tais ideias. Elas não são teses. São ensaios subjetivos, como que monólogos interiores. Boileau tem absoluta convicção de que elas não vingarão. Como não têm raízes fortes não há futuro para elas.

De fato, como fugir a essa armadilha? Pois, para Perrault, decerto essa concepção lhe figuraria como uma armadilha. Ela não concebe a possibilidade de o tempo presente se emancipar. O tempo se constitui como uma extensão continuada da antiguidade. Mas Perrault julga que a afirmação modernista pressupõe a ruptura com os antigos. O gênio criativo está sempre pronto a novas teses, e não pode ser aprisionado pela meticulosidade antiquária. Perrault parece se insurgir contra a necessidade da remissão às fontes porque essa fundamentação desautoriza o proponente, tornando sua tese um adendo ou um comentário. Ele não quer se sujeitar a produzir trabalhos nos quais apenas acresce notas explicativas. O século XVII está repleto de novas invenções e novas filosofias que flagrantemente nunca se viram na antiguidade. Estas são provas de que as fabricações nem sempre podem ser remetidas a fontes anteriores. Assim é que ele julga possível levantar teses inéditas contra Homero. Como o telescópio e o microscópio ela talvez lance luz para novas possibilidades, e fuja ao lugar comum do debate tradicional.

2. Infalibilidade e falibilidade: um jogo entre passado e presente, sagrado e profano.

I - Não sacrificarei aos antigos.

Os tempos antigos, segundo o *modernista*, já não compõem, nas mentes de seus amantes, os calendários e as cronologias frias. Muitos se reportam a eles como se neles habitassem deuses e heróis. Falam de batalhas antigas, mas daquelas lutas nunca houve similar posteriormente. Falam de poetas, mas nunca surgirá um outro que ao menos os iguale. A antiguidade está alheada dos planos mundanos. Subsiste como que por si, ativa em meio às misérias dos homens do presente. É um nicho de excelência inatingível, uma instância que inspira veneração. Ao espírito modernista, todavia, não parece nem um pouco adequada esta sinonímia entre antiguidade e veneração. E menos ainda, a estreita relação entre tal veneração com um sentido absoluto de excelência.

No primeiro capítulo assinalamos o trabalho do antiquário em afirmar um estatuto objetivo para as fontes originais. Nessa perspectiva, os antigos não seriam simplesmente autores de tempos idos, mas, diversamente, modelos de uma excelência robustecida e anuída ao longo de todos os tempos. De modo que a excelência dos antigos estaria fundada numa teia inumerável de grandes pensamentos e pensadores, referendada por uma unanimidade que é a própria face do que o gênero humano produziu de mais superior. Todo este arcabouço de conhecimento é o desdobramento ou desenvolvimento ou variação do que os grandes antigos criaram. Em outras palavras, ao antiquário os antigos figurariam como fundamento necessário para todo conhecimento digno. Não há ruptura possível.

Agora queremos mostrar que acompanha todos os princípios de excelência um pressuposto de oposição às mundanidades, uma sacralidade que acarreta as mais dedicadas profissões de fé. Segundo o modernista, a constituição de fontes originais para a constituição de um conhecimento robusto conduz, concomitantemente, à idolatria daquelas entidades, porque já não se reconhecem nelas as fraquezas e veleidades humanas. Perrault e Boileau representam o jogo desse embate furioso. Os antigos são deuses modelares e altivos? Ou apenas homens, mistificados pelas paixões humanas?

Fundamos este ensaio nas proposições enunciadas por Agamben em sua obra ‘Profanações’ (2007). As distinções que ele promove ali entre sagrado e profano e o que determina o caráter religioso iluminaram nossa compreensão e desenvolvimento do texto a seguir. Para o autor, a religião é precisamente definida por seu caráter de separação.

Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, como toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso. O dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício (2007, p. 58).

No ato de veneração, segundo Agamben, está inscrito um distanciamento entre o objeto de adoração e o mundo ordinário. A relação que se terá com tal objeto, portanto, não se coadunará com a prática cotidiana. Assim é que se justifica Agamben afirmar que o elemento que regula essa separação é o sacrifício. No ato religioso é requerido um rito dramático que destaque a separabilidade sagrada.

Observemos como este traço se inscreve nos argumentos de Perrault. Este iniciará seu Panegírico aos modernos com essa advertência. “A bela Antiguidade foi sempre venerável, / Mas jamais cri que ela fosse adorável” (Perrault, 1687, VS. 1-2). Eis uma distinção que se deve traçar nessas palavras. A antiguidade sempre foi tida em veneração. Perrault, contudo, não vê nessa afeição motivos para um amor indiscriminado, uma adoração. Para o que é digno de adoração se requer um movimento de submissão e zelo. Se nos antigos há tal dignidade, então se justificaria uma postura respeitosa e solene perante aquelas figuras.

Perrault não se dobrará. Não vê porque o deveria: “Vejo os Antigos sem dobrar os joelhos, / Eles são grandes, é verdade, mas de nós homens parelhos” (IBID., VS. 3-4). Os antigos são grandes. E, conquanto grandes, ainda homens. Homens como todos os demais, partícipes das contingências mundanas, figuras recorrentes, embora destacadas. Perrault está promovendo uma reinserção desses homens no domínio do mundo. Quer ajuntá-los, retirá-los de seu domínio religioso de separação. Se eles são adoráveis, logo estão separados, e nada há para se fazer a não ser se ajoelhar submisso e silencioso. Perrault recusa justamente o ato de se ajoelhar, um sacrifício perante os antigos. Ele recusa o ato que assinala e mantém a condição sagrada daqueles homens.

É importante notar que Agamben encontra na própria etimologia do termo ‘religião’ a disposição pela separação já referida:

O termo religio, segundo uma etimologia ao mesmo tempo insípida e inexata, não deriva de religare (o que liga e une o humano e o divino), mas de relegere, que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses, a inquieta hesitação (o "reler") perante as formas — e as fórmulas — que se devem observar a fim de respeitar a separação entre o sagrado e o profano. Religio não é o que une homens e deuses, mas aquilo que cuida para que se mantenham distintos. Por isso, à religião não se opõem a incredulidade e a indiferença com relação ao divino, mas a "negligência", uma atitude livre e "distraída" — ou seja, desvinculada da religio das normas — diante das coisas e do seu uso, diante das formas da separação e do seu significado (IBID., p. 59).

Para Agamben, é justamente a negligência do caráter separado de um objeto aquilo que lhe retira sua natureza religiosa. O profano é, portanto, aquilo que é corriqueiro, que é parte do mundo e não requer atenção especial.

Reportando ao direito romano, Agamben define a distinção entre o sagrado e profano de um modo muito apropriada para os propósitos deste ensaio. Pois, diz o autor, “se consagrar (sacrare) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restituí-las ao livre uso dos homens” (IBID., p.58).

Quando Perrault contesta a venerabilidade dos antigos, e se recusa a se dobrar diante deles, ele os recoloca fora de uma atenção sacrificial. Ele necessita, pois, repisar a fragilidade daqueles heróis. Se permanecem em seu pedestal de intocabilidade, toda a palavra contra eles será vã, gritos guturais e desagradáveis. As palavras devem ser proferidas no idioma dos homens, sem os protocolos ritualísticos ou os receios cortesões. Os antigos devem se tornar homens. Seu tempo, ainda que tão recuado, deve ser calculado e posto na ordem progressiva das coisas.

II – o amor excessivo leva à idolatria.

Os antigos não são, na ciência do antiquário, velhas figuras de tempos remotos. Perdeu-se a contagem de seus anos. Foram abandonadas suas efígies, as marcas que determinavam e regulavam suas incidências humanas. De homens viscerais se convertem em *entidades sagradas*. Onde está o corpo de Homero? O que fizeram com suas falhas previsíveis, com suas preferências, suas teimosias, condescendências e ignorâncias?

Perrault propõe tais interrogações. Quer permanecer de pé perante os antigos, e encará-los de frente. Quer considerá-los na medida devida, e não lhes dedicar uma afeição idólatra. É preciso recolocar as coisas excelentes em seu lugar de direito. E o lugar de direito não é o de irrestrita adoração. Porque, diz Perrault, o destino das melhores coisas é sempre o de “se tornarem más pelo seu excesso, e de se tornarem na proporção de sua excelência”⁵⁸ (1688, p. 10). Essas coisas se tornam más quando excessivas. Perrault explicará sua proposição. O excesso de que ele fala é o da veneração. O que é excelente deve ser venerado, é verdade. Sua excelência já é, ela mesma, um juízo de valor, aferido por um conjunto de normas e paixões instituído. O excesso da veneração, todavia, conduz tal excelência a um plano separado. Desse modo, “muitas vezes essa veneração tão louvável em seus primórdios, transformou-se numa superstição condenável, e algumas vezes chegou mesmo à idolatria”⁵⁹ (IBID., p. 11).

A excelência é um parâmetro, um termo regulador. O que é excelente traz consigo o signo de uma comparação. Para cada nota de excelência há um correlato oposto, isto é, uma nota de falha e insuficiência. Desde que a excelência nasça das coisas efetivamente mundanas, e que permaneça fiel a seus começos. Mas a excelência das coisas sempre descamba, segundo Perrault, para o excesso com o passar do tempo. De uma veneração benfazeja, a coisa excelente se transforma em um signo de veneração irrestrita. As notas que assinalavam o que conferia tal excelência são esquecidas. Resta apenas o juízo, como se tratasse de uma excelência em si, uma totalidade excelente. Agora, já esquecidas tais determinações, o objeto de veneração impera soberano e altivo, a própria face da excelência, um modelo, um deus.

⁵⁸ “devenir mauvaises par leur excès, et de le devenir à proportion de leur excellence”.

⁵⁹ “Souvent Cette veneration si louable dans ses commencements, s’est changée dans la suite en une superstition criminelle, et a passé mesme quelquefois jusqu’à l’Idolatrie”.

Assim, para o modernista, é preciso recordar as fraquezas tipicamente humanas daquelas personalidades. Se são excelentes, não o são em si. Cabe, portanto, aos modernistas recolocá-las na ordem comum das coisas. Criar para Aristóteles, Virgílio, Platão, marcas determinantes de sua excelência, parâmetros que os justifiquem e informem, concomitantemente, no que não foram excelentes. Mas para tal intento há que se profanar certas instituições.

III – Hagiografia.

Tanto para a fundação de fontes modelares quanto para a consagração de objetos, os homens ignoram as raízes de onde eles decorrem. Separados tais objetos do plano das contingências mundanas, um novo discurso é instaurado. Sua aparência é a da narrativa memorialista, como uma pesquisa minuciosa e rigorosa do périplo por que passou aquele objeto até alcançar sua aura sagrada.

Assim são construídas as hagiografias. Antes que se narre a vida do homem santo é necessário que seja santificado. Então sua biografia será contada, mas já não será a mera narrativa biográfica de um homem. Será a história de um santo, e todos os fatos narrados carregarão o sentido grandioso de uma vida *separada* e incomum. O homem que primeiro fora um pastor, ou um sapateiro, ou um pescador, que levava sua vida segundo as normas corriqueiras do mundo, tem, na narrativa hagiográfica, um novo padrão para as suas ações. Já não há em sua vida as típicas surpresas e coincidências tão recorrentes durante o tempo de uma existência. Os *traços* que caracterizam uma personalidade individuada e irrepetível são abolidos. São reservados para a narrativa hagiográfica os eventos que permitem a consagração. “o respeito que se teve pela memória aumentou de tal modo, que neles não se quis ver mais nada que se ressentisse da fragilidade humana, e consagrou-se por isso até seus defeitos”⁶⁰ (IBID., p. 12). Nesta narrativa é contada uma história muito especial. Toda a existência do homem santificado se transforma numa cadeia contínua de manifestações claríssimas das qualidades que conferiram a ele a santidade. Sua santidade é apresentada como um dado inequívoco que é descrito apenas para a glória de Deus e edificação dos homens. Na

⁶⁰ “Le respect qu’on eut pour le mémoire s’augmenta tellement, qu’on ne voulut plus rien voir en eux qui se ressentit de la foiblesse humaine, et l’on en consacra tout jusqu’à leurs défauts”.

vida do santificado, todos os encontros estavam previstos, todas as palavras carregavam uma mensagem ou um aviso.

Nas hagiografias não sucedem eventos fortuitos. Há uma providência que as supervisiona e rege. Os eventos de caráter incompreensível, tão comuns nas vidas dos homens ordinários, são, na narrativa dos santos, dotados de causas muito bem explicadas. Um homem ordinário pode, por exemplo, ao longo de sua vida proferir inúmeras palavras impensadas, arroubos de ira ou amor, que muitas vezes passam despercebidas e inócuas, e outras vezes provocam os maiores danos nas situações mais imprevisíveis. Um indivíduo pode maldizer seu governante incontáveis vezes ao longo de sua existência. Se habita um país em que graça a plena liberdade política, nenhum dano lhe sucederá, e será apenas mais um cidadão a engrossar o número dos insatisfeitos e ocupados com seus próprios interesses. Se, por outro lado, incorre na aventura de contradizer o governante de um estado totalitário e opressor, sofrerá as sanções da praxe, aí incluídas a prisão e a morte. Em ambos os casos, entretanto, tudo transcorrerá conforme as práticas ordinárias, e a existência dessas personagens não cumprirá nenhuma sina especial. No regime opressor, as palavras do insurgente são caracterizadas como crime, e a lei o encontrará e o anulará, e nenhum rastro de suas palavras e feitos perdurará para além da memória daqueles poucos que o amavam. Da mesma maneira o maldizente do regime de liberdade plena. Será folha lançada ao vento, insignificante ruído que ninguém se dispôs a ouvir.

Não ocorre o mesmo com as palavras do santificado. Elas sempre terão um propósito, sempre produzirão um resultado determinado. Os vaticínios de um santo nunca são descuidados. Ao contrário do cidadão ordinário de um país livre, cujas imprecações são meras palavras de circunstância, essas mesmas palavras ditas pelo homem santo, em condições similares, terão um sucesso distinto. Elas se encadearão num grande complexo de profecias e prognósticos extemporâneos. Assim, cada catástrofe, cada novidade, cada coisa imprevista que sucederá àquela nação será reportada às palavras do santificado, e sua glória sempre crescerá. No mesmo sentido, se no país do poder opressor, esse homem também será preso e morto. No entanto, já será um herói da libertação, um mártir. Já terá conquistado as mentes e os corações de seus concidadãos, e suas palavras nunca morrerão.

O santificado nunca dirá efetivamente grandes palavras. Elas serão engrandecidas pela ciência dos antiquários. Basta apenas um único feito diferenciado,

ou uma única contribuição relevante para que um homem se distinga e que os demais se apeguem a ele e o invistam com o poder de responder e atender aos grandes anseios de todos. Ele será visto pelo que o separou e distinguiu, e tudo o mais de sua existência será perdido para sempre. Conta-se uma nova biografia. A palavra mais insípida proferida agora é uma antevisão extraordinária. “Basta que uma coisa tenha sido feita ou dita por esses grandes homens para ser incomparável”⁶¹ (IBID., p. 12).

No vocabulário de uso profano as palavras estão dispostas segundo a ordem do embate e da desconfiança. A grandeza de sua enunciação reside no grau da organização interna de suas proposições. São grandes os argumentos mais coesos e mais coerentes. Mede-se a extensão do argumento. Aquele que melhor abarque o objeto pretendido é o que merece maior interesse dos adversários. No embate ordinário o termo decisivo entre a grandeza e a insignificância é a comparação. A todo instante ideias são perseguidas e massacradas. Argumentos são enfrentados e desmascarados, e a vírgula mais ingênuas ganha contornos cruciais nas defesas e nos ataques. Os homens profanos se destacam quando seus argumentos não se curvam facilmente diante dos ataques. Então se dirá que aquele homem é grande porque em comparação a seus pares se mantém firme e vitorioso, suas asserções são mais verdadeiras. Mas nunca se poderá dizer que suas palavras são incomparáveis. Se assim o forem, finda ali toda a disputa.

Se o caráter incomparável de um argumento é assumido em sua acepção precisa, ele foge à estrutura ordinária da gramática. Ganha uma nova coesão e coerência. Já não é possível combatê-lo com as armas impiedosas da lógica e da argúcia científica. O caráter de incomparabilidade interdita ao argumento ser o fruto da esperteza de um homem. Agora é o fruto de uma inteligência com tons inexplicáveis. Há algo de fugidivo no que ele profere.

A perda do termo de comparação gera a sacralização do argumento e, por conseguinte, de seu emissor. A ele é então permitida toda a licença. Como já não é comparável, habita um país onde as palavras são todas grandiloquentes verdades. Aos homens ordinários cabe interpretá-las segundo o melhor de suas capacidades, para que sejam lidas em sua essência original, ainda que toda a interpretação pareça uma aproximação hesitante. É o que, conforme Perrault, sucede com a veneração aos antigos. A eles tudo se perdoa. Há, hoje, “uma espécie de religião entre alguns eruditos de

⁶¹ “Ce fut assez qu’une chose eust esté faite ou dite par ces grands Hommes pour estre incomparable”

preferir a mais pífia produção dos antigos às mais belas obras de todos os modernos”⁶² (IBID., p. 12-13).

Ora, ‘a mais pífia produção dos antigos’ é uma expressão profana. Para os antiquários não há tais produções. Não há sequer um termo de comparação. É Perrault, um modernista profano, que traça este paralelo. Sua avaliação é desencantada, e não segue os pressupostos dos homens que santificaram aquelas produções. Porque os objetos são retornados ao uso comum, destituídos de sua pertença não usual:

Puro, profano, livre dos nomes sagrados, é o que é restituído ao uso comum dos homens. Mas o uso aqui não aparece como algo natural; aliás, só se tem acesso ao mesmo através de uma profanação. Entre "usar" e "profanar" parece haver uma relação especial (AGAMBEN, 2007, p. 65).

IV – os homens são todos comparáveis.

A comparação traz consigo algum pressuposto de capitulação. Aquele que compara admite capitular naquelas notas em que o conceito adversário alcança proporções mais admiráveis. Espera-se que o *melhor* seja aquele no qual a proporção entre as vantagens e desvantagens seja a mais díspar. Da mesma maneira é o que se espera do pior, isto é, que suas desvantagens sejam superiores às suas vantagens. Mas nessas valorações nunca está alheado um sentido mundano de fraqueza e força, de falha e acerto. Essas dualidades caminham em conjunto, se sucedendo e se anulando, elementos cambiantes que em nenhum momento alcançam a estabilidade.

Por isso Perrault fala dos antigos em termos ordinários de comparação. Os antigos podem ser bons ou ruins, mas não podem ser incomparáveis. Da mesma maneira os modernos. Deve haver um ponto de contato entre ambos. “Pois, enfim, qualquer estima que eu cultive pelas obras do nosso século, encontro nelas defeitos, e em algumas defeitos muito consideráveis”⁶³ (IBID., p. 59).

Perpassa nas palavras de Perrault o elemento da instabilidade. Há bons e maus aspectos, juízos indecisos, avaliações que pressupõem o debate e os variados anseios.

⁶² “une espèce de Religion parmy quelques Sçavans de préférer la moindre producTion des anciens aux plus beaux Ouvrages de tous les Modernes”.

⁶³ “Car enfin quelque estime que je fasse des ouvrages de nostre siècle, j’y trouve des défauts et mesme dans quelques-uns des déffaut très-considerables”

Antigos e modernos são entidades profanas. São propriedades dos homens, e dependem de suas avaliações erráticas e de suas esperanças íntimas.

Os antiquários, conforme assinala Perrault, divergem dessa posição. Em suas avaliações asseguram que os antigos “atingiram a suma perfeição, de modo que é uma temeridade querer neles encontrar algo que se ressinta da fragilidade humana, que tudo neles é divino, que tudo neles é adorável”⁶⁴ (IBID., p. 59). Para esses antiquários, os antigos se inscrevem na esfera da estabilidade valorativa. Ou seja, sua condição não é alterada por quaisquer juízos. São em tudo perfeitos, e por isso em tudo adoráveis. Retirando-lhes esse estatuto, Perrault retira também a distância em que sua aura sagrada os mantém, conforme o que Agamben postula como o estatuto do sagrado. Agora estão sujeitos ao descaso ou à admiração.

V – a Admiração cartesiana: uma aproximação possível.

Os antigos, para Perrault, se colocam ao nível dos olhos. Ele não os deseja obscurecidos por nenhum amor inconfessável. Não se dobra a eles. Mantém os olhos bem abertos para agir como age um homem de *razão* diante de todo objeto confrontado. Se algum dos antigos é digno de afeição, esta paixão não será distinta de qualquer outra decorrente de qualquer outro objeto, seja antigo ou moderno. Nada deve separar os antigos dos modernos. Serão admirados na medida de seu *justo valor*, assim como os modernos o são. Da mesma maneira em que muitos são os modernos que passam despercebidos, que nunca atraem a atenção de ninguém, há antigos que são completamente insípidos e sem arte, que não merecem a mínima consideração. A distância de sua antiguidade não será mais suficiente para a aferição de seu valor. Apenas o contato simples e imediato dirá o que deles será considerado. Os tempos serão abolidos. Os antigos aparecem ao observador como coisa jovem e inédita, pronta ao descaso ou à aprovação.

Parece-nos possível estabelecer um paralelo entre o que os modernistas defendem como juízo de avaliação e a definição que Descartes propõe nas Paixões da Alma acerca da Admiração. É possível pensar que esse apreço modernista pela

⁶⁴ “ont atteint à la dernière perfection, que c’est une temerité d’y vouloir rien trouver qui se ressent de la foiblesse humaine, que tout y est divin, que tout y est adorable”.

separação do objeto de sua estrutura contextual tem alguma herança no conceito da Admiração cartesiana.

Segundo Descartes, “Quando o primeiro contato com algum objeto nos surpreende, e quando nós o julgamos novo, ou muito diferente do que até então conhecíamos ou do que supúnhamos que deveria ser, isso nos leva a admirá-lo e a nos espantarmos com ele” (1973, p. 252). Antes do primeiro contato havia o vazio de afecções, o sujeito era indiferente àquilo com o qual se defrontaria. Não conhecia a história daquele futuro objeto, não supunha a experiência que o afetaria. E então, súbito, o objeto se interpõe a ele, e o sujeito, presa do instante, permanece na indiferença ou admira. Mas ainda não pode julgar sua ação. E, como diz Descartes, “isso pode acontecer antes de sabermos de algum modo se esse objeto nos é conveniente ou não, parece-me que a admiração é a primeira de todas as paixões” (IBID., p. 252). A admiração toma o sujeito no instante preciso de sua inocência. Como uma criança, se espanta com o que é de espanto, e permanece indiferente com o que não o interessa imediatamente. Ainda não há pressupostos valorativos para que aquele objeto seja mau ou bom, ou inferior ou superior, conveniente ou inconveniente. Apenas atrai ou não a atenção. Por isso Descartes dirá que a admiração não tem contrário, “porquanto, se o objeto que se apresenta nada tem em si que nos surpreenda, não somos de maneira nenhuma afetados por ele e nós o consideramos sem paixão” (IBID., p. 252).

Não há, na *Admiração* cartesiana, o elemento da história e do tempo. Os objetos são fruto de afecção por sua própria constituição conjugada com a disposição do sujeito. É uma interação imediata que não supõe um conhecimento ou qualquer aparato preexistente. Essas intervenções ocorrem num estágio posterior. E é nesse estágio posterior que devém a adoração ou o ódio, a angústia ou a alegria, etc. A admiração não é por isso mesmo uma paixão de antagonismos. Ela é o próprio signo da afecção, a assinalação de que ali há paixão. Não supõe, com efeito, a remissão a um saber. O objeto da admiração ainda não é, por exemplo, nem sagrado nem profano. Todos esses valores decorrem de juízos mais complexos.

Por seu caráter imediato, contudo, a Admiração cartesiana é racional. Consoante Cassirer:

A admiração é, pois, a única paixão que, porque não conduz a nenhuma excitação corporal, não pode entrar em luta com a liberdade da alma, nem confundir a segurança de seu julgamento. Ela é e

permanece, ainda que sua natureza de paixão seja inegável, uma paixão ativa, “racional”⁶⁵ (1997, p. 36-37).

Descartes considera a admiração como a primeira das paixões. Ela traz o ideal de pureza e limpidez. Ainda que em Descartes pareça que na admiração não concorra o curso da razão, parece difícil pensar uma paixão com essa natureza sem o concurso de uma faculdade com esse estatuto. Ao propor a Admiração como uma paixão decorrente do contato imediato sujeito / objeto, todo o arcabouço de superstições e desejos são abolidos do domínio desse plano de afecção. Descartes, certamente, não supõe o peso da inconsciência em sua proposição. Ainda não era parte de seu arcabouço teórico. Por isso supunha que anterior a todo julgamento e a toda intervenção intelectual havia somente o puro concurso dos sentidos, inocentes de toda fabricação humana. O que supunha ser a admiração alheada das predisposições humanas, era em verdade a esperança de uma paixão racionalizada e doutrinada contra as predisposições e os ensinamentos involuntários. A Admiração cartesiana é uma paixão como que pura, muito ao gosto das definições conferidas à razão.

O objeto de admiração, segundo essa tradição de pensamento, também não conhecerá história ou a passagem dos tempos. Que sujeito, contudo, poderá admirar um objeto sem que considere concomitantemente sua história ou os valores subjetivos que o predispõem para ele? A admiração cartesiana contempla o objeto somente pelo que ele tem de atraente.

Ao pretender destituir os antigos de sua aura sagrada, e trazê-los desnudados aos olhos modernos, o modo como Perrault os defronta é muito conforme às prescrições cartesianas da Admiração — ainda que, é dever dizer, não em seu sentido estritamente filosófico, mas como uma repercussão de pensamento, uma maneira de ver. Decerto que muito da obra dos antigos não será causa de admiração, e passará indiferente a Perrault. O modernista admira segundo o objeto, não segundo sua contextualidade, sua literatura. Se não o admira, tal objeto é dispensável, passível de esquecimento. É nesse ponto que Descartes e os modernistas são convergentes. Certamente, Descartes não fala de uma intenção quando a paixão é disparada. Tampouco se refere a uma admiração fundada em

⁶⁵ “L’admiration est donc la seule passion qui, parce qu’elle ne conduit à aucune excitation corporelle, ne peut entrer en lutte avec la liberté de l’âme, ni troubler la sûreté de son jugement. Elle est et reste, bien que sa nature de passion soit indéniable, une passion active, ‘rationnelle’.

conhecimento prévio. No mesmo sentido, os modernistas repudiam o mistério. Por isso pode-se falar aí de uma certa ingenuidade, já que elementos históricos ou biográficos — isto é, que exijam instrumental extrínseco ao objeto — são ignorados. O objeto é posto e avaliado. É admirado pelo que os modernistas supõem que ele seja em si mesmo. Ele, em sua integralidade imediata. Assim como a Admiração cartesiana é uma categoria ‘ingênua’ (pode-se falar em ingenuidade na Admiração cartesiana em referência a um novo paradigma epistemológico observado principalmente após o desenvolvimento dos estudos psicanalíticos freudianos. No contexto mesmo do pensamento cartesiano esta acepção é vazia de significado), porque propõe a possibilidade de uma imediatidade do objeto a um sujeito, a apreciação modernista também o é, ao considerar possível separar totalmente um objeto de seus mistérios.

A Admiração cartesiana é para nós uma impossibilidade psicológica, da mesma maneira que já não concebemos conhecimento objetivo isento de contextualidades subjacentes e inconsciências subjetivas. É precisamente essa pureza no conhecimento ou na afecção o postulado do modernista.

VI – a razão avalia, não perdoa.

Perrault pensa na ingenuidade do primeiro instante de apreciação como o princípio valorativo do objeto. O objeto que é digno de admiração é também passível de uma posterior valoração criteriosa. Amar aos antigos é como amar aos modernos. Ama-se o que neles é bom. Mas o que é bom não decorre do tempo e da tradição, e de nada que não seja próprio do juízo da avaliação. Há, para Perrault, um instrumento que avalia tanto antigos como modernos imparcialmente. A razão, com efeito, somente a razão poderá inocentar o objeto das culpas adquiridas nos anos. Para ela, o objeto, seja antigo, seja moderno, aparece límpido e fresco. Aparece como preconiza a Admiração cartesiana. Nenhum homem que se vale somente de sua razão admirará tudo nos antigos. A plena admiração é um contrassenso à razão. Quando o todo é objeto de admiração, o todo também será objeto de perdão. Nessa apreciação totalitária sempre habitará um elemento de condescendência. Bouyer de Fontenelle (1657-1757), modernista ferrenho, diz acerca dos antiquários: “eles estão resolutos em perdoar

tudo a seus antigos”⁶⁶ (1728, p. 150). A condescendência é uma espécie de perdão. Mas ela não é propriamente voluntária. Como decorre de uma admiração irrestrita, é o resultado de um olhar que nunca se apega às falhas ou às incongruências. A plena admiração se atém a valores que transcendem o objeto da Admiração. Ela nunca poderá se coadunar com os preceitos racionais, pensarão os modernistas. Assim é que Bouyer de Fontenelle complementarà a respeito do inteiro perdão: “que digo, em lhes perdoar tudo? Em admirá-los em tudo”⁶⁷ (IBID., p. 150). O que denominamos por admiração irrestrita é melhor denominado como veneração. Utilizamos essa terminologia apenas para assinalar que a Admiração racional assente somente àquilo que é conforme aos predicados da razão.

Há um elemento de obscurecimento nessa venerabilidade. Turvam-se as características do objeto. Ele não aparece imediato ao olhar. Chega por intermédio de preceitos confusos. Eis como “é esta particularmente a inclinação dos comentadores, a gente mais supersticiosa dentre aquelas que cultuam a antiguidade”⁶⁸ (IBID., p. 150), comenta Bouyer de Fontenelle. A legítima admiração não pode comportar elementos de superstição. O objeto aparece e afeta. Independente de sua procedência, ele será digno de admiração pelo valor que lhe é intrínseco.

Este foi o sonho do século XVII. Admirar as coisas pelo que são, e não pelo que dizem que são. Atingir a substância que o discurso dos tempos e da autoridade obliterou.

O modernista se dirige aos antigos com os olhos frios do analista. Ama o que é passível de amor, e desconsidera o que é imperfeito como se nesse juízo não concorressem as vicissitudes sensíveis, os gostos inconfessáveis, aquelas nuances íntimas que nunca poderão se explicar por nenhuma filosofia analítica da alma. Depois do advento das ciências do homem, como a antropologia e as psicologias, se referir aos modernistas seiscentistas como ingênuos parece natural. Perrault, a exemplo disso, julga que a sacralização de algum antigo decorre de um uso parcial da faculdade racional. A razão está aí para desmistificar e clarificar o mundo (essa confiança absoluta no poder da razão é o que se habituou denominar nas ciências humanas como o ‘primado da razão’. certamente, entretanto, não obstante o surgimento das antropologias e

⁶⁶ “Ils sont résolus à pardonner tout à leurs anciens”.

⁶⁷ “Que dis-je, à leur pardonner tout? à les admirer sur tout”.

⁶⁸ “C’est là particulièrement le génie des commentateurs, peuple le plus superstitieux de tous ceux qui sont dans le culte de l’antiquité”.

psicologias, não foi o século XX aquele que abandonou tal pressuposto, como é notório no caso das filosofias analíticas de orientação positivista, por exemplo).

Disso se segue o tom duro de Perrault. Como alguém, em seu uso pleno da razão, desconsiderando as ninharias dos amores ocultos, poderá admirar tudo nos antigos? Como, complementarmente Bouyer de Fontenelle, poderá tudo se perdoar a eles? É um contrassenso absurdo, uma superstição. Porque, se é evidente que nada nesse mundo é digno de completa admiração, só as incongruências obscuras de um olhar supersticioso poderão explicar essa adoração. É preciso, pois, dessacralizar aquelas figuras antigas. Apontar-lhes os defeitos, reconduzi-las ao convívio ordinário dos homens, conforme o assinalado por Agamben acerca do ato da profanação. E assim os procedimentos serão impiedosos. Não se economizará nos sarcasmos e nas ironias, os ídolos serão destruídos com o descuido típico dos pagãos.

VII – o Modernista, um grosseiro.

Os modernistas nunca são homens cuidadosos, melindrosos no trato com as instituições sagradas, pensam que no mundo, se tem de ser efetivamente conquistado pelos homens, não devem persistir nos espaços públicos os deuses poderosos. A ciência deve se separar dos sacramentos. E não se conquista tal separação com amor e respeito. O respeito somente reforça os paradigmas. A piedade não remove das praças os ídolos, porque não é pelolouvor que serão removidos, mas pelo discurso inflamado de rudeza cruel nas asserções. O modernista que luta contra os cristais sagrados deve estilhaçá-los com todo o acinte. São profanados os nomes e os costumes, e toda a gente conservadora é presa de um profundo desgosto. O modernista não prescinde das animosidades. Com a razão como sua liturgia, invade os receios dos homens pios e os revolve sem misericórdia. Perrault, quando desqualifica Homero com tanta injustiça, é um típico iconoclasta. A veemência dos ataques desferidos por Boileau não deixa dúvidas a esse respeito.

Boileau é, nessa perspectiva, um conservador. Para ele, “nada é mais insuportável do que um autor medíocre que, não enxergando seus próprios defeitos,

quer encontrá-los nos mais hábeis escritores”⁶⁹ (1873, p. 309). Sim, apontar falhas em Homero, Virgílio, Aristóteles? Que comparação pode haver entre Perrault e estes grandes escritores? Não, Boileau sabe certamente o que diz. Ele é um homem de letras, proficiente em grego e latim, e é capaz de julgar um grande autor. Porque Perrault, denunciando sua inépcia, “acusando esses autores de erros que eles de modo nenhum cometeram, ele mesmo os comete, e cai em ignorâncias grosseiras”⁷⁰ (IBID., p. 309).

O caráter grosseiro do modernista está sempre presente nas pilhérias contadas por Boileau em suas *Reflexões*. A delicadeza, a fineza, são atribuições próprias dos antiquários, homens que apreciam a beleza legítima. São eles que conhecem os cânones, que apreendem o sentido dos cuidados e das devoções. São eles que sabem a hora do silêncio e o momento de erguer a voz. O antiquário conhece a técnica da preservação e da restauração. Ele faz renascer todos os dias a glória antiga. Ele mantém vivos os grandes pensamentos passados, ao discuti-los em voz alta e com perícia. Ele, certamente, é a voz do que foi a glória. O modernista destrói essa glória sem sequer compreendê-la. Que justiça há nisso? Não é uma impiedade?

Boileau pensa na luta entre modernistas e antiquários como a disputa de quem erra menos. Para ele, Perrault nada pode condenar nos antigos, quando seus próprios absurdos pululam em seus escritos. Ora, na ciência do antiquário, o cuidado é o elemento central, pois ele se volta para coisas delicadas e prestes a desaparecer. Assim é que o antiquário sempre julgará os homens segundo sua precisão. O melhor homem é aquele que melhor preserva, que mantém com mais *fidelidade* o mundo. O modernista, nessa perspectiva, é como um bêbado estouvado. Arrasta-se e tropeça, ignorante de seus próprios movimentos e do mundo ao redor. É um grosseiro.

Para o antiquário nunca será possível compreender a extravagância modernista. Ela é um traço imperdoável. Como Perrault, sem sequer conhecer minimamente o grego, pode acusar a Homero? É um contrassenso absurdo, algo que ninguém poderia admitir. E, no entanto, para a profunda consternação de todo antiquário, o modernista é ouvido, suas palavras são paulatinamente admitidas. Perrault lê seu poema contra os antigos em plena Academia Francesa. É o início da decadência. São os grandes valores

⁶⁹ “Il n’y a rien de plus insupportable qu’un auteur médiocre qui, ne voyant point ses propres défauts, veut trouver des défauts dans les plus habiles écrivains”

⁷⁰ “accusant ces écrivains de fautes qu’ils n’ont point faites, il fait lui-même des fautes, et tombe dans des ignorances grossières”.

se perdendo. São as boas coisas substituídas por leviandades sazonais, modismos de gente jovem e descuidada.

O modernista, por sua vez, não avalia sua obra segundo o número das falhas. A excelência de seu trabalho não é em referência a uma excelência modelar. Ele é um profanador. Está reconduzindo ao plano das possibilidades o que para o antiquário é impossível. Está trazendo ao domínio das potencialidades humanas aquilo que era cristalizado como o sublime. Está redigindo um novo código, e por isso tudo que ele produz parece extravagante e pesado. Nos escritos de Perrault e dos demais modernistas transparece esse intento. Quando apontam as falhas dos antigos, não o fazem segundo um cálculo de quem comete mais erros, antigos ou modernos. É, ao contrário, para indicar o caráter impreciso das coisas, o quanto a ciência pode evoluir e se transformar. Não há perfeição absoluta, diz o discurso modernista. O antiquário fala em enumerar as falhas, para, por fim, afirmar que os antigos não cometeram nenhuma. Ele defende a intocabilidade sagrada.

Para Boileau, Perrault não apenas comete erros grosseiros, como acusa autores que nenhum erro cometeram. De modo que, na perspectiva de Boileau, colocadas as falhas na balança, somente o prato dos modernos terá peso acrescido, ao passo que aos antigos nenhum grama se acrescentará. A excelência dos antigos impede um juízo desfavorável. Eles são perfeitos. Toda a nódoa de falhas que se lhes quiser imputar será uma incúria, senão uma inteira má-fé.

Segundo as irônicas palavras de Perrault, a atitude dos antiquários é piedosa e solene. Chegam aos antigos com os espíritos compungidos, cuidando para que não conspirquem as sagradas palavras dos mestres. Cada palavra é um achado, cada vírgula uma articulação divinizada e dada às maiores disputas. E o que dizer dos pontos obscuros, aqueles cuja tinta se apagou, ou o autor não cuidou da melhor sintaxe? Nascem justamente dessas passagens as grandes mentes prontas a haurir delas os segredos e as profecias. Basta observar “esse número infinito de intérpretes que, todos, com incensório à mão, se extravasam em louvores imoderados acerca do mérito de seus

autores e veem como oráculos as passagens obscuras que eles não entendem”⁷¹ (Perrault, 1688, p. 60).

As palavras, na ciência do antiquário, se transformam em códigos sagrados. Delas é preciso revelar as verdades ocultas. Não é que foram mal escritas, ou que seus autores cuidaram pouco da melhor articulação. Não, muito ao contrário. Na verdade o culpado foi o tempo, que se encarregou de obnubilar a frágil memória e atenção dos homens. É preciso, pois, reviver tais escritos em sua natureza original, apontar sua grandeza. Aqueles tempos devem ser cuidados com amor e reverência. Assim são justificados todos os esforços de reconstrução e significação. “Que tortura eles infligem a seus espíritos para encontrar nessas passagens a explicação, quantas suposições fazem para forçar a entrada ali de algum sentido razoável”⁷² (IBID., p. 60).

Depreende-se das palavras de Perrault o seguinte: tudo o que se tem daqueles primeiros homens são fragmentos e indícios, e parece uma ousadia temerária afrontá-los em sua excelência. As palavras incompletas de um texto em frangalhos não podem simplesmente ser descartadas como inconsistentes. É preciso ajuntá-las e buscar ali um sentido coerente e um alcance importante. Antes de fazer vir abaixo o edifício, cumpre edificá-lo e contemplar sua estrutura para avaliar seu valor. Mas a que custo cumpre tal edificação? Eis a pergunta insistente dos modernistas. Que edifício está se edificando? Pois o intérprete que procede a tal reconstrução não permanece nunca impávido diante de sua obra. Ele paulatinamente passa a ver nas palavras que descobre um sentido bem conectado e consequente. O texto que primeiro nada dizia agora fala tantas coisas novas. É a reverberação de um tempo esquecido, e por isso é necessário que signifique alguma coisa. Eis o valor positivado dos antigos. Perde-se o intento da avaliação fria e científica. Cada fragmento é uma composição preciosa daquele cenário fabuloso. Cada palavra é mais um signo na revelação daquele discurso. Mas não há meios seguros de encontrar a pura revelação. As fontes são desencontradas e os caminhos se cruzam indefinidamente. Um intérprete que inicia de um ponto qualquer, repentinamente se depara com um outro que, de outro ponto absolutamente diferente, se veem manuseando um mesmo texto com perspectivas inteiramente incongruentes entre si.

⁷¹ “ce nombre infini d’Interprètes qui tous l’encensoir à la main s’épanchent en louanges immoderées sur le merite des leurs Auteurs et regardent comme des oracles les endroits obscurs qu’ils n’entendent pas”.

⁷² “Il n’est point de torture qu’ils ne donnent à leur esprit pour en trouver l’explication, poin de suppositions qu’ils ne fassent pour y faire entrer quelque sens raisonnable”.

Quem está com a verdade? Ambos se calam e se fitam. Ambos sentem profundo apreço por seu trabalho. Ambos estão ligados por um intuito comum, admitem por fim. Querem revelar as palavras ocultas. Querem encontrar aquele sentido perdido. Esse sentido se engrandece na medida em que tais intérpretes se encontram e disputam. Começa a pairar acima de todos uma verdade fugidia, mas muito real. O que primeiro era um meroaforismo disperso passa a figurar como o significado perdido de um grande conhecimento. O texto antigo ganha contornos de coisa distinta e superior. Não é mais possível interpretá-lo como mera circunstância. O jogo dos intérpretes se torna seríssimo. Vale a explicação mais coesa e mais assentada em evidências. Aquele que completa uma passagem obstruída deve fazê-lo com esmero e com um sentido que justifique todo o trabalho. É assim que o texto antigo se transforma num oráculo, como dizem as palavras de Perrault. E já não se pode admitir o descaso. Um grande esforço, “e tudo isso para não admitir que algumas vezes seus autores não foram bem sucedidos em suas explicações”⁷³ (IBID., p. 60-61).

Ora, essa admissão é, para o antiquário, banal e inaceitável. Como simplesmente concluir que o autor não se explicou adequadamente? Que falta de rigor, que pouca vivência com a ciência! Não, no jogo dos intérpretes antiquários essas são frivolidades inadmissíveis. São um menosprezo ao trabalho de homens que se debruçaram por toda uma vida no intento árduo de reviver os antigos. É desconsiderar os esforços diários de muitas mentes responsáveis e cuidadosas. Elas, em toda uma vida, encontraram as palavras mais importantes. Os conhecimentos mais incríveis foram descobertos. Passagens obliteradas foram reconquistadas, autores fragmentários ganharam um rosto e uma história. O passado ganhou um movimento próprio. As irrupções esparsas que sobreviveram aos tempos agora estão novamente interligadas, e já é possível percorrer aqueles autores como se tratassem de alamedas entrecruzadas.

Perrault, entretanto, não se comove com este labor. Para ele, o antiquário encontra verdade onde nenhuma existe. Ajunta passagens incongruentes e quer convencer os homens de que aquele sentido já estava ali. Por isso, se alguém censura os antigos sem primeiro interpretá-los segundo a ciência do antiquário será considerado como frívolo. Os antiquários nunca dirão que um antigo cometeu um erro. “pois é uma blasfêmia que não ousam proferir”⁷⁴ (IBID., p. 61).

⁷³ “et tout cela pour ne pas avouer que quelquefois leur Auteurs ne s’est pas expliqué heureusement”.

⁷⁴ “car c’est un blasphème qu’ils n’osent proférer”.

VIII – o suplício merecido de Zoilo, um profano.

Pode-se depreender das censuras de Boileau que Perrault e todos os modernistas não reconhecem o espaço delimitado da antiguidade. Para os modernistas, esta é uma delimitação arbitrária, que corresponde a um amor cego e uma veneração irracional. Os modernistas não concordam com a geografia estabelecida pela ciência dos antiquários. Ora, essa geografia, contudo, parece a mais acertada a esses últimos, pois é justamente a partir dessas delimitações que se chegou àqueles homens. Foi pela *Ilíada* e a *Odisseia* que se alcançou Homero, pela *Eneida* a Virgílio, pelos *Diálogos* a Platão, etc. O antigo se materializa por pontos de entrada específicos. Diferente do instante presente, não compreende uma amplidão descuidada, cujas distâncias estão disponíveis aos olhos. É preciso estabelecer um lugar para o antigo. Ele irrompe justamente de uma manifestação muito bem delimitada, seja de um poema, de uma nau submersa, de uma muralha desencavada. O descuido é incongruente com o conhecimento do que é antigo. Os antiquários, assim, consideram levianos todos os juízos que ignoram tais delimitações.

No entanto, segundo os modernistas, os antiquários ignoram sua própria obra naquilo que julgam se tratar da antiguidade. Forjaram um edifício grandioso e bem conectado, mas cuidaram para que o afimco de seu trabalho— as paixões despendidas— também participasse dessa composição. Um longo trabalho não pode resultar em ninharias. Como também, em verdade, sua recepção pelos demais não pode ser descuidada. Trata-se do caráter intuitivo da erudição. Aos modernistas, todo o erudito do tipo antiquário trabalha segundo motivações escusas ou amores inconfessáveis. Aquilo que pretendem científico, na verdade, se mostra eivado de autoritarismos e moralismos. Eis o que os modernistas assinalam com seus sarcasmos.

Boileau, por exemplo, nunca consentirá na justiça de tais ridicularizações. Ele sabe que aquele que se debruça na obra dos antigos, que com meticulosidade decodifica e restaura, nunca terá uma atitude distraída e cínica. Somente aquele que desconhece os frutos deste trabalho ou, em outro sentido, lhe é infiel, pode destilar tais irreverências. E em suas *Reflexões*, Boileau retornará à história trágica de Zoilo, para ilustrar os frutos conseguidos pela falta de respeito e pela indigência dos bons costumes.

Este retor, por se insurgir contra Homero, fora morto de maneira ignominiosa e cruel. Zoilo fazia pilhérias com os versos Homéricos. Referia-se, por exemplo, aos companheiros de Ulisses transformados em porcos como os porquinhos choramingas.

Longino reprovou a Zoilo por tais liberdades, e Boileau retoma essa reprovação para estendê-la ao próprio Perrault:

Parece, por essa passagem, que Zoilo, assim como o SR. P., se divertiu em zombar de Homero: pois essa brincadeira dos ‘porquinhos choramingas’ tem muita relação com as ‘comparações de cauda longa’ que nosso crítico reprova a esse grande poeta⁷⁵ (1873, p. 335).

Zoilo e todos os modernistas são espíritos insolentes, descuidados no trato dos grandes autores. Homens menores, que desconhecem seu lugar. E Boileau advertirá a todos:

E visto que, em nosso século, a liberdade que Zoilo se permitiu de falar sem respeito dos maiores escritores da antiguidade se coloca hoje em moda entre muitos espíritos menores, tão ignorantes quanto orgulhosos e cheios de si, não será despropositado lhes mostrar aqui o que essa liberdade resultou outrora a este retor, homem deveras erudito⁷⁶ (IBID., p. 335).

O tom é o do sacerdote piedoso a redarguir os jovens irreverentes que desconhecem a palavra do deus e seu juízo terrível. Todos os modernistas agem como agiu Zoilo. Há, talvez, somente uma diferença a ser observada; Zoilo foi um grande professor de retórica, logo conhecedor de Homero. Ao contrário, os modernistas são todos “pequenos espíritos, tão ignorantes quanto orgulhosos de si mesmos” (IBID., p. 335).

Zoilo profanara a glória dos grandes autores. Retirara da *Ilíada* e da *Odisseia* seu espírito heroico e grandioso, e transportara essas obras para a linguagem truculenta das ruas. Manchara o lugar de direito de Homero, aquilo pelo qual o Poeta se tornara grande. Fizera de seu austero estilo heroico frívolas piadinhas cômicas. E por isso fora morto como um criminoso. Muitos narram sua morte, cada um de uma maneira, mas todos unânimes em concordar que fora cruel e ignominiosa: “Uns dizem que Ptolomeu

⁷⁵ “Il paroît par ce passage de Longin que Zoïle, aussi bien que M. P..., s'étoit égayé à faire des railleries sur Homère : car cette plaisanterie des « petits cochons lar-moyants » a assez de rapport avec les « comparaisons à longue queue, » que notre critique moderne reproche à ce grand poète”.

⁷⁶ “Et puisque, dans notre siècle, ² la liberté que Zoïle s'étoit donnée de parler sans respect des plus grands écrivains de l'antiquité se met aujourd'hui à la mode parmi beaucoup de petits esprits, aussi ignorants qu'orgueilleux et pleins d'eux-mêmes, il ne sera pas hors de propos de leur faire voir ici de quelle manière cette liberté a réussi autrefois à ce rhéteur, homme fort savant”

o crucificou; outros, que foi apedrejado. E outros, que foi queimado vivo em Esmirna”⁷⁷ (IBID., p. 337).

Não é assombrosa essa virulência? Falamos de apedrejamentos, de morte em fogueiras. Mas Boileau considera conveniente essa punição. Qualquer que tenha sido o meio utilizado para punir Zoilo, “é certo que sua punição foi bem merecida”⁷⁸ (IBID., p. 337). Somente por gracejar com as personagens homéricas? Não, não por isso unicamente. O crime é o do sacrilégio. Colocar na boca de um autor o que ele não disse, quando este último já não pode se defender. E não há punição mais merecida para um “crime mais odioso”, segundo Boileau, do que “o de repreender um escritor que não está em condições de prestar contas do que escreveu”⁷⁹ (IBID., p. 337). É preciso ser fiel ao que diz o autor, porque é tudo que dele se tem. De modo que suplícios destinados a criminosos infames são, por Boileau, perfeitamente aplicáveis a eruditos incautos (Certamente nem mesmo o século XVII, marcado pelos suplicios públicos consideraria seriamente esse juízo de Boileau como juridicamente factível. Não obstante, ainda que talvez Boileau proferisse essas palavras em sentido mais irônico que literal, resta delas o absurdo do que enunciam).

Quando Zoilo reduz as palavras de Homero a pilhérias de taberna, não apenas afronta sua dignidade, como também — e muito mais importante — o silêncio. Os antiquários, os grandes puristas, são os verdadeiros defensores dos tempos. São eles os responsáveis por manter em bom som as legítimas palavras dos primeiros pais. É por eles que Homero continuará sempre a falar, e suas palavras nunca perderão sua tonalidade inconfundível. Mas os modernistas querem justamente confundi-las. Assim que se cala o autor, chega um desses profanadores de tumbas com suas pás insensíveis e arrancam de seus nichos de direito as preciosidades antigas para comerciá-las dispersas nos mercados negros de um *presente* amnésico.

IX – a língua transcendente dos antigos.

⁷⁷ “Les uns disent que Ptolémée le fit mettre en croix ; d’autres, qu’il fut lapidé; et d’autres qu’il fut brûlé tout vif à Smyrne”.

⁷⁸ “il est certain qu’il a bien mérité cette punition”.

⁷⁹ “un crime plus odieux qu’est celui de reprendre un écrivain qui n’est pas en état de rendre raison de ce qu’il a écrit”.

Com o respeito aos antigos, o homem se eleva e contempla aquela glória. Ali, no contato com aquelas palavras, ele ouve Homero falando, de algum modo dialoga com ele. Ora, se alguém como Zoilo ou Perrault deturpa essas palavras e coloca na boca de Homero termos de baixo calão, como esse instante de elevação espiritual se dará? O amor aos antigos exige um lugar especial. É preciso uma postura apropriada.

A interpretação atende a um tom de grandiosidade. Perdeu-se o sentido da distração, do descompromisso. Toda a palavra é relevante e um signo de altivez. É inconveniente apontar num grande autor antigo uma insolência mesquinha, ou uma pilhéria infame. Homens superiores não se prestam a tais diversões. Estão voltados para a glória. Assim é que surge a interpretação ritualística. Ela não permite as idiosincrasias incoerentes de um homem. Os elementos devem ser conectados. Não há espaço para o inusitado. O olhar ritualístico busca um sentido completo. No rito sagrado, com efeito, cada movimento, cada palavra atendem a um propósito maior. Tudo é símbolo de um significado conhecido e que deve ser repetido para que essa memória aproxime do Deus os crentes. Os antiquários encontram em cada uma daquelas passagens obscurecidas, daqueles períodos confusos, a necessidade de desvelar uma mensagem relevante.

Perrault só encontrará aí incúria e um tanto de má-fé. Os antigos parecem tudo saber, segundo o discurso de seus adoradores. O que aos modernos seria um erro, neles é um traço incrível de genialidade literária. “Quando um autor diz o contrário daquilo que seria preciso dizer, denomina-se isso uma antífrase; quando ele se dá a licença de apresentar um caso por outro, é uma antiptose, ou se chama hipérbato um parêntese insuportável de dez ou doze linhas”⁸⁰ (Perrault, 1688, p. 71). E aqui não se trata apenas de licenças ou de condescendências; ao contrário, tais categorias são utilizadas como recursos para abarcar toda a gama de irregularidades que não se acomoda ao anunciado padrão de excelência.

A antífrase ou o hipérbato, na ciência dos antiquários, ilustra as abrangências de um espírito ilimitado e inventivo, que nunca se apoia unicamente naquilo que os homens consideram lícito. Aquele que sabe mais, também abrange mais. As irregularidades dizem respeito unicamente à pouca compreensão inerente aos tempos

⁸⁰ “Quand un Auteur dit le contraire de ce qu’il falloit dire, on nomme cela une antiphrase ; quand il se donne la licence de mettre un cas pour un autre c’est une antiptose, et on appelle hyperbate une parenthese insupportable de deiz ou douze lignes”

modernos. Encontramos irregularidades nos antigos apenas porque não somos capazes de abarcar toda a sua diversidade conceitual. Há sempre elementos a serem descobertos e interpretados. Sempre novas dificuldades são encontradas e solucionadas brilhantemente por algum ilustre estudioso. Tais irregularidades não são abarcadas por categorias eufemísticas, como acusa Perrault. Elas são, ao contrário, a prova incontestada de que nós, os modernos, devemos amar e admirar acima de tudo os antigos, pois a leveza e a graça com que criaram transcendem até mesmo as exaustivas classificações de nossas academias.

Mas onde os eruditos veem uma excelência abrangente, Perrault encontra uma contradição. As irregularidades que, para os antiquários, são um traço da superioridade criativa dos antigos, não se mantêm como tais quando aos modernos é ensinada a arte da criação. Os alunos das academias não sabem o que pensar. De fato, se interrogam, o que é a grandeza dos antigos? Pois primeiramente lhes é ensinado um padrão. E em seguida, quando se debruçam nos textos e começam a avaliá-los com atenção, muitas são as passagens flagrantemente incongruentes com os ditames acadêmicos. Há dois discursos em confronto. Um que aponta as maravilhas modelares a se aprender dos antigos, e outro que interdita os usos que esses mesmos antigos se permitiram. No entanto, quando tais usos são ali encontrados, se tornam em maravilhas de atrevimento e concepção.

De sorte que quando jovens estudantes se surpreendem por ver um antigo que divaga ou que incorre numa incongruência, é lhes dito que se abstenham de censurá-lo, pois o que lhes choca não é uma falha, mas uma figura das mais nobres e das mais audazes⁸¹ (IBID., p. 71).

Perrault discrimina no discurso dos antiquários um aspecto que, para o modernista, é essencial na fundamentação da excelência dos antigos. A excelência não se configura num ambiente de plena possibilidade comparativa. Isto é, se a obra dos antigos fosse em tudo explicável e regulamentar, se nela todos os elementos cumprissem uma cadeia fixa e previsível de composição, ela seria presa de uma esquematização rigorosa que não deixaria margem para os arroubos individuais. É justamente por sua transcendência dos cânones que os antigos se consolidam como modelos. Seus desígnios devem ser, em última instância, insondáveis. As categorizações subseqüentes nunca os apreenderão completamente. Por mais rigorosos

⁸¹ “de sorte que quand de jeunes Ecoliers s’étonnent de voir un Ancien qui extravague ou qui fait quelque incongruité, on leur dit qu’ils se donnent bien de garde de la blasmer, et que ce qui les choque n’est pas une faute, mais une figure des plus nobles et des plus hardies”.

que sejam os regulamentos de sua arte, sempre escapará uma preciosidade aqui ou acolá, e é nisso que reside o tom sonhador e misterioso, a fonte inesgotável dos intérpretes. Logo, a excelência dos antigos não se dá pelo rigor de sua concepção. A despeito do que dizem os eruditos, ela se equilibra entre o previsível e o imprevisível, numa zona conceitual confusa de termos aproximados. A excelência se urde então no pouco alcance conceitual dos homens modernos. Os antigos são excessivos. Sua perfeição exacerba as categorias modernas, e estas são arremedos esquemáticos e empobrecidos daquela grandeza. É o caráter de separação que demarca o estatuto sagrado, conforme Agamben assinalou. Leiamos novamente:

Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, como toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso (2007, p. 58).

As assertivas de Perrault sempre apontarão o caráter supersticioso Nessa pretensa excessividade. Ora, se foram os antigos homens como nós, como é possível que não os possamos compreender completamente? Como é possível que nossas categorizações não sejam suficientes para enquadrá-los? Somente a Deuses é permitida tal licença. Pois somente os deuses são insondáveis. E é por isso que, conclui Perrault, os mestres eruditos não admitem aos jovens estudantes aquelas irregularidades encontradas nos antigos. Aqueles grandes homens são divinizados. Advertem de que não devem utilizá-las, pois são “um privilégio reservado aos grandes homens, e que se essas nobres audácias são deveras admiradas em suas obras, elas seriam grandemente censuradas nos livros de escritores comuns”⁸² (IBID., p. 71-72). Ora, o que não pode ser ensinado aos homens, pensará Perrault, não pertence ao mundo dos homens.

O modernista nunca se preocupa com a complexidade dos valores antigos. Seu mundo é desencantado. Ele se interessa pelo que lhe é útil. Se os eruditos antiquários estabelecem regras e preceitos para a boa arte e, no entanto, suspendem esses mesmos regulamentos quando se trata dos modelos antigos, não são dignos de crédito. Essas condescendências somente aprofundam os sentimentos de inferioridade dos modernos e seu pendor à veneração cega. Estabelecem o mistério como o fundamento principal ao conhecimento dos antigos. Os estudantes devem apreciá-los, mas não imitá-los

⁸² “un privilège réservé pour les grands hommes, et que si ces nobles hardieses sont fort admirées dans leurs Ouvrages, elles feroient fort blasmées dans les livres des écrivains ordinaires”.

inteiramente. É separado o elemento da apreciação com o da fabricação. Pode-se apreciar sem reservas, mas não se pode fabricar indiscriminadamente, porque não é possível haurir do objeto da apreciação toda a sua constituição. Perrault apontará aí o teor mais pronunciado da veneração supersticiosa.

Na verdade, os eruditos antiquários separam a apreciação da fabricação porque não são capazes de confrontar os antigos e lhes apontar as fragilidades. No edifício erigido pelos intérpretes, como já dissemos, não subsiste o elemento do acaso ou do descuido. Os elementos tendem ao encadeamento e à necessitação mútua (o acaso talvez seja o elemento de maior rejeição pela interpretação textual. De fato, aceitá-lo como mecanismo de solução interpretativa ensejasse por fim a anulação de todo método de interpretação. No entanto, esse paradoxo é superado quando se concebe a interpretação textual não como a ida à essência do texto ela mesma, mas a uma reinvenção do significado segundo a perspectiva do intérprete, ele mesmo presa de seu próprio tempo e de condições estranhas ao texto e seu autor[A teoria hermenêutica de Gadamer é um exemplo deste novo paradigma]. O paradoxo se mantém quando o intérprete, tal qual nosso antiquário, não se vê como um intérprete, e sim como um recuperador, um redescobridor. Isto é, ele encara o texto como se contivesse um sentido essencial unívoco e imutável, indiferente a tempo e espaço).

Logo se vê como será difícil a um intérprete admitir uma fragilidade ou uma falha. A apreciação, desse modo, será o maior prêmio do intérprete. É a sua grande obra, o resultado de seu trabalho oferecido ao público. Sem ele não haveria as preciosidades escavadas, os versos reconstituídos, os fragmentos ajuntados e significados. Por outro lado, a ciência antiquária diz que a fabricação decorre da racionalização de todo esse conteúdo. Os estudantes não podem se permitir as mesmas licenças dos antigos porque a unidade da fabricação, metódica e regulamentar, proíbe os elementos inusitados. Na obra do antigo venerado, o elemento inusitado é um esforço do intérprete em justificá-lo. Ele o avalia, e cria uma ambientação de sentido em que este elemento, ainda imprevisível, exerce um papel elevado no todo. Será até mesmo o ponto alto da apreciação. Porém, para o jovem estudante não há a atenção de um intérprete, mas o báculo do juiz. O intérprete é o sacerdote que justifica as ações do deus, ainda que estas pareçam contrárias à sua própria lei. Mas então, quando um homem decide promover as mesmas ações, é advertido duramente.

Segundo o modernista, o antiquário entende que a fabricação deve se manter presa dos regulamentos e cuidadosa nas liberdades, uma vez que as liberdades se insurgem contra os preceitos dos modelos. Os antigos compuseram passagens inusitadas, mas estas não são modelos a se seguir. Quem lhes seguir esse espírito aventureiro agirá por conta própria e assim abandonará os preceitos daqueles grandes homens. O preceito nunca poderá absorver em seu corpus o imprevisto e o arbitrário.

Nos regulamentos das coisas modelares esse espírito imprevisível deve ser suprimido. Eis o que os modernistas sempre repudiarão. Não admitirão esse cerceamento. Como Perrault, desconsiderarão toda a complexidade desse movimento e fincarão suas convicções num anseio profundo de plena liberdade e autonomia criativa. O modernista aponta as falhas dos antigos para que seu trabalho não seja confrontado com um modelo irretocável. O modernista é sempre um ímpio, que tem na indiferença o motor de sua criação. Ele vislumbra Homero ou Platão como se enxergasse um igual. Não se maravilha imediatamente. Antigos e modernos são todos homens.

Enquanto Boileau fala de respeito, o modernista ouve veneração incondicional, enquanto fala de fidelidade e justiça, ouve indulgência e escravidão. O modernista não participa do gozo da descoberta. Seu interesse é a própria criação. Para ele, o mundo é um lugar do presente, onde as entidades valem pelo que oferecem, não pelo que representam. Por isso, paradoxalmente, como os antiquários, também se consideram puristas. Contudo, seu purismo decorre de um juízo que julgam superveniente tanto ao presente quanto ao passado. Acreditam na imparcialidade de seu julgamento, e por isso o desprezo declarado aos antiquários não será entendido como um ódio visceral. Ao contrário, será visto como um conhecimento mais esclarecido, uma compreensão menos supersticiosa da realidade.

Por seu turno, os antiquários se veem como os guardiões dos valores mais elevados, dos modelos de toda a realização humana. Consideram-se puristas por defenderem a vitalidade dos monumentos antigos, ícones de uma época gloriosa. Resguardam da corrosão dos tempos as palavras dos grandes homens, e assim preservam vivazes as fontes impulsoras da beleza e da verdade. Assim, sua ação que para os modernistas é entendida como indulgente e acobertadora, para eles é a própria ciência de como descobrir, preservar e adquirir conhecimento.

X – Segundo o Modernista: restaurar é um ato de fé.

Um modernista como Perrault, quando diz que os antigos foram grandes, mas semelhantes a nós, aponta para todo esse edifício com o olhar desencantado do descrente. Ele duvida. Sua dúvida, por si mesma, já é um atestado de fragilidade aos antigos. Implica dizer que aquelas regiões às quais os antiquários se esforçam para vivificar, mas que ainda resistem obscuras e estéreis, serão, no julgamento do modernista, consideradas exatamente como parecem, isto é, coisas mortas e sem esperança da vida que um dia gozaram.

A dúvida modernista determina seu juízo. As fragilidades que ele por ventura encontre serão acentuadas. Essa dúvida já é o sintoma decisivo de sua falta de fé. Os conhecimentos complexos— cujas partes se emaranham de tal forma não ser possível separá-las sem o prejuízo de alguma — são relegados ao plano das coisas dubitáveis. O olhar desmistificador do modernista encontra somente linhas. As coisas complexas são linhas entrecruzando-se. Caso alguma não o seja, não merece a consideração de ninguém, pois lhe falta unidade interna. Quando o modernista duvida e vai à caça da verdade, ele retira do objeto toda a sua subjetividade interpretativa. O modernista pretende afastar as opiniões variadas.

Na ciência antiquária a unidade do objeto — sua perfeição — é apreendida segundo fatores intrínsecos e extrínsecos. Numa escultura, por exemplo, o antiquário avaliará os traços e o sucesso técnico do escultor, e dirá se ela representa adequadamente tal e tal época. E se for considerada um exemplar primoroso, as deformidades impostas pelo tempo não alterarão esse juízo. Se lhe falta um braço, ou mesmo toda uma extremidade, o antiquário nem se dará conta dessas ausências. Elas são insignificantes. Ele já processou essas faltas e as supriu com o seu conhecimento. Para ele, a escultura é perfeita e unitária. Sua ciência lhe ofereceu a imagem das partes ausentes. Seu conhecimento se apoderou da mente do escultor antigo, e ele retornou dos mortos para restaurar sua obra. A erudição do antiquário constituiu o objeto. Ele compõe seus objetos se valendo de um conjunto de conhecimentos que não pode ser inteiramente descrito. Há sempre um elemento intuitivo, um olhar nascido da experiência. Há, aí, uma confiança implícita. O antiquário, para exercer bem sua ciência, deve crer em suas intuições. Todo o seu trabalho para acrescer conhecimento cumpre a função inconfessável de munir e aperfeiçoar tais intuições. Porque, como ele

mesmo admite intimamente, o passado sempre será obscuro e inacessível. Ninguém sabe com certeza se naquela escultura esfacelada, um braço ausente fora esculpido rente ao corpo ou em atitude ameaçadora. Há tão-somente um conjunto de suposições, e aquelas mais bem fundadas se estabelecem no imaginário do antiquário. Ainda que um estudioso afirme que naquela escultura, por seu contexto e país de origem, pela época de sua feitura, o braço ausente sempre era esculpido em posição ameaçadora, por exemplo, as disputas nunca terão fim. Cada antiquário terá sua própria convicção. E ainda assim, ele verá a escultura como uma coisa completa. Apesar de não poder afirmar sua forma precisa, ela, de alguma maneira, se afigura completa, e sua luta contínua será na tarefa de provar esse sentimento, essa intuição. A ciência do antiquário tem um caráter poderoso. É o poder de restauração, de retorno ao original. Nesse sentido, o antiquário age segundo uma investidura divina. Ele une o que está esfacelado (recordemos das inúmeras tentativas de conferir à Vênus de Milo os braços que lhe faltam. No entanto, essas ausências nunca ofuscaram sua glória artística).

O modernista, por sua vez, não acredita nas restaurações dos antiquários. Vê, em todo aquele exercício erudito, somente disputa vazia. Para ele, a escultura esfacelada é o que apresenta ser. As tentativas de conferir a ela um significado completo são meras conjecturas. O cientista não deve trabalhar segundo conjecturas. E o passado não é acessível por outra via. De modo que, se o passado deve ser objeto da ciência, e não acessado segundo o método da simples conjectura, ele será um conjunto de imperfeições e vazios, uma narrativa fragmentada.

3. Luzes próprias

I – Repercussão de Descartes: alguns excertos.

O século XVII descobriu a razão como método de ciência. A escola cartesiana o desenvolveu e o consolidou como o instrumento para a formulação de todo conhecimento seguro. Pairava nas mentes daquele século a esperança de que o homem enfim fosse capaz de se emancipar das várias instâncias autoritárias que, segundo seus ideais, cerceavam o pleno desenrolar das capacidades humanas. As teses de Perrault estão plenas deste novo espírito. Elas a todo instante evocam um traço do pensamento cartesiano. Decerto não é ao conteúdo mesmo do pensamento de Descartes que Perrault dedica sua atenção. Mas podemos dizer que a natureza geral dos postulados cartesianos estão incorporados no modo como Perrault e os demais modernistas defendem sua causa. Por isso consideramos importante apontar no pensamento de Descartes alguns traços que possivelmente repercutem nos modernistas.

O século de Luís O Grande e os Paralelos denunciam em seu estilo e na articulação das ideias um anseio pela emancipação que nos recorda o modo como Descartes expressa seus pensamentos. Nesse sentido, nessa primeira parte do texto, apresentamos algumas passagens da obra de Descartes coligindo aqueles elementos que repercutem em Perrault e nos modernistas, isto é, os traços que, ao ler os textos desses modernistas, nos recordam o feitio argumentativo de Descartes.

Descartes escreve as *meditações*, e nelas o homem pode se constituir e encontrar o fundamento de sua existência sem o auxílio de nenhuma autoridade extrínseca. Utilizando apenas os procedimentos outorgados por sua razão ele pôde conhecer as primícias da existência do sujeito. O pensamento pode, por si mesmo, experimentar e ter sucesso em alcançar os fundamentos primeiros do conhecimento.

No primeiro parágrafo da primeira de suas *Meditações* encontramos uma declaração inequívoca a esse respeito. Muitas eram as opiniões falsas e os edifícios construídos sobre elas, de modo que Descartes dirá ser:

Preciso, portanto, que, uma vez na vida, fossem postas abaixo todas as coisas, todas as opiniões em que até então confiara, recomeçando dos

primeiros fundamentos, se desejasse estabelecer em algum momento algo firme e permanente nas ciências (2004, p. 21).

Talvez se possa argumentar que estas *Meditações* não cumprem nenhum propósito didático ou apologético, ou ainda explicativo como o *Discurso do Método*, por exemplo. De fato, Descartes está imerso em um experimento de pensamento que procura o fundamento último e constituidor do sujeito do conhecimento. Contudo, ao olhar do modernista importa esta independência intelectual, esta capacidade de propor e defender teses sem que nenhuma autoridade nomeada seja trazida ao centro da investigação. Nenhum doutor da lei ou filósofo canônico pode contribuir na tarefa cartesiana. Importa esse tom seguro que fala ser preciso que ‘fossem postas abaixo todas as coisas, todas as opiniões em que até então confiara’. Para Perrault, o sentido preciso em que essas palavras são enunciadas escapa, quando lemos seus argumentos com atenção e verificamos de que modo ele se apropria de todo tipo de ideia. Descartes fala em ser preciso ‘uma vez na vida’, mas esta é uma minúcia filosófica absolutamente irrelevante para quem postula a emancipação do seu século.

Descartes não é um insurgente temerário. Está muito distante das aspirações de Perrault. Suas *Meditações* são um novo recurso de conhecimento no sentido em que resgatam a consciência obscurecida do existente e a situam no ponto necessário para a reconstituição do sujeito. Mas ao modernista, se fosse preciso falar do Descartes das *Meditações*, ele diria categoricamente que Descartes trabalha na constituição do sujeito que é anterior a toda filosofia praticada na escola, que ninguém ainda tratou desse sujeito, ninguém ainda o constituiu. Ora, como encontrar esse objeto que nenhum doutor ainda se propôs a tratar? Aí está a Razão, oferecendo o método de descoberta. Muitas são as descobertas assim conseguidas. Para esse fim, os tratados se mostram desnecessários, porque são dispersos e volumosos. Há, portanto, um caminho menos custoso e menos dispendioso. Descartes, um filósofo, é capaz estritamente por seu pensamento de desacreditar absolutamente de todo juízo de existência, e em seguida, nesse abismo de dúvida, ainda encontrar um ponto de fuga, e por ele alcançar a causa primeira da existência do sujeito, de modo que pode conferir ao homem o seu próprio corpo, algo insuspeito no início de suas *Meditações*. Essa potência propositiva, — porque não dizer ensaística — não pode ser desprezada como grande influência.

Da mesma maneira, No *Discurso Do Método* é proposta uma via direta e sem mistificações digressivas. Descartes ali é um inovador a toda prova. A razão é um grande instrumento, e ele está convencido de que o seu método é um bom exemplo de que é possível ao homem a emancipação: “Assim, meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo procurei conduzir a minha” (2001, p. 7). E faz uma advertência àqueles que estão sempre apressados em formular preceitos: “Aqueles que se metem a dar preceitos devem achar-se mais hábeis do que aqueles a quem os dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis” (IBID., p. 7). Um modernista não verá aí qualquer empecilho em colocar Descartes no interior de seu partido. Há algo novo nos procedimentos para o descobrimento dos objetos do conhecimento. O homem moderno quer olhar com seus próprios olhos. É seu direito, e nada parece estranho nesse intento. Quando Descartes diz que deseja apenas expor seu próprio método, esta é uma afirmação completamente apropriada aos modernistas. Descartes alcança as aspirações de todos. Ele postula algo muito semelhante àquilo que Perrault intentou ao abandonar a escola e cuidar ele mesmo dos estudos. Descartes fala de teses próprias, de sua maneira particular de pensar. É precisamente este o propósito do modernista. Ele não quer ensinar a ninguém, pois este é um ato de autoridade. Ele quer propor sua própria tese e apresentá-la.

Não obstante, aquele que estuda com rigor a filosofia de Descartes poderá argumentar que esta não é uma conotação acertada para o seu pensamento. Descartes quer tão-somente apontar o seu próprio procedimento para a busca da verdade. O modernista poderá ser acusado de se apropriar do método de pensamento que o próprio Descartes diz não ser passível de apropriação. Esta é uma sutileza interpretativa insignificante nesse contexto de repercussão. Qual é o espírito do que Descartes postula na citação acima? É esta a pergunta que o modernista gostará de responder. No desenvolvimento deste ensaio pretendemos apresentar alguns argumentos desta resposta.

Por ora, apresentemos mais alguns traços da filosofia cartesiana que repercutiram nos modernistas. Com o advento do novo método, os doutores serão esquecidos. Que continuem eles e as academias, que proliferem os tratados e os comentários sobre os mesmos. Mas que por isso mesmo, tais doutores aceitem as censuras que lhes serão dirigidas, porque o erudito confia em demasia em sua ciência, e destila ‘preceitos’ sem nunca esperar que sejam questionados. Mas é preciso que sejam

colocados em dúvida, e que tais dúvidas alcancem os fundamentos, justamente os alicerces desse edifício grandioso erigido pela tradição da escola.

A filosofia dos fundamentos passa ao largo das disciplinas dos doutores. Ela oferece o conhecimento aos honnêt-hommes — homens medianos —, interessados no conhecimento, mas não iniciados nos ritos acadêmicos. A academia está firmada em digressões e hermetismos, e não tem como objeto central a solução definitiva das problemáticas. Ela é a própria face da disputa. Os conhecimentos ali estudados necessitam de uma correção do espírito. Não porque sejam em si mesmos nocivos.

Com efeito, Descartes se inclina a pensar como nocivos somente aqueles conhecimentos falsos que inculcam o erro e impedem a ascensão da verdade. Os conhecimentos da escola não são *a priori* falsos. O problema reside em que cada doutor defende o seu como o ponto de vista verdadeiro e, por conseguinte, acusa seu adversário como um falso. Certamente, nesses interstícios confusos de defesas e ataques, de apropriações e incorreções, há muitas verdades e falsidades. Porém esses movimentos complexos afastam do conhecimento os homens medianos e pouco instruídos nas práticas da filosofia canônica.

O homem do século XVII, o moderno, não tem todo o tempo. Antes de se adentrar a toda essa parafernália interminável de arazoamentos, ele tenderá a duvidar de toda ela, porque compreenderá ser impossível ao tempo limitado da vida de um homem descortinar em cada proposição de cada um dos inúmeros livros as verdades e falsidades ali contidas. A verdade não pode se manifestar em sua plenitude em cada doutor. Pois cada um defende pensamentos diversos, e nenhum concorda inteiramente com os demais. De modo que Descartes,

Considerando quantas opiniões diversas pode haver sobre uma mesma matéria, todas sustentadas por pessoas dotas, sem que jamais possa haver mais de uma que seja verdadeira, eu reputava quase como falso tudo o que era apenas verossímil (IBID., p. 12).

Ao nosso modernista não é importante a que verdade Descartes se refere, ele se atém ao sentido peremptório da asserção, à capacidade que Descartes demonstra em se livrar de dois mil anos de tradição filosófica em poucos parágrafos.

O homem mediano, este modernista, não está interessado nas querelas acadêmicas. Essas minúcias devem permanecer nos debates catedráticos. Mas as

verdades primeiras são do interesse do homem de ação. Os fundamentos das coisas importantes não carecem de um grande conhecimento para o seu desvelamento.

Descartes faz uma filosofia para aqueles que trabalham e guerreiam, e que não dispõem em suas vidas de todo o tempo que goza um monástico ou catedrático. Um homem não pode dispor de toda a vida à meditação ou à perquirição sistemática de todos os livros. Talvez haja o ócio de alguns dias. Logo, nesse prazo, deve ser possível ao homem de ação descobrir por ele mesmo as verdades essenciais. Que ele tenha a possibilidade de se dirigir diretamente àquilo que lhe interessa. Que não seja obrigado a se debruçar horas e horas em textos que disputam a primazia de um conhecimento que ele mesmo pode conceber. Pois se todo homem é dotado de razão, se, por conseguinte, pode conceber por si mesmo um método de descoberta, o que lhe interditará às maiores verdades?

O homem cartesiano não especula. Ele age. “já enquanto erudito, ele [Descartes] não desejava se comportar como observador puramente passivo; ele pretendia antes de tudo fazer do homem ‘mestre e possuidor da natureza’⁸³ (Cassirer, 1997, p. 29). A especulação conduz o erudito à imobilidade, pois ele não tem o tempo em grande conta. Na visão cartesiana, o erudito tradicional é o exemplo do que a desmedida no conhecimento pode conduzir um homem. Ele se perde em suas letras e se desvia das obrigações tipicamente humanas. E é dessa maneira que Descartes, nas palavras de Cassirer, “ao ideal tradicional de uma filosofia puramente especulativa, opunha o ideal de uma filosofia ativa” (IBID., p. 30). A filosofia terá um novo propósito. Ela deverá

Ensinar o homem não somente como suportar a vida, mas como modelá-la. A virtude da generosidade, aquela que Descartes diz ser a chave de todas as demais virtudes, reclama uma atitude absolutamente ativa, uma dedicação operante em todos os grandes fins que o homem pode propor a si⁸⁴ (IBID., p. 30).

Descartes condena a erudição por ela mesma, a disputa sem a estrita orientação do objeto se torna um aglomerado de egos em debate sem fim. Para evitar tais excessos, aparece o método de utilização da razão. Para as verdades fundamentais da existência do sujeito e do mundo, nenhum livro é mais relevante que a própria razão. Ela pode

⁸³ “Déjà en tant que savant, il ne voulait pas se comporter en observateur purement passif ; il prétendait bien plutôt rendre l'homme ‘maître et possesseur de la Nature’”.

⁸⁴ “enseigner à l'homme non seulement comment supporter la vie, mais comment la modeler. La vertu de générosité, dont Des-cartes dit qu'elle est la clé de toutes les autres vertus, réclame une attitude absolument active, un dévouement agissant à toutes les grandes fins que l'homme peut se proposer”.

resgatar o homem de sua obscuridade cognitiva, e livrá-lo de uma busca sem fim pela verdade. Adentrar aos livros é como viajar, “Mas, quando empregamos muito tempo viajando, acabamos por nos tornar estrangeiros em nosso próprio país” (Descartes, 2001, p. 10). De fato, o livro é o relato do passado. Em nenhum há a imediatidade do instante presente. Pela sua natureza, o livro não pode captar o fluxo do conhecimento. De modo que, “quando somos curiosos demais das coisas que se praticavam nos séculos passados, geralmente permanecemos muito ignorantes das que se praticam neste” (IBID., p. 10). Ater-se inteiramente às palavras dos livros, é se voltar a informações curiosas e, entretanto, muitas vezes datadas. Os livros informam bem o passado cristalizado, mas o presente permanece às escuras. O doutor da escola, por se fiar nos livros, não vive seu próprio século. Os livros se tornam em coisas vivas e alienadas. As letras ganham uma vivacidade própria. O erudito viaja em seus livros, e nunca alcança novamente sua própria nação. Torna-se, no mundo, um ente de outro mundo.

Na perspectiva de Descartes, ninguém pode estar de fato interessado por todo o conteúdo de um livro. Aquele que procura a verdade encontrará neles muito mais curiosidades que informações relevantes. Sobre isso ele dirá na *Recherche De La Verité*, ao expor o que pretende tratar neste texto:

Mas não quero examinar aquilo que outros conheceram ou ignoraram. A mim é suficiente notar que, quando mesmo toda a ciência que podemos aspirar se encontraria nos livros, aquilo que eles contêm de bom é misturado com tantas inutilidades, e disperso na massa de tão grossos volumes, que para lê-los seria necessário mais tempo do que aquele que nos oferece a vida humana, e para neles reconhecer aquilo que é útil mais talento do que para encontrá-lo nós mesmos (1908, p. 497-498).

A recusa da erudição escolar é também a defesa da possibilidade do conhecimento a todos de um modo acessível. Certamente, não a acessibilidade no sentido de uma facilitação ingênua, mas a acessibilidade no sentido do expurgo de elementos comprometedores da clareza do objeto buscado. Ainda na *Recherche* ele diz:

O que me faz esperar que lhe seja muito cômodo encontrar aqui um caminho mais fácil e que as verdades que direi não deixarão de ser bem recebidas, ainda que não as empreste de modo algum nem de Aristóteles nem de Platão; mas que elas correrão pelo mundo, assim como a moeda, que não é de menor valor quando sai da bolsa de um camponês do que quando ela vem de um tesouro. Também me esforcei para torná-las igualmente úteis a todos os homens (1908, p. 408).

Há uma via para o homem conhecer alheado dos princípios da escola. O objetivo de Descartes é precisamente este em sua *Recherche*. Demonstrar que o homem pode conhecer por si mesmo:

Tenho o intuito nesta obra de ensinar quais são esses meios, de anunciar as verdadeiras riquezas de nossa natureza, ao abrir a cada um a via pela qual ele pode encontrar por si mesmo, sem nada tomar de um outro a ciência que lhe for necessária para dirigir sua vida, e em seguida adquirir, ao se exercitar, as ciências mais curiosas que a razão possa possuir (IBID., p. 496).

Ora, Descartes não será então muito apropriado aos modernistas? Todas essas ideias de conhecer por si mesmo, de negar a validade indispensável dos livros, de condenar os eruditos por sua disputa interminável, etc.. Esta autonomia no juízo é o traço que desejamos apontar a seguir nos argumentos de Perrault e os modernistas.

II – já não somos renascentistas.

Aos modernistas, como Perrault ou Bouyer de Fontenelle, repercutiu de Descartes o espírito indagativo de seus pensamentos. Permaneceu o tom do homem livre, daquele que é capaz de saber por si.

Os modernistas se dedicaram à ampliação do método cartesiano. Era preciso estendê-lo a todas as ciências. O homem que se vale de sua razão será, portanto, capaz de apreender de cada arte humana sua verdade. Não será mais necessário se apegar a conhecimentos confusos e eivados de autoridades escolásticas. Agora enfim é possível distinguir a verdade das fábulas. Tantos são os absurdos relatados pelos historiadores. O modernista deve se atentar para eles e afastá-los com decisão.

O objeto central deste modernista é o tempo. Sua batalha se dá no campo entre o antigo e o novo, o passado e o presente. Nenhuma ciência se consolidará completamente, pensam os modernistas, antes que seus fundamentos fabulares sejam expurgados. Assim como Descartes encontrou um princípio seguro e evidente para o conhecimento, cumpre encontrar fundamentos racionais e sensatos para as artes e as ciências.

Esse tom é reconhecido claramente no panegírico de Perrault, *O Século de Luís O Grande*. A antiguidade reinou por tempo demais com seus mitos. O homem moderno pode afastá-los, se desejar. Já não são necessárias as crenças contrafactuais.

E se quiséssemos afastar o especioso escolho, / Que a credice põe-nos defronte o olho, / E, cansados de aplaudir mil erros grosseiros, / Servíssemos por vezes de nossos próprios luzeiros, / Veríamos claramente que, sem temeridade, / Pode-se não adorar toda a Antiguidade (1687, vs. 11-16).

Há um chamamento nessas palavras. Elas apontam a possibilidade do homem moderno dirigir seu próprio conhecimento. As luzes estão disponíveis, basta que delas se sirvam. E com tais luzes, será natural que o homem abandone as adorações obscuras. Ele será crítico e propositivo. A antiguidade terá um certo valor, mas será contemplada a partir de um juízo racional, e não de uma veneração incondicional.

Não é pouca essa novidade. Perrault fala contra uma tradição que remonta aos italianos renascentistas. Fala contra todo o amor e determinação de espírito que impulsionaram aqueles homens à descoberta de todo o material do pensamento antigo que permanecera esparso e descontextualizado durante o medievo. Agora, para Perrault, é preciso considerar com cautela essas belezas.

Fumaroli, ao discorrer sobre esse sentimento de autoafirmação intelectual do século XVII na França, comenta que o sonho renascentista de um recomeço para as letras a partir dos antigos foi frustrado pelo descaso que tomou os homens do XVII pelas fontes originais.

O novo começo das letras e das ciências, a Renascença que permitira o estudo desses textos latinos e gregos reencontrados e reunidos após um parêntese de um milênio, tem agora dois séculos de idade. A fecundidade desse novo começo, que enchia de esperança e de maravilha um Rabelais, não foi frustrada. Mas agora, os beneficiários distantes e desfigurados da Renascença se maravilham com mais bom grado dos frutos e das flores da última estação do que das sementes das quais estes provieram. Essas sementes tenderam retornar ao terreno das bibliotecas nas quais os especialistas, ameaçados de se passarem por pedantes, as cultivaram cada vez com mais frequência entre eles. O público parisiense das ‘honnêtes gens’ que em matéria de livros dita a lei não tem a memória muito longa, e procurou escutar favoravelmente aqueles que lhe sugerem, lisonjeando-o, que os últimos a chegar tiveram a melhor parte⁸⁵ (2001, p. 17).

⁸⁵ “Le nouveau départ des lettres et des sciences, la Renaissance qu'avait permise l'étude de ces textes grecs et latins retrouvés et réunis après une parenthèse d'un millénaire, a maintenant deux siècles d'âge.

Os renascentistas pretendiam recuperar o espírito grego e latino para as letras. Mas os homens do XVII são amnésicos e preferem os novos textos, todos com aparência de coisa nova. Os tempos são caprichosos. Há um elemento fortíssimo de positividade propositiva nesse novo gosto. O homem se volta para os antigos a fim de enxergar e avaliar. Não se ajoelha como um fiel. É dúbio e se acha cuidadoso. Olha com desconfiança, pois não deseja ser enganado. O modernista já não deseja se imiscuir aos antigos e se vestir como eles. Apresenta-se com sua própria indumentária, e não admite se servir de instrumentos que não sejam aqueles que ele mesmo traz consigo.

Há um contraponto aos escavadores da renascença. Antes, quando o mundo era obscuro, quando cada estatuária descoberta, cada papiro tornado legível era publicado, o espírito humano se enriquecia e se maravilhava. Mas Perrault considera findo esse tempo. Os tempos modernos oferecem um tesouro precioso. O modernista pode se dirigir aos grandes antigos com orgulho e com confiança. Os homens têm consigo luzes que iluminam as imperfeições e impropriedades que os antigos cometeram, mas que não eram visíveis.

La fécondité de ce nouveau départ, qui remplissait d'espérance et d'émerveillement un Rabelais, n'a pas déçu. Mais maintenant, les bénéficiaireslointains et gâtés de la Renaissance s'émerveillent plus volontiers des fruits et des fleurs de la dernière saison que des semences d'où elles sont sorties : ces semences ont tendance à regagner le terreau des bibliothèques où les spécialistes, menacés de passer pour pédants, les cultivent de plus en plus solvante entre eux. Le public parisien des 'honnêtes gens' qui fait la loi en matière de livres n'a pas la mémoire très longue, et il est tenté d'écouter favorablement ceux qui lui suggèrent, en le flattant, que, derniers venus, ils ont la meilleure part"

III – as luzes.

Há uma confusão quanto à orientação e alcance das luzes. De fato, os antiquários sustentam serem eles os verdadeiros portadores das luzes. Ninguém mais do que eles, sustentam, pode se dirigir aos antigos e deles apreender suas belezas e verdades. Com seu árduo trabalho e uma vida dedicada aos livros e a toda sorte de objeto antigo, defendem que detêm o conhecimento de como focar suas luzes. Ainda que se tenha nas mãos as luzes mais potentes, se não se sabe como orientá-las corretamente, elas servirão unicamente para cegar e desorientar. Os antiquários pensam serem eles os verdadeiros iluminadores, aqueles que sabem como enxergar. Por isso, segundo Boileau, nunca serão eles os pedantes, como acusam modernistas tais como Perrault. Porque o pedante não é o verdadeiro erudito, aquele que trata com acurácia os antigos, mas muito ao contrário. Dirá Boileau:

Que um pedante é um homem cheio de si, que, com um saber medíocre, decide temerariamente sobre todas as coisas, que se vangloria sem cessar de ter feito novas descobertas, que trata de auto a baixo Aristóteles, Epicuro, Hipócrates, Plínio, que censura todos os autores antigos; [...] que sustenta que a maior parte dos antigos não tem nem ordem nem boa articulação em seus discursos. Em uma palavra, que não se importa nem um pouco em contrariar acerca disso a opinião de todos os homens⁸⁶ (1873, p. 343-344).

Quem pode falar de luzes próprias quando trata tão descuidadamente os antigos? Quando fala de Aristóteles, Epicuro, como se os conhecesse plenamente? Isto não é se valer de suas próprias luzes, mas usá-las como cegos, lançando-as a toda parte sem orientação.

Por outro lado, aos modernistas, as luzes iluminam não os tempos — presente ou passado — mas a verdade. Suas luzes nada conhecem das vicissitudes das épocas. Não se preocupam com datações ou sutilezas. Esses são preciosismos irrelevantes, amores perfunctórios de homens cativos de suas memórias. Recordemos a definição que Perrault tece acerca de seu personagem defensor dos modernos nos *Paralelos*, o Abade. De que modo este modernista julga as coisas? “Ele julga o mérito de cada coisa por ela

⁸⁶ “qu’un pédant est un homme plein de lui-même, qui, avec un mé-diocre savoir, décide hardiment de toutes choses; qui se vante sans cesse d’avoir fait de nouvelles découvertes; qui traite de haut en bas Aristote, Épicure, Hippocrate, Pline ; qui blâme tous les auteurs anciens; [...]qui tient que la plupart des anciens n’ont ni ordre ni économie dans leurs discours ; en un mot, qui compte pour rien de heurter sur cela le sentiment de tous les hommes”.

mesma sem ter consideração nem aos tempos, nem aos lugares, nem as pessoas” (1688, p. 51). As categorias de tempo e lugar são subjetivas. As luzes não iluminam o objeto segundo um compromisso avaliativo com suas inscrições extrínsecas. Elas não o avaliam segundo sua constituição intensificada pelas noções obscuras de tempo, passado, memória, herança, glória, e outras determinações dessa natureza, tão caras aos antiquários. Não é uma luz de focalização centrada e mira precisa. Ao contrário, ela deseja o lume potente e abrangente, que seja capaz de iluminar uma grande região. Iluminando uma grande região, acreditam os modernistas, será possível traçar as coordenadas gerais, e produzir comparações entre as irregularidades de uma parte com as regularidades de outra. Pensam que as luzes devam trabalhar como faróis de orientação que permitam aos homens o plano geral. Assim é que os tempos, para os modernistas, nada significam. Passado ou presente serão apenas irregularidades ou regularidades observadas por intermédio dessas luzes potentes. Observarão apenas os traços constituidores. Pensarão que as luzes dos antiquários, de mira fina e meticulosa, enxergam em demasia as especificidades e deixam de lado as confluências do plano geral.

Os modernistas não se sentem intimidados em perder as nuances particulares em nome de uma abrangência que os permita enxergar o todo, mas pouco ver no singular. Não se interessam pelos nomes idiossincrásicos ou pelas criações marcadas de singularidade. Voltam-se para categorias gerais. Perfeição, imperfeição, melhor, pior. Isto é mais do que aquilo, este é menos do que aquele, aquele é mais perfeito, este é imperfeito. Nenhuma atenção estrita ao movimento irrepetível daquilo que é particular. Os movimentos e as psicologias são regidos por princípios e máximas gerais.

Tudo é pensamento, será a descoberta cartesiana, encontrada na segunda de suas *Meditações*. O objeto é compreendido plenamente quando são extirpados de sua constituição os adendos outorgados pelos sentidos. Descartes, depois de demonstrar que a cera que via não era de fato aquilo que os sentidos informavam, mas coisa muito diversa, isto é, possível de conhecimento unicamente pelos atributos do pensamento, conclui:

Eis-me, afinal, naturalmente de volta aonde queria, pois, como agora sei que os próprios corpos são percebidos não propriamente pelos sentidos ou pela faculdade de imaginar, mas, pelo intelecto somente, e não são percebidos por serem tocados ou vistos, mas unicamente porque entendidos, conheço de modo manifesto que nada pode ser por

mim percebido mais facilmente e mais evidentemente do que minha mente (2004, p. 61).

Ora, a cera que pela percepção sensorial é tão minuciosa, localizada num tempo e num espaço precisos, adornada de história e de incidência de luz variável, enfim, infinita em detalhes empíricos é reduzida a características gerais. Ela, depois que o pensamento a avalia com atenção e desconsidera as formas variadas que tomou quando era colocada junto ao fogo, é “nada além, com efeito, do que algo extenso, flexível, mudável” (IBID., p. 57). De modo que esta cera racionalizada tende muito à generalização. Suas características essenciais podem muito rapidamente identificar não apenas aquela cera particular, mas todas as subsequentes e anteriores com as quais o sujeito eventualmente se depare. Reconhecida efetivamente pela flexibilidade e mutabilidade ela se torna um objeto que transcende a circunscrição cognitiva de coisa irrepetível, e figura como coisa passível de universalização e de comparação. Na linguagem dos modernistas, ela já não possui tempo, nem é antiga nem é moderna. É um objeto que pode ser avaliado segundo características que não se circunscrevem a sua natureza específica, mas derivam do juízo que o perscruta.

Toda a comparação prescinde da meticulosidade do olhar focado e atencioso. Aquele que compara, abandona a coisa em favor de um juízo que deve intervir na coisa comparada indistintamente. Isto é, importa mais o juízo que o objeto. Faz-se pequenas adequações, mas no todo, os objetos colocados sob o foco da comparação terão um viés mais ou menos semelhante. Terão a face imposta pelo juízo que os avaliou. Já não serão objetos distintos. Carregam o nome de uma semelhança ou de um valor. Será aquele que é o melhor, ou o que é o mais perfeito.

Há, portanto, um descompasso entre o que modernistas e antiquários concebem serem as luzes. E desse descompasso segue o profundo desacordo entre um modernista como Perrault e um antiquário como Boileau. Ambos acreditam enxergar a verdade. Mas suas luzes são de natureza inteiramente diversa. O antiquário, quando foca sua luz, pensa regressar ao próprio tempo do objeto observado. E por ser capaz de compreender as dificuldades daquela feitura e o gênio da concepção, não admite jamais que alguém exerça um juízo superficial sobre seus objetos. Sua atenção se dirige à plenitude do objeto. Tudo o que se refere a ele e lhe é intrínseco é parte desse olhar. Esta cera

desprovida de cor, cheiro e resistência lhe parece um objeto nascido de um juízo superficial.

O modernista, por seu turno, condena este erudito, porque considera esta atenção à minúcia o causador do desprezo pelas coisas em si, isto é, destituídas de intensidades subjetivas. Para o modernista, o antiquário não detém suas próprias luzes, já que ele as usa para se aproximar de algo. É como se fosse atraído, se a coisa o chamasse e o cegasse para tudo ao redor. De modo que, segundo essa avaliação, o antiquário não é livre. É presa de uma obsessão. As luzes do antiquário são eivadas de intencionalidade e intensificações. Ele não se volta para os objetos de seu amor isento de desejo. Ele não avalia as coisas. Antes, as avalia segundo um postulado. E para o modernista, esse postulado não é outro senão o do tempo e do espaço. As coisas se dizem boas ou ruins mediante a anuência de uma época. Para o modernista, esta é a maior das mistificações. Por que algo grego ou latino deve ser considerado superior apenas por ser antigo? Que luzes são essas, que não são capazes de discriminar a verdade da falsidade, a imperfeição da perfeição? A verdadeira atenção ao objeto é semelhante àquela empreendida por Descartes ao julgar a cera. É a atenção que foge às aspirações sensoriais e busca o que de fato é. A atenção modernista é instruída pela razão, ao passo que a atenção antiquária é instruída pelo corpo. Para Descartes, a complexidade de formas que a cera pode tomar quando avaliada pelos sentidos corpóreos é como que um dispositivo de dispersão da atenção, um obstáculo que deve ser superado.

A coisa deve ter o seu valor aferido de si — isto é, de sua natureza geral e efetiva — e não de outrem. O modernista a separa do mundo e a rodeia de razão. O Laocoonte, o Hércules, referências da arte grega, agora deverão ser comparadas com as artes dos jardins de Versailles. Por que não?

Mas se a arte, que jamais pode-se contentar, / Descobre os defeitos que podem-se a ela imputar, / Se do Laocoonte, o talhe venerado, / Ao dos seus filhos é tão desproporcionado, / E se os úmidos corpos das serpentes vis, / Envolve dois anões Em lugar de dois guris, / Se o famoso Hércules tem partes variadas, / Por músculos muito fortes um tanto exageradas; / Embora todos os sábios pelo antigo obstinados, / Erijam esses defeitos em belíssimos achados, / Devem eles nos forçar a nada ver de singular, / Aos novos monumentos que Versailles faz-se adornar, / Que crendo apenas em seus olhos, os homens esclarecidos, / Não achem menos belos por não ser tão envelhecidos? (1688, vs. 255-268)

Se há defeitos no Hércules e no Laocoonte, e se nós, os modernos, nos servimos de nossas luzes próprias, logo seremos capazes de observá-los e admirar com maior intensidade a arte moderna de Versailles.

É disso que se trata. O modernista acredita que suas luzes são desprovidas de intencionalidade. Veem o objeto como tal. Os antigos não solucionaram bem as proporções de suas esculturas, ao passo que os modernos tiveram muito êxito. Não há motivos para uma disputa apaixonada ou um ódio visceral. Basta se ater a um juízo imparcial e ele decidirá segundo regras, não segundo amores íntimos.

O mundo do modernista está composto de linhas e assinalações, e não há profundidades inescrutáveis vinculando os objetos. O plano do mundo é explícito, porquanto é racional. Não há recônditos em cujas cavidades a luz não penetre e ali persistam lugares sombrios. O modernista enxerga o que está iluminado, e não crê na existência das sombras. As regiões sombreadas, de difícil observação, são caracterizadas como zonas de obscuridades, indicativas de que não se conformam perfeitamente às estruturas cognitivas da razão. Tudo o que a luz da razão ilumina está inteiramente iluminado e perfeitamente claro. O modernista não desconfia de possíveis malogros e planificações indevidas. Ele dessacraliza todo mistério simplesmente confiando no poder da luz da razão.

As luzes do modernista são pretensamente frias. Elas aproximam o objeto ao observador. Pretendem anular toda interposição que torne densa ou espessa a confluência sujeito / objeto. Assim, o observador modernista supõe que entre ele e Homero (no caso de Perrault) ou entre ele e a cera (no caso de Descartes), por exemplo, não há interposições importantes. Supõe que com a luz da razão enxerga o próprio Homero em sua natureza primária e límpida. Não há contributos dos tempos, as traduções, os comentários, os erros de copistas, etc. O modernista empobrece o objeto de sua observação. Retira dele o mundo de perspectivas, como se sua própria perspectiva de observação fosse única e universal. Desmantela toda irregularidade ao promover essa varredura impiedosa. Não há sentido nas minúcias explicativas, nas desculpas trazidas pelos tempos. Elas são apenas elucubrações ou digressões de eruditos. Falar em erros de copistas como se essas imprevisibilidades justificassem as falhas dos antigos não convencerá de modo nenhum a razão. A razão não está no plano das coisas mundanas. Ela tudo ilumina. Falhas ou virtudes, independente de tempo ou espaço. Que diferença faz se uma falha for de Homero ou de seu copista? O modernista

perscruta diretamente Homero, seja ele quem for. Não admitirá as distinções meticulosas e atenciosas do antiquário. Por esse motivo, o mundo do modernista é plano e regular. A luz incide de cima, e de lá as reentrâncias e lugares altos são meros traços indicativos de posições. Para o modernista, não há a necessidade de dispositivos auxiliares para o conhecimento dos tempos. Este é conhecimento menor, indigno do cientista. Para quê a história, se a razão tudo explica e convence?

O antiquário, ao contrário, coloca as circunstâncias mundanas em seus juízos. Ele pensará que o Hércules e o Laocoonte não são imperfeitos. De que ponto-de-vista o seriam? Somente segundo o juízo dos modernistas. Para o antiquário, sempre será uma questão de ponto de vista, e vencerá aquele mais conceituado e abalizado. De modo que os modernistas comparam a arquitetura de Versailles com as grandezas greco-latinas segundo uma perspectiva empobrecida. A avaliação é desprovida da ordem das coisas no tempo e no espaço. Desconstroem o mundo e evidenciam suas partes isoladas. Analisam e segmentam, e então o mundo se mostra segundo linhas e algarismos, simetrias e proporções. É um mundo sem tempo, sem condições. O modernista o reduz aos caracteres cognoscíveis à razão, mas não reconhece tal redução. Distante do que afirmam os modernistas, o mundo é um conjunto de fabricações e personalidades. Há relações que não se interligam indefinidamente. Há rotas perdidas e caminhos sem saída. Não há a perfeita coerência entre as coisas. Há, no máximo, contextos inerentes a objetos, aproximações de fatores que compõem a compreensão. Porém, o acesso a essas fabricações é dificultoso. Se dá por meio de descobertas e trabalho árduo. São nos livros corroídos pela poeira e umidade, nos alicerces e mosaicos soterrados, na arquitetura e estatuária incompleta e por vezes apenas fragmentária, que reside a possibilidade do conhecimento e do encontro dos tempos.

IV – O cão de Ulisses.

Há um novo conceito que é tornado visível nesse movimento entre antiquários e modernistas. Agora é preciso decidir que ciência é a mais eficaz. Na acusação que os antiquários perpetram, os modernistas retiram do homem sua força. Que sentido pobre há nesse ascetismo científico, cuja principal natureza é a desconstrução e a simplificação impiedosa. Essa pretensa ida ao objeto ele-mesmo parece menos uma

ciência que a falta dela. Porque Homero não é apenas um exemplar isolado e precisamente datado. Ele é também a própria memória dos homens, seu sentido de perenidade e de continuidade no mundo.

Homero é a sacralização de uma cultura em nome da perenidade de um significado importante. Ele representa o que vale criar e admirar. Representa a confiabilidade dos amores, a potência da ciência que efetivamente descortina e conhece o homem. Como dirá Mircea Eliad, “Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia” (1992, p. 14). O antiquário encontra em seus retornos enriquecidos a prova de que a humanidade se constituiu e se fortalece. Quando o modernista profana essa lei, e abole tais enriquecimentos em favor de uma ciência da certeza, ele apresenta um mundo destituído de significados. Perde-se a proporção do que seja real. Por isso é que Mircea Eliad diz que “A oposição sagrado/profano traduz se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo real” (IBID., p. 14).

O mundo do modernista é pobre de significação. Tudo é vítima de sua sondagem metodológica, e nada se apresenta em sua totalidade. Cada partícula deve ser avaliada e colocada à prova. As conexões inumeráveis e impossíveis de serem rastreadas isoladamente são perdidas. A sondagem analítica perde o sentido da complexidade intensa. Pois aquilo que ela denomina como complexo é, com efeito, já o resultado de uma análise que provou ser possível conhecer cada elemento dessa complexidade isoladamente. De modo que a complexidade analítica é assim denominada somente pela sua extensividade compositiva, uma vez que o todo é igual ao número de suas partes. O simples e o complexo se distinguem porque o primeiro é uma unidade, e o segundo muitas unidades. O resultado dessa união pode produzir um efeito que uma unidade separada não é capaz de proporcionar, mas, por outro lado, sem o concurso daquela unidade esse efeito não se produziria. Assim, o todo parece ser uma complexidade intensa que aparenta transcender suas partes em significado, como o relógio, por exemplo. Mas essa é uma aparência enganosa, porque aquele que procede à análise pode descrever a razão do funcionamento do relógio sem que para tal seja necessário o concurso de elementos extrínsecos ou inapreensíveis.

No que se refere aos elementos amados pelo antiquário, o todo supera suas partes. Não é passível de análise. São tantas as nuances, tantos os recônditos, que nenhuma luz seria capaz de acompanhá-los. É desse emaranhado intenso de conexões a origem do caráter misterioso e sagrado. E é daí a fonte de sua eficácia, de seu sentido

verdadeiramente real ao antiquário. Há um poder naquilo que não pode ser reduzido às suas partes em si mesmas. O transbordamento é também a fonte da paixão e da veneração. Os significados são inesgotáveis, e por isso mesmo de realidade superior. O mundo do antiquário não é representado por um relógio mecânico. Talvez seja melhor representado pelo caleidoscópio, cujas configurações parecem infinitamente irrepetíveis.

O real é dotado de uma aura apenas cognoscível como presença, mas não como objeto de pleno conhecimento. Ele se sacraliza nesse interstício de relações. É, em linhas abrangentes, o cuidado com os tempos e o amor aos desdobramentos inumeráveis.

Para o antiquário, como aludido, o poder emerge do objeto localizado num tempo e num espaço espessos. Isto é, o objeto computado em toda a gama de vicissitudes e adendos tradicionais. Como numa tela célebre, por exemplo, que tem o seu valor tanto da arte do pintor, quanto das manchas de fuligem e das pequenas ranhuras ou fissuras conseguidas ao longo dos tempos. O antiquário assimila cada uma dessas marcas como um adendo de valor e de conhecimento. O poder ao qual ele se deseja incorporar nasce precisamente do conhecimento de tais marcas. São a prova da realidade daquela obra.

Não há aí um sentido linear nesse julgamento. Ele não considera apenas um plano de proposições. O tempo desta grande obra e o espaço no qual foi concebida não são definidos por uma cronologia ou uma geometria de traços firmes e de sucessão consequente. Há os impercebidos e as eventualidades impossíveis de se inventariar. No entanto cá estão elas, marcando a obra, construindo sua identidade e seu poder. Por isso é que se pode dizer que o tempo e o espaço do antiquário são espessuras valorativas. Não há um método preciso e infalível. Não há, por conseguinte, a possibilidade cabal de ali nascer uma ciência claríssima.

Mas para os modernistas essas espessuras são provas de incúria. As marcas devem ser relegadas ao plano das imperfeições. É por isso que Perrault tanto assinala os erros de Homero ou Aristóteles. É a crença de que tudo pode ser segmentado e disposto em linhas precisas. Um erro é um erro, e não há contexto que o absolva, pensará Perrault. O objeto perde sua compostura total. Ele é violentado e tornado o paciente indefeso da nova ciência. O poder do objeto é conspurcado. Sua realidade cede lugar a um prognóstico valorativo. O modernista avalia segundo o que a coisa *deve* ser para que

seja excelente. Sua ciência acredita saber o que é melhor para todas as coisas, antigas ou futuras.

A razão cartesiana, como a entenderam modernistas como Perrault, é um princípio profanador. Ela retira da coisa inspecionada suas espessuras incognoscíveis, porém imprescindíveis ao seu poder de realidade. Homero será julgado agora segundo sua acurácia no trato da ciência, mas a ciência modernista, evidentemente.

Essa dissecação promove, no embate Perrault / Boileau, as disputas mais pitorescas. Boileau, que lutava pela unidade da obra homérica, em suas *Reflexões* não pôde se furtar à vaidade de defender Homero dos ataques de Perrault. Naquela que parece ser uma das passagens mais inacreditáveis, Perrault diz, num trecho de seus *Paralelos*, que Homero afirmava ter o cão de Ulisses recebido seu amo após vinte anos de ausência. No entanto, contesta Perrault, todos os bons naturalistas sabem que os cães não vivem mais do que 15 anos.

Nos *Paralelos*, O Cavaleiro (a personagem que nesses diálogos é partidária dos modernos), ao debater com O Presidente (partidário dos antigos), apontará uma contradição entre dois antigos, Homero e Plínio:

Eis um grande escândalo, senhor Presidente, de ver dois antigos se contradizerem dessa maneira. É bem sabido que é preciso que Homero tenha razão como o mais antigo. Entretanto, eu não deixaria de apostar a favor de Plínio. E não encontro inconveniente em que Homero, que é mau astrônomo e mau geógrafo, não seja muito bom naturalista⁸⁷ (Perrault, APUD Boileau-Despréaux, notas 3 e 4 da pag. 327).

Mas então, o Presidente evoca Aristóteles: “Aristóteles, do qual o testemunho bem vale o de Plínio, depois de haver dito que os cães vivem normalmente quatorze anos, acrescenta que há alguns deles que vivem até os vinte, como o de Ulisses” (IBID.). E Perrault arrematará sua contestação desdenhando o argumento do Presidente,

⁸⁷ {“Le chevalier. Voilà un grand scandale, monsieur le président, de voir deux anciens se contredire de la sorte. On sait bien qu’il faut qu’Homère ait raison» comme le plus ancien; cependant je ne laisserois pas de parier pour Pline; et je ne trouve point d’inconvénient qu’Homère, qui est mauvais astronome et mauvais géographe, ne soit pas fort bon naturaliste./ — Le président. Tout beau, monsieur le chevalier. Aristote, dont le témoignage vaut bien celui de Pline, après avoir dit que les chiens vivent ordinairement quatorze ans, ajoute qu’il y en a qui vivent jusqu’à vingt, comme celui d’Ulysse. /— Le Chevalier. Qui ne voit que cette exception n’est ajoutée que pour ne pas contredire Homère?”}

e conseqüentemente Aristóteles: “quem não vê que essa exceção somente foi acrescentada para não contradizer Homero?” (IBID.).

Perrault contesta Aristóteles porque o filósofo claramente fundamenta uma prova científica em Homero, que, na visão de Perrault, não é confiável em nenhuma ciência. Prefere apostar nas palavras de Plínio, porque elas parecem mais de acordo com a ciência moderna. E assim, de um só golpe, pensa ridicularizar Aristóteles e Homero.

Boileau, ao responder as censuras de Perrault ponto a ponto, aceita os termos do embate e cita alguns naturalistas que dizem o mesmo que Homero quanto à longevidade dos cães:

Perrault a esse respeito recrimina Homero, como se sem sombra de dúvida procedesse mal ao fazer um cão viver vinte anos, embora Plínio assegurasse que eles não podem viver mais que quinze. Ele me permitirá lhe dizer que é condenar um pouco apressadamente a Homero, posto que não somente Aristóteles, conforme ele mesmo o admite, mas todos os naturalistas modernos, como Jonston, Aldroande, etc., asseguram que há cães que vivem vinte anos; que eu mesmo poderia lhe citar em nosso século exemplos de cães que viveram até os vinte e dois, e que Plínio, por fim, embora um escritor admirável, fora conhecido, como todos sabem, por se ter enganado mais de uma vez sobre as coisas da natureza, ao passo que Homero, antes dos diálogos de Perrault, jamais foi acusado de nenhum erro mesmo sobre esse assunto (1873, p. 327-328).

Mas se a questão dos cães fica indecisa nesse embate de eruditos, a pilhéria embutida, o desdém pela unidade sagrada de Homero ganha um corpo de contornos bem definidos. A ciência dos modernistas desconhece os amores e a fidelidade. Boileau pode evocar todos os naturalistas e todos os maiores sábios do mundo, e isso nunca afastará de sobre seu Homero o olhar desconfiado e perscrutador dos novos cientistas. Homero já não narra a guerra gloriosa de Tróia ou o périplo admirável de Ulisses. Agora ele é um condensado de saberes científicos anacrônicos.

Na estupidez dessa disputa acerca da longevidade canina, é ressaltado precisamente o antagonismo entre a totalidade que se pode analisar extensamente, e aquela intensa, cujos elementos constitutivos são compreendidos somente na perspectiva do *todo* e nunca das partes.

Boileau, ao defender a ciência de Homero, não apenas pretende resguardar dos ataques essas passagens apontadas por Perrault. Antes, acredita que, salvando ali a

honra de Homero, salva sua unidade e seu profundo senso de justiça artística e de concepção. Salva, enfim, seu gênio.

Perrault, por sua vez, nem sequer acredita em tal unidade de concepção. Tudo o que enxerga em Homero é um amontoado de informações. Por isso não lhe parece sequer estranho falar em longevidade de cães ou em facécias semelhantes.

Recordemos: Descartes, no segundo parágrafo de suas *Meditações*, explicará como se desfazer das opiniões antigas. E começa por dizer que para derrubar tais opiniões, não será necessário apontar a falsidade de todas, o que ele sabia se tratar de uma impossibilidade cognitiva.

Porque a razão já me persuade de que é preciso coibir o assentimento, de modo não menos cuidadoso, tanto às coisas que não são de todo certas e fora de dúvida quanto às que são manifestamente falsas, bastará que encontre, em cada uma, alguma razão de duvidar para que as rejeite todas (2004, p. 23).

O que não é apreensível pelo espírito racional é tido como impossível e descartável. A existência é condicionada à possibilidade cognitiva.

Com os algarismos prova-se tudo, mesmo a impossibilidade da ressurreição dos corpos. Suponham um país que tenha 41600 vilarejos. Cada vilarejo compreende 22 famílias, e cada família 9 pessoas: total: 38230000 habitantes, que representam 10400000 pés cúbicos de carne. Esta massa se renova a cada sessenta anos. Ao cabo de dez mil anos, calculem no que ela se tornaria: ela formaria um monte incomparavelmente maior que a terra. A ressurreição dos corpos, portanto, é impossível⁸⁸ (1935, p. 24).

E agora a ciência modernista fala do mistério como sinônimo de incúria, e a clareza absoluta como sinônima da possibilidade da verdade, que outra coisa não é senão o ápice da excelência. Há, como diz Hazard, uma transformação da concretude. Ela deve se conformar ao sentido da possibilidade racional. Somente o que é pensável é possível e, por conseguinte, verdadeiro.

Com os números prova-se tudo, mesmo a impossibilidade da ressurreição dos corpos. Suponham um país que tenha 41600 vilarejos. Cada vilarejo compreende 22 famílias, e cada família 9

⁸⁸ “Avec des chiffres on prouve tout, même l’impossibilité de la résurrection des corps. Supposez un pays qui a 41 600 villages ; chaque village comprend 22 familles, et chaque famille 9 personnes : total : 38 230 000 habitants, que représentent 10 400 000 pieds cubiques de chair. Cette masse se renouvelle tous les soixante ans ; au bout de dix mille ans, calculez ce qu’elle deviendrait : elle formerait un monceau incomparablement plus grand que la terre ; et donc, la résurrection des corps est impossible”.

peessoas: total: 38230000 habitantes, que representam 10400000 pés cúbicos de carne. Esta massa se renova a cada sessenta anos. Ao cabo de dez mil anos, calculem no que ela se tornaria: ela formaria um monte incomparavelmente maior que a terra. A ressurreição dos corpos, portanto, é impossível (HAZARD, 1935, p. 24).

Os objetos do novo conhecimento, estratificados e destituídos de tempo, valem por seu potencial contributivo. Os modernistas não reconhecem nenhuma autoridade mundana. Não há homem que valha mais do que o conhecimento que possa apresentar. Os nomes, os títulos, foram lançados no esquecimento. Quem é Aristóteles? Ele não inclina os modernistas à veneração. Todos são livres para o uso de sua razão. Livres, sem os entraves das ressalvas retóricas e das apologias protocolares. “estou persuadido que a louvável liberdade que hoje é outorgada para raciocinar acerca de tudo o que respeita à razão, é uma das coisas pelas quais há mais motivo de felicitar nosso século”⁸⁹ (Perrault, 1688, p. 140-141). O que é dado à razão pensar não sofre interdições. Confia-se agora na objetividade, na asserção direta e sem digressões por convenções ou louvações. Ninguém se cala porque um grande homem fala. “outrora bastava citar Aristóteles para fechar a boca a qualquer um que ousasse defender uma proposição contrária às opiniões daquele Filósofo”⁹⁰ (IBID., p. 141)

Os antigos se dobravam a elementos agora considerados supérfluos. Sua atenção se desviava do essencial para cumprir esses ritos. Os modernistas não são silenciados senão pela razão. Somente a razão fala, somente ela pode ouvir. Os nomes e os títulos são meras formalidades irrelevantes. Aristóteles fala, e é avaliado o teor do que diz. Ninguém nem mesmo se incomoda em lhe guardar o nome. “atualmente escutamos esse Filósofo como mais um homem hábil, e sua voz somente tem crédito na medida do quanto de razão há no que ela enuncia”⁹¹ (IBID., p. 141). Os modernistas são amnésicos. As palavras valem pela ciência que contêm. Aristóteles bem poderia ser um Descartes ou um Agostinho. Não é relevante distingui-los. É mais necessário julgar suas palavras, deglutir delas o valor justo. A nova ciência não comporta personalismos. Seu objeto é desencantado. Ninguém o ergue mais acima do que a razão o poderá erguer.

⁸⁹ “Et moy je suis persuadé que la liberté loüable qu’on se donne Aujourd’huy de raisonner sur tout ce qui est du ressort de la Raison, est une des choses dont il y a plus de sujet de feliciter nostre siècle”.

⁹⁰ “Autrefois il susfisoit de citer Aristote pour fermer la bouche à quiconque auroit asé soster une proposition contraire aux sentiments de ce Philosophe”.

⁹¹ “Presentement on écoute ce Philosophe comme une autre habile homme, & sa voix n’a de credit qu’autant qu’il y a de raison dans ce qu’il avance”.

Em suma, a vivacidade do conhecimento, para os modernistas, habita na analiticidade de suas proposições. Aquilo que remete a um princípio de autoridade, a uma tradição de fazer, é condensação misteriosa e fonte de deturpação. Os modernistas querem abandonar a história de seus objetos. Reportar as palavras a um nome implica o risco de uma paixão pela figura e um pendor ao desarrazoamento. O antiquário avalia seu objeto segundo as intervenções temporais. O modernista, em oposição, o avalia segundo o juízo do método racional. Para o antiquário, quanto mais nuançado o objeto, mais repleto de idiosincrasias, de elementos próprios, mais será rico de conhecimento e de validade como tal. O modernista pretende o empobrecimento de seu objeto, até ao ponto em que o cientista não seja obrigado a assentir a nenhum elemento por inconsciência. A razão não perscruta entre as minúcias. Ela pretende a sobriedade.

Epílogo

.A desmedida no conhecimento dos tempos gera a esterilidade criativa.

I - “Passou o tempo de conceber, de imaginar e pensar qualquer coisa nova”.

Falamos agora de um traço muito instigante e controverso apontado por Perrault. Trata-se do postulado que diz ser o amor ao passado um instrumento que desvanece e torna estéreis as forças criativas do sujeito. Nessa perspectiva, o antiquário é apresentado como aquele que despreza tudo o que é inédito. Não há novidade que valha o sacrifício de se despegar do que ofereceu os antigos. Perrault se queixa que esses antiquários acreditam que “Passou o tempo de conceber, de imaginar e pensar qualquer coisa nova, ou de um modo que se mostrasse nova”⁹² (1688, p. 142) Pensar, imaginar, inovar, tudo o que é caro ao espírito modernista. Aquele que pensa e imagina por si é um inovador. Apresenta novas possibilidades de visão, diversifica o padrão das práticas humanas, conferindo-lhes um sentido de atualidade viva. Aquele que imagina, pelo simples ato de imaginar, contesta o que já está dado, porque ignora a necessidade do estatuto presente. Não pode haver um critério capaz de justificar que o tempo de novas concepções tenha passado. Certamente Perrault alude nessa passagem a uma resistência à ruptura por parte dos antiquários. Significa dizer que Perrault pensa em seu próprio fazer intelectual como a ruptura com algo que nada concebe, nada imagina, nada pensa.

Ora, Perrault então iniciará um novo ciclo. Ele é um inovador e se apresenta como tal. Isto é, um inovador que descumpre os cânones da tradição sem refletir sobre sua atitude. Alguém que é rico de ideias e de ímpetos. Como o modernista dos *Paralelos*, que se enriquece de suas próprias ideias, conforme descrito por Perrault:

Ele cuidou em cultivar seu próprio cabedal, e como esse cabedal é fértil, retira dele por frequentes reflexões mil pensamentos novos, que, à primeira vista, parecem às vezes um pouco paradoxais, mas que, sendo bem examinados, acham-se repletos de sentido e de verdade (IBID., p. 50-51).

⁹² “que le temps de trouver, d’imaginer & de penser quelque chose de nouveau, ou d’une maniere qui fust nouvelle, estoit passé”

A atenção do inovador está posta no processo criador, e por isso não atenta para as vantagens já conseguidas e que, segundo os conservadores, devam se preservar. Não se perturba com os amores feridos, as práticas milenares sob-risco de extinção. É nesse sentido que suas inovações ganham um caráter de coisa atual, isto é, a coisa que ainda não se estabeleceu na consciência do presente como dado efetivo, mas paira sobre todas as coisas como ameaça de ruptura. É a inovação nascida não da aspiração ao contínuo progresso, mas ao contrário, irrompida de um anseio pelo recomeço. Aquele que julga já não ser o tempo de conceber novidades não admitirá sequer um paulatino progresso qualitativo. Perrault fala como muitos homens de vanguarda que, para fazer a apologia de suas ideias, defendem que tudo o mais está exaurido. Cria para si um partido que se opõe a todo o estabelecido, porque acredita que suas ideias são absolutamente novas, e que se nelas forem admitidos quaisquer elementos da velha escola ela será conspurcada e perderá seu vigor.

Para este modernista radical, a tradição estampa a face do retrocesso. Por isso suas fabricações não estarão presas em preceitos de preservação. É a coisa pensada segundo o conceito do fluxo imediato do tempo, alheado de referências tradicionais consolidadas. É a coisa imaginada e objetivada, sem que se tenha em séria consideração as cautelas do antiquário, cujas ressalvas procuram incessantemente preservar e resistir.

O modernista, quando se depara com o fazer antiquário, o considera impositivo e repressor. Decorre daí sua insurreição, ao acusar o antiquário de todos os prejuízos ao conhecimento. Porque o pendor antiquário à conservação será também um descaso às novidades imaginativas. Ele conhece somente a imaginação que já se tornou ícone de reverência. Isto é, conhece a imaginação cristalizada pelos tempos, aquele dado já efetivado e inscrito nas grandes obras dos gênios antigos. Nesse sentido, o antiquário faria somente a apologia da preservação da manifestação viva de um tempo superior, de uma imaginação mais rica, com a qual nenhuma novidade moderna poderia rivalizar. Perrault se insurge contra a ideia de que acessar o passado é fonte de privilégio. Esses supostos privilégios se transformam em um gosto pernicioso, e por fim os antigos são tão incomparáveis, “que já era um privilégio apenas concordar com esses grandes gênios, e de nossa parte não restava senão a glória de penetrar em seus pensamentos e

de nos enriquecer dos preciosos tesouros dos quais a natureza lhes foi tão liberal”⁹³ (IBID., p. 142-143).

O antiquário, na perspectiva de Perrault, não se interessa por aquilo que não se pode avistar de um ponto recuado. Não confia nas visões aproximadas, naquilo que deve ser visto ainda em curso. Em suma, não confia nas produções presentes. Somente o que está consolidado inspira certeza. Pois, no que está consolidado é possível decifrar e interpretar. Todos os elementos estão postos, e se pode depreender os desdobramentos e as causas. O objeto está bem fixado. Cada pormenor, ainda que de difícil apreensão, está liberto das contingências de mudanças abruptas.

O paralelo é traçado aqui entre o *instante atual* e o tempo dado. No *instante atual*, essa fração de tempo na qual o próximo instante já é o futuro inacessível, um pormenor é a coisa de menos confiança que se conhece. Agora pode ser apenas um indício, e em seguida um grande desdobramento. Uma ínfima exalação de fumaça, pormenor quase invisível, pode prenunciar um incêndio devastador em horas posteriores. Como fundar uma ciência sobre circunstâncias tão indignas de confiança? O antiquário faz do passado sua ciência porque nele é possível encontrar um rumo certo. Aristóteles, para ele, explicou e compreendeu todas as coisas. De fato, ele as explicou e compreendeu. Lá, em seus escritos, as proposições estão bem assentadas e cristalizadas. É possível rastrear os desdobramentos e as ramificações de todas as ideias, e traçar o caráter genial de sua produção. É possível admirar o sentido de totalidade de seu pensamento. Ele pode ser composto como uma narrativa que contempla início, meio e fim. Lá, as ínfimas exalações de fumaça já se transformaram em incêndios, e os incêndios há muito foram debelados. Agora o antiquário contempla e admira as marcas deixadas por essas grandiosidades, esse poder de revolução extinto.

Muitas vezes Perrault se refere nos *Paralelos* ao trabalho típico do antiquário como sendo aquele de desvendar e elucidar passagens obscuras. Por exemplo, segundo Perrault, os intérpretes dos antigos

Se extravasam em louvores imoderados sobre o mérito de seus autores e veem como oráculos as passagens obscuras que eles não entendem. Que tortura eles infligem a seus espíritos para encontrar nessas passagens a explicação, quantas suposições fazem para encontrar ali algum sentido razoável (IBID., p. 61).

⁹³ “un privilège accordé seulement A ces grands Génies, & qu’il ne nous restoit plus pour nostre partage, que la gloire de pénétrer dans leurs pensées & de nous enrichir des precieux tresors dont la Nature leur avoit esté si libérale”.

Em outromomento, Perrault diz que os eruditos “se entusiasmam unicamente por uma explicação verossímil de uma passagem obscura, ou por uma restituição bem sucedida de um trecho corrompido” (IBID., p. 26). No mesmo sentido, ao falar que seria bem mais reconhecido se trabalhasse como os eruditos, ele descreve como seria seu trabalho afirmando que teria de ser muito estúpido “se entre os diferentes sentidos que podem receber os trechos obscuros de uma obra confusa e embaraçosa, eu não pudesse ali encontrar alguns que tivessem escapado a todos os intérpretes” (IBID., p. 27). Ou seja, o antiquário trabalharia com coisas mortas e já incompreensíveis. Seu esforço seria despendido somente em vivificá-las, e nisso consistiria todo o seu contentamento. Um trabalho inócuo, segundo a concepção de novidade do modernista.

Para o modernista, todavia, a vivacidade existe somente no fluxo atual do instante, nessa matéria que se transforma a cada fração de tempo e está repleta de imaginações e pensamentos até então insuspeitos. Nunca um contemporâneo poderá rivalizar com o parâmetro investigativo do antiquário. Os homens que ainda vivem e são ativos estão sujeitos às mudanças. Seu desenvolvimento é claudicante. Dizem e desdizem, porque pensam vivamente, e não conhecem o fim de suas narrativas intelectuais. Sua obra não oferece uma grande lista de pormenores entrelaçados como a de Aristóteles. E é simples a razão de tal. É que esses pormenores são modificados constantemente. Mal começam a se cristalizar, o homem modernista (contemporâneo), que é vivacidade em constante mutação, os interpela e duvida de suas asserções. Ele reflete sobre sua obra, e por isso ela nunca está terminada.

Aristóteles já não se interpela. Agora este é o papel do antiquário. É dele a tarefa de escavar as minúcias mais ocultas e dispô-las de modo a comporem um todo coeso. Assim, segundo Perrault, não pode haver natureza mais liberal em produzir gênios do que aquela que produziu os antigos, porque não se trata da legítima natureza. Antes, a natureza liberal que produziu esses antigos geniais e inimputáveis é a própria ciência do antiquário. São tantos os pormenores comentados, tantas as nuanças derivadas desses pormenores, que o corpo do passado ganha uma dimensão autônoma, como se fosse a estrita e exata configuração do passado ele mesmo. Mas ele é uma composição de comentários e uma sucessão amorosa de elogios. Os homens antigos são coerentes. Suas palavras têm as repercussões devidas, e nada é dito em vão. Uma ideia, anotada como rascunho, pode ser confrontada com a grande obra que originou. O antiquário descobre

algumas causas e seus efeitos do passado, e acredita que essas cristalizações são a totalidade daquele tempo.

O tom de Perrault contra o fazer antiquário diz respeito à presunção deste de caminhar no próprio passado. Para alcançar todo o conhecimento ele embrenha pelas dificuldades daqueles grandes autores e de lá nunca mais irrompe. Permanece presa daqueles caminhos intrincados. Ali, supõe residir a vida e o sentido do tempo presente. Para ver o futuro ele olha para trás. Mas o que ele venera são marcas e arquivos. Não há sequer um resíduo de fuligem antiga com o que se sujar. Vive de memórias conquistadas e fixadas por meio dos resquícios do passado. De cada resquício — seja um verso esparso, seja um fragmento de cerâmica — ele construirá um conjunto infinito de nuances. Cada objeto será intensificado até que subsista independente, como que uma coisa ensimesmada, com contexto imanente, alheada do mundo. O antiquário será capaz de passar toda uma vida avaliando aquele objeto sem que nunca alcance uma compreensão que considere satisfatória. Ora, como já pudemos apontar anteriormente, o antiquário julga que seu trabalho de recuperação não é uma obra de constituição ou invenção, antes, a própria reconstituição de algo que existira precisamente como ele apresenta agora. É nisso que consiste o caráter supersticioso de seu trabalho. Se ele simplesmente afirmasse que todo o edifício antigo é na verdade uma possibilidade, uma invenção moderna com elementos recuperados, então a censura seria atenuada.

Para o antiquário, contudo, é a memória que deve ser enriquecida. Tudo que em seu edifício poderia ser denominado como invenções pessoais ele considera como memórias recuperadas. Ele vai em busca de registrar o passado em sua espessura vívida. Cada elemento que ele encontra é tratado como o aprofundamento naqueles tempos, a ida para além da superfície das coisas. É como se ele pretendesse não apenas observar o passado, mas sentir seus cheiros e gostos, suas intempéries e bonanças. Isto é, o antiquário nessa suposta viagem intensa ao passado, deseja abandonar a si mesmo como sujeito do presente, e agir como o memorialista que anseia a todo custo intervir o menos possível nas memórias que relatará. Ele vive para reviver, porque o que ele descobre traz a satisfação da coisa que estava perdida e foi reencontrada.

II – A memória prodigiosa aniquila as forças criadoras.

Esse enriquecimento do conhecimento por meio de memórias recuperadas enseja, por fim, o aniquilamento do próprio ímpeto ao conhecimento. A literatura nos oferece a alegoria perfeita para o desenvolvimento dessa ideia. No conto *Funes, O Memorioso*, de Borges, lemos o resultado escabroso que uma memória prodigiosa pode conduzir. É contada a história de Funes, um indivíduo que, por uma fatalidade, passou a se prender aos detalhes de todas as coisas, e a não esquecer nenhum. E não só aos detalhes superficiais, mas às sensações que se inscreviam nessas lembranças. E se prendeu a tantos pormenores, que não era já capaz de abstrações, de generalizações.

Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos (Borges, 2007, p. 108).

O apreço excessivo pela fixação de conhecimentos, segundo nos relata essa narrativa fantástica, enrijece a faculdade do pensamento. Funes aprendia com facilidade as línguas, mas não podia falá-las a contento. Pois para ele cada coisa era uma espessura infinita de detalhes. Em outra passagem, Borges nos conta que Funes “Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, já tinha requerido um dia inteiro” (IBID, p. 105).

Na exacerbação da literatura, Borges indica os rumos que este antiquário radical — aquele que Perrault diz acreditar não ser já possível nada conceber de novo — parece ansiar se aproximar sempre mais. Ele anseia pela captura crescente de detalhes. Mas o preço dessa captura parece ser justamente a impossibilidade de trabalhar todo o material, de compô-lo e estruturá-lo. O antiquário, por fim, vive os pormenores do tempo antigo em suas mais ínfimas nuances, aquelas que a memória corriqueira nunca se atém seriamente. Uma palavra, um traço, não são meras hachuras mudas. São intensas histórias de relações. Funes reviveu todo um dia em sua memória. Naturalmente, para essa tarefa, como diz Borges, fora necessário todo um dia.

A intensificação do passado compromete a orientação temporal. Funes já não concebia o tempo como a maior parte dos homens. Ele o vivia sempre no passado, porque preferia recordar segundo as intensidades de sua memória, para captar cada minúcia que o olhar do instante atual não é capaz. Preferia viver na estabilidade

cognitiva. Porque o passado, para aquele que deseja revivê-lo, é uma estabilidade a ser apreendida. A memória é um dado, e este permanece pronto à captura. É um dado, para melhor explicar, no sentido em que já está propício ao conhecimento minucioso, pois já não está em curso nada que o atualizará. As memórias compõem um arcabouço supostamente disponível. O passado terá essa mesma conotação epistemológica. Ele é uma grande massa de memórias estabilizada, supostamente pronta a ser recuperada. Nesse sentido, o passado não é percebido pelo antiquário radical segundo o signo do que está morto, mas segundo o estatuto do que está esquecido.

No instante atual, por sua vez, a captura sempre será superficial. O agora está em movimento, e no movimento não se podem apreender as complexidades de sua constituição, pois elas se ajustam e reajustam como uma corrente de águas velozes em meio a pedras. Cada instante possibilita uma nova composição. De modo que para Funes e para todo antiquário, esse movimento não é verdadeiramente vivaz. Eles consideram haver vida onde há profundezas propícias ao conhecimento detido. Nesse sentido, o conhecimento se dá pela absorção passiva. Funes, para recordar todo um dia, naturalmente que foi obrigado a permanecer inativo e meditabundo durante as 24 horas necessárias ao processo de recuperação. As imprevisibilidades atuais apenas o desviariam de seu trabalho. Ele se engajava em reviver todo o conjunto de imprevistos e distrações que tomam um sujeito durante um dia. Os pensamentos interrompidos, as sensações frustradas por necessidades súbitas. Tudo o que naquele dia ordinário fora talvez indigno de recordação, é agora recuperado em sua precisa indignidade e sentimentos frustrados. Mas estas indignidades e frustrações corriqueiras são agora deglutidas como inteirezas dadas, isto é, como ocorrências apenas sensórias e não efetivas. Por exemplo, da dor de ter se ferido com uma agulha, ele recordaria em toda sua intensidade a pulsação da picada, mas o sangue não brotaria outra vez. É nesse sentido que seria uma recuperação intensa de um dia, mas já estabilizada. Não obstante, a memória de Funes não poderia julgar o que recordava, porque se engajava absolutamente ao ato de recordar.

Para se recordar sem permitir que nada escape não pode intervir nesta ação um juízo. Funes, ao mesmo tempo em que, em seu repouso inativo, revivia todo um dia, nunca poderia antever o gozo de uma determinada memória ou a tristeza causada por outra. Essas ocorrências o afetariam novamente como se tratassem de fatos inéditos. Se algum juízo próprio interviesse nesse processo, Funes então deixaria de recordar e

passaria a pensar. Mas ele sentiria com mais intensidade tudo o que a fisiologia de seu corpo obscureceu ao obrigá-lo ao esforço de se movimentar e coordenar seus membros. Agora ele pode sentir cada minúcia de sensação que, por exemplo, o ato de erguer o pé obnubilou. Sua memória seria recuperada numa completude visceral. O próprio ato de erguer o pé já seria uma memória censória.

Nesse contexto de intensa recuperação, o conhecimento do instante atual é possível plenamente apenas quando se cristaliza e se torna memória possível. O antiquário volta ao passado com a esperança de lá haurir uma intensidade de conhecimento semelhante àquela conseguida por Funes. De modo que, quando o modernista apropria desses objetos e os subverte, o antiquário o considera um leviano, um frívolo, um desmemoriado. É como Funes, que considerava a memória ordinária dos homens um arremedo.

Com efeito, a memória do modernista é mesmo fragmentária e seletiva. Seu desejo é perseguir o instante presente. A vivacidade não está nas profundezas apreendidas, mas na construção ativa do instante. O modernista quer estar adiante, como se vivesse no futuro. Ele reconhece o paradoxo do tempo. O vivido é sempre o passado, e o presente é a face do ainda não, do que está prestes. Agamben resumirá tal paradoxo, ao dizer que

Já que o presente não é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver (Agamben, 2009, p. 70).

O *viver*, isto é, a atualidade do *vivido*, é, por sua natureza, inacessível como efetividade dada. Para viver propriamente o agora é necessário fugir ao domínio temporal, andar à frente das garras do tempo. O modernista habita esse interstício paradoxal. Se ele se estabiliza e pretende apreender um instante em sua totalidade, o tempo o engole e ele já exerce o projeto do antiquário. Seu olhar estará voltado para fora do que já se deu. O modernista (ou o contemporâneo, na terminologia de Agamben) volta seu olhar para aquilo que habitualmente diz-se a vida presente. No entanto, ter o olhar voltado para esse presente implica não participar de seu movimento. O modernista está atento àquilo que ainda não é um objeto percebido, vivido, experimentado. “A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo” (IBID., p. 70). Ele deseja

o objeto que *está*, mas que ainda não *é*. Aquilo que *está* não é um ato dado, mas um possível, um símbolo confuso. De modo que ser modernista, significa, nesse sentido, “voltar a um presente em que jamais estivemos” (IBID., P. 70). Porque quando ele abandona os dados e parte para o fluxo movediço do instante, ele habita um âmbito desconhecido, no qual os objetos são apenas indícios e vislumbres fugidios. Ele lida com o insólito, com aquilo que no futuro será as memórias do tempo presente. No fluxo do viver, todas as coisas são possíveis, pois as raízes e as ramificações não são atributos cognoscíveis. A natureza deste trabalho consiste em modelar os objetos segundo sua aparição, não segundo sua constituição. Somente no tempo vivido é possível falar em consistência e fidelidade, em verdade e convergência. Para o olhar voltado ao fluxo do viver estas categorias são subordinadas a uma força avassaladora de criação. O ímpeto criativo incide sobre os objetos que ainda são cintilações fugidias e os marca com sua intencionalidade ignorante de tempo e tradição. A obra do modernista nasce fora do tempo, porque no tempo todas as coisas são enraizadas e evocam uma longa cadeia de transformações mínimas. No fluxo do instante, este presente sem passado, todo objeto é fonte de espanto e passível de transformação radical.

III – Como ensinar a ousadia.

O modernista considera o antiquário o próprio modelo da esterilidade. Como Funes, que já não vivia, apenas revivia, o antiquário se sustenta com sua memória prodigiosa, e tem os olhos voltados para trás. Em nome da criação profícua, o modernista postula que a atenção cuidadosa ao passado deve ser atenuada. A grande memória dos antiquários esgota suas forças criadoras. Na visão de Perrault, ela desencoraja os homens. Ela desilude os ímpetos de transformação e inovação. Por exemplo, nada pode ser mais danoso aos jovens escolares que uma educação fundada nos princípios dos antiquários. Segue-se por isso a advertência que Perrault faz aos mestres escolares. “em consideração aos jovens que estudam, desejaria eu que depois de tê-los educado até às últimas classes em uma profunda veneração pelos antigos, quando

seu juízo seria formado, se começasse a lhes apontar a força e a fraqueza”⁹⁴ (1688, p. 151). Por que lhes fazer ver as fraquezas e as fortalezas de seus objetos de estudo?

Esse é um novo compromisso, uma nova fórmula de ensino. Ela ensinaria não os autores, mas o conhecimento. É a educação que desautoriza os homens, que os considera sempre passíveis de erros. Para a educação modernista, não há personalidade que esteja incólume. Não é, porém, a educação para o fracasso, para o desânimo. Ferir os sentimentos de veneração dos jovens proporciona, na visão de Perrault, algo de superior e de mais estimável. Depois que se apontasse aos jovens as falhas e fortalezas dos modelos, que se insinuasse a eles “que é possível não somente igualá-los, mas às vezes ir além, ao evitar os maus caminhos em que caíram”⁹⁵ (IBID., p. 151), um novo horizonte de conhecimento se abriria. Ora, somente o conhecimento que se desencanta dos nomes grandiosos pode gerar a acurácia. Somente quando o caráter de veneração é abolido ou ao menos atenuado, é possível enxergar o conhecimento científico para além do cientista. O conhecimento não se encerra nas idiosincrasias do cientista. Este último, por sua personalidade, sua biografia inconfessável, busca inúmeras vias e estuda diversas ideias. Suas descobertas alcançam as alturas de seus interesses. Mas há tantas lacunas. Há limites de percepção, teimosias incompreensíveis, erros que persistem no intrincado de relações do pensamento do cientista, que serão solucionados somente se um crítico se apossar daquele material e avaliá-lo sem a condescendência do admirador.

Para não se incorrer repetidamente nas falhas dos mestres, é preciso conhecê-las. Conhecê-las, de fato, mas não como conhecimento erudito. É preciso conhecê-las em seu caráter inglório, sem a virtude deificada do objeto de veneração. Perrault pensa que é preciso enfatizar esse caráter de erro e impropriedade. Há um sentido crítico-analítico nessa proposição. A ciência do antiquário gera o enrijecimento do senso crítico. Ele passa a amar os detalhes, e todos são relevantes e indispensáveis.

No conhecimento deste antiquário radical pode-se identificar um caráter de indiferença. Não há a intervenção sistemática de um juízo extrínseco. Em nome da perfeita reconstituição do passado, relega-se ao plano inferior o julgamento do que se está erigindo. O antiquário se coloca como um edificador passivo. Ele crê edificar

⁹⁴ “A l’égard des jeunes gens qui estudient, je souhaiterois qu’après les avoir eslevez jusqu’aux dernières Classes, dans une profonde veneration pour les Anciens, on commençast lorsque leur jugement seroit formé, á leur en faire voir &le fort & le foible”

⁹⁵ “qu’il n’est pas impossible, non seulement de les éгалer, mais d’aller quelquefois au delà en évitant les mauvais pas où ils sont tombéz”

novamente o que já era um edifício. Nada deseja alterar nessa obra. Quer reconstituir cada elemento, sem que sua própria criatividade intervenha. Não quer julgar o valor de cada elemento, pois esse valor já está de antemão aferido. Todo o seu interesse de aperfeiçoar é aniquilado. Nada está em falta ali, nada é incongruente. Ele julga que sua ciência reconstitui, e não constitui. De modo que ensina antes de tudo a veneração, porque defende que é por ela que todo o edifício da antiguidade é mantido.

O modernista não admite essa indiferença no juízo. Ela é sinônimo de cegueira. A ciência modernista ensinaos jovens a arte da desmistificação. Serão ensinados a agir e fazer. Porque, complementa Perrault, “se é perigoso desenvolver nos jovens a presunção, é ainda mais perigoso lhes abater a coragem, ao dizer que eles nunca se aproximarão dos antigos, e o que farão de mais belo estará sempre abaixo do que há de mais medíocre nas obras desses grandes homens”⁹⁶ (IBID., p. 151).

Parece que, quando Perrault assinala o aspecto funesto da presunção, está confrontando justamente um valor caro à ciência dos antiquários. Ora, nos cânones dessa ciência, nunca um homem é suficientemente capaz. Nunca o passado é suficientemente conhecido. De modo que o pior dos pecados é presumir tudo saber. Aos jovens se ensinará a contínua autoanulação. E ela é ensinada quando se lhes aponta a grandiosidade da obra dos antigos, o conhecimento minucioso e sistemático do que eles pensaram. A enormidade desse conjunto de conhecimento sempre infunde nos estudantes um constante sentimento de que nunca se conhece o bastante, de que tudo que eles mesmos supõem de antemão como verdade logo é contestado com uma ideia brilhante de algum gênio antigo. Donde se segue que, na perspectiva dos antiquários, ensinar a ciência da crítica é ensinar o pecado da presunção. Pois homens presunçosos pensam saber o que ainda não sabem, e deixam preciosidades por aprender. Na ciência antiquária, a presunção é um grande inimigo de seu método. Se os antiquários se tornassem presunçosos e donos de si, e se considerassem conhecedores consumados e absolutos do passado, a ciência paulatinamente entraria em colapso. Essa ciência vive da contínua decifração. A presunção limita tais decifrações e arrefece o amor ao passado, pois o cientista teria mais amor para consigo. Ainda que ela se enfeite de grandes eruditos, de homens austeros e meticulosos, não há em seu corpo de saber o

⁹⁶ “s’il est dangereux de donner de la presumption aux jeunes gens, il est plus dangereux encore de leur abatre le courage, en leur disât qu’ils n’approcheront jamais des Anciens, & que ce qu’ils seront de plus beau sera tousjours au dessous de ce qu’il y a de plus mediocre dans les ouvrages de ces grands hommes”.

enfastio. Há sempre mais. O antiquário não presume o que ainda desconhece. Esse é um pecado que depõe fortemente contra sua arte. Seu orgulho reside em apontar com precisão as fontes, e ele se enche de um conhecimento sempre mais fiel às ramificações. Esse contínuo aprimoramento da memória, essa busca incansável pelo aprofundamento no conhecimento dos antigos é, para o modernista, a própria face da pusilanimidade. O antiquário para ser grande em sua arte deve se anular sempre mais. Deve se perder em meio a minúcias e entroncamentos, de sorte que sua *voz própria* será abafada por esse amontoado de coisas. Para a ciência modernista esse é um pecado de muito mais monta. Porque é através da pusilanimidade que persistem os erros.

Só o pusilânime considera as fragilidades de um objeto como traços elogiosos. Ele presta um grande desserviço à ciência. Faz com que melindres absolutamente estranhos ao trabalho do cientista persistam como mecanismos necessários à investigação. Os homens do presente devem ensinar o despreendimento, o anseio pela superação. “se os grandes homens deste século tivessem sentimentos caridosos pela posteridade, eles a advertiriam de não admirá-los em demasia, e sempre aspirar ao menos igualá-los”⁹⁷ (Bouyer de Fontenelle, 1728, p. 160).

Não o ensino das minúcias desimportantes, da história infundável das relações, do relato inócuo de convergências e distanciamentos. Para a valorização da nova ciência, somente aquelas descobertas que subsistem independentes de sua inerência com ideias notadamente frágeis merecem a consideração do cientista. Cada homem produz sua ciência, mas todos devem concorrer para o progresso. Certamente, este progresso conta em sua esteira com o signo da ruptura. De modo que nenhum autor deve ser apreciado em demasia. “nada detém tanto o progresso das coisas, nada limita tanto os espíritos quanto a admiração excessiva aos antigos”⁹⁸ (IBID., p. 160-161).

O amor em demasia desconecta a ciência, reservando bolsões de autoridade intocáveis. Devota-se ao estudo de um grande homem, e com isso a ciência é estagnada. Em todo grande homem há elementos que não merecem a consideração da ciência. Eles devem ser esquecidos. São entraves insuperáveis.

⁹⁷ “Si les grands hommes de ce siècle avaient des sentiments charitables pour la postérité, ils l’avertiraient de ne les admirer point trop, et d’aspirer toujours du -moins à les égaler”.

⁹⁸ “Rien n’arrête tant le progrès des choses, rien ne borne tant les esprits, que l’admiration excessive des anciens”.

Porque se devotou à autoridade de Aristóteles, e porque não se buscou a verdade senão em seus escritos enigmáticos e nunca na natureza, a filosofia não somente não avançou em nenhuma direção, mas ela decaiu em um abismo de galimatias e de ideias ininteligíveis, de onde se teve as maiores dificuldades do mundo para retirá-la⁹⁹ (IBID., p. 161).

Foi por um método científico que valorizava as obscuridades que a filosofia da natureza paralisou em Aristóteles e de lá saiu com grandíssimo prejuízo. Só o ensino da possibilidade de um homem superar um outro já evitaria esse excesso de respeito. As palavras de um homem não devem valer por elas mesmas. Pois, no interior de seu pensamento, um homem sempre parece coeso e consistente. De modo que os modernistas apreciam não os homens, mas suas verdades. É desimportante se recordar de nomes ou de biografias. Se quem diz é Aristóteles ou um desconhecido, que importa? São as proposições que merecem a avaliação.

A distância de Aristóteles permite o sentimento de que é possível igualá-lo e mesmo superá-lo. A potência de seu nome deve ser atenuada. E, assim, aquilo que em Aristóteles é notadamente infundado, para a ciência modernista, será lançado fora como aquele que se desfaz da quinquilharia que atravanca sua casa e o impede de se movimentar livremente.

A ciência do antiquário exige os recessos ocultos repletos de pequenas preciosidades meio escondidas, de corredores tortuosos e tetos muito baixos, de ambientes obscuros e espessos pela poeira dos tempos, ao passo que a nova ciência pensa em espaço para experimentar. Porque, para o antiquário, o conhecimento é a persistência no tempo, sua manutenção repetida. Assim é que vão se acumulando tempos sobre tempos, sendo possível permanecer lado a lado um busto de César e um cibório quinhentista.

IV – o grande inovador tem a vista enevoada.

⁹⁹ “Parce qu’on s’était dévoué à l’autorité d’Aristote, et qu’on ne cherchait la vérité que dans ses écrits énigmatiques, et jamais dans la nature, non seulement la philosophie n’avancait en aucune façon, mais elle était tombée dans un abîme de galimatias et d’idées inintelligibles, d’où l’on a eu toutes les peines du monde à la retirer”.

O espírito antiquário recusa, de certo modo, a finitude das coisas. Nietzsche aponta para sua aspiração à imortalidade. “O fato de que algo envelheceu dá agora ensejo à exigência de que ele precisa se tornar imortal” (2003, p. 29). E por que para Nietzsche há tal exigência?

Pois quando alguém calcula tudo o que uma tal antiguidade - um hábito antigo dos pais, uma crença religiosa, um privilégio político herdado - experimentou em meio à duração de sua existência, qual soma de piedade e veneração por parte do indivíduo e das gerações, então parece arrogante ou mesmo vicioso substituir uma tal antiguidade por uma novidade, para contrapor a esta acumulação numérica de atos de piedade e veneração aquela do que devém e está presente (IBID., p. 29).

O espírito da novidade ou, em nossa presente terminologia, o espírito modernista, terá o caráter da arrogância aos olhos do antiquário. Não é lícito, pensará este, que a longa cadeia de realizações estabelecida por tanto sofrimento e lutas individuais, regida pela força e pela habilidade de tantos discursos, seja posta por terra por um simples ato de inclemência modernista. A aspiração à imortalidade, segundo o espírito antiquário, não é um contrassenso. Ao contrário, é a própria virtude da humanidade, um espírito de responsabilidade e cuidado com os tempos.

Ora, essa batalha pela imortalidade é também a batalha pela manutenção, pelo acomodamento das coisas. Não serão permitidos movimentos bruscos de renovação. O antiquário compreende o tempo não tanto como a sucessão de períodos, mas como o registro mais ou menos paralisado de coisas superpostas. Não há propriamente um presente, ao menos na acepção perseguida pelos modernistas. Ao antiquário, o presente se afigura como essa percepção momentânea que contempla todas as realizações dadas. É o conjunto de tempos passados estabilizados e luminosos como numa vitrine de boutique.

Apreciar a imortalidade é apreciar em demasia a estabilidade, como denunciara fortemente Nietzsche no decurso de sua *Segunda Consideração Intempestiva*. A imortalidade é a conservação intransigente. Em nome dela o tempo será enrijecido e cristalizado, como um enorme animal empalhado, admirado pela vivacidade de sua ferocidade, mas é uma vivacidade ilusória, fria e distante cintilação de vida. Esta será a conclusão nietzschiana: a conservação intransigente se interpõe às aspirações vitais. Ela conserva as realizações, mas interdita, concomitantemente, novas realizações.

O conhecimento excessivo dos tempos é como que um imperativo inelutável ao número infinito de realizações grandiosas que se abre ao olhar. Aquele que muito conhece se encanta com as possibilidades inesgotáveis de visões, e então se esquece de si e de sua própria vitalidade criativa. Para se viver ativamente será preciso então um elemento de desconhecimento, um horizonte baixo de visões fantásticas. Nas palavras de Nietzsche, o homem encontra a si mesmo somente quando, no interior dessa névoa de desconhecimento surge “um feixe de luz muito claro, relampejante, ou seja, somente pela capacidade de usar o que passou em prol da vida e de fazer história uma vez mais a partir do que aconteceu” (IBID., p. 12). A criação deve nascer da névoa, da pouca visão, do horizonte curto. O excesso de visões ou, na terminologia nietzscheana, o excesso de história, condena o homem à eternidade contemplativa. Ele, que primeiro amava as raízes porque nelas se reconhecia como parte de um plano maior de pertencimento, perde essa piedade e adentra a um excesso de conhecimento que o paralisa e o torna ensimesmado naquilo que recupera:

Neste momento a piedade se debilita, o hábito erudito continua subsistindo sem ela e gira de maneira egoisticamente auto-satisfeita em torno de seu próprio eixo. Então se oferece aos olhos o espetáculo repulsivo de uma ira coletiva cega, de um incansável ajuntamento de tudo o que um dia existiu. O homem envolve-se com um cheiro de mofo; através da mania antiquária, ele consegue mesmo reduzir uma disposição mais significativa, uma necessidade nobre, a uma sede insaciável por novidade, ou, mais corretamente, por antiguidade, e por tudo e por cada coisa; frequentemente ele desce tão baixo que acaba por ficar satisfeito com qualquer migalha de alimento e devora com prazer mesmo a poeira de minúcias bibliográficas (IBID., p. 28-29)

É preciso pois o elemento do a-histórico. Sem essa postura afirmativa e metodologicamente desinteressada o homem “nunca teria começado e jamais teria ousado começar. Onde encontramos feitos que puderam ser empreendidos pelo homem sem antes imiscuir-se naquela névoa espessa do a-histórico?” (IBID., p. 12).

A criação surge de um interesse, da percepção de uma possibilidade vislumbrada. O rigor do conhecimento minucioso interdita tais visões súbitas. O mundo segue impávido, um conjunto estável de fabricações já bem consolidadas. É do desconhecido que surge a possibilidade do conhecimento.

O antiquário parece desejar romper com essa inferência lógica. Ele pretende o controle conceitual de todas as contingências, de modo a assinalar em cada evento seu

fundamento histórico e sua necessidade já esperada. Ao antiquário não há acontecimentos, mas a consciência presente do acontecido. Não há feixes de luz em meio à escuridão do desconhecido, mas a cegueira do neófito ou do parvo que, pela incapacidade intelectual de compreender as conexões, faz com que a coisa mais recorrente se torne em fulguração súbita. Mas essa busca pelas conexões é sempre um retorno ao conjunto de realizações passadas, ao que já se estabeleceu e é cristalizado e inflexível.

Todo vivente necessita de uma atmosfera à sua volta, de uma névoa completamente misteriosa; quando lhe retiramos este invólucro, quando condenamos uma religião, uma arte, um gênio, a girar como um astro sem atmosfera: então não devemos nos espantar mais se ele rapidamente se tornar árido, rígido e infrutífero (IBID. p. 61).

Está posto o grande paradoxo da ciência antiquária. Seu espírito profundamente piedoso resiste ao próprio fluxo das coisas. Venera o fluxo de tempos passados, mas não concebe a possibilidade de que o fluxo de seu próprio tempo repele, de certo modo, tal veneração. É nesse sentido que o antiquário se recusa a apreender corretamente os tempos. Ele quer transportar o passado ao presente e ao futuro, e fazer como que um tempo único e imóvel. O tempo da imortalidade. Ao imortal nada é efetivamente relevante. Todas as coisas se constituem da mesma matéria, todas elas registros idênticos. Sem o impulso dos tempos, o plano das coisas é reduzido a um conjunto estéril de mesmidades. Entre perder e ganhar não reside nenhuma diferença. Aquele que perde, perde somente provisoriamente, pois o que perdeu está dado e pronto ao novo encontro. Como se trata de um tempo sem fluxo, e as coisas se configuram como espessuras superpostas, a inovação é sinônima do resgate, do encontro feliz de algo amontoado e oculto. O espírito antiquário postula que tudo está dado. Do que se segue a indiferença relatada acima.

No entanto, o modernista poderá interrogar, o que são os tempos? São, com efeito, fluxos de contingências. O agora é um incontável de imprevisibilidades, de possibilidades fugidias. Não se pode apreender tais contingências pretendendo o caráter da estabilidade. Aquele que as estabiliza, faz a conservação, ao enrijecer seu movimento em direção ao desconhecido do fluxo. Viver no fluxo do tempo implica, como assinalamos junto a Agamben, apreender esse fluxo de contingências em sua vivacidade

mesma. É trabalhar com o que ainda não é efetivamente, mesmo com o risco permanente de se incorrer em torpezas.

O espírito modernista, com suas impiedades e seus desmandos inerentes, apreendeu a voracidade do tempo efetivo. É daí que se insinua seu caráter de desencantamento. Para viver e fazer, é necessário não se iludir com os tempos, não apreciá-los em demasia. A apreciação demasiada implica sempre no esforço da estabilização para a contemplação detida. Mas essa contemplação, apesar de frutífera, tende muitas vezes ao desprezo do fluxo que produziu seu objeto. De modo que ela recai num cuidado piedoso com a coisa contemplada. Para que algo seja efetivamente relevante, é necessário que seja investido de um caráter impiedoso de coisa nova, que sobrepuja as antigas realizações e as anula em certa medida. Ele se desvencilhará das amarras lançadas pelo amor às realizações passadas. Será um homem de ação, distraído em suas memórias, porque se interessa pelo que pode produzir, e não pelo que está produzido. O modernista nunca é um grande erudito. Não conhece a contento os tempos. Se adentrasse à infinita teia dos tempos, os inúmeros recessos o envolveriam. Não poderia retornar a seu foco inicial. O que para o antiquário é uma natureza arrogante, para o modernista é uma consciência bem orientada e muito necessária. Sua impiedade não se caracteriza pela mera iconoclastia, pelo espírito de destruição e vandalismo. Ele quer produzir, quer agir em seu tempo. Mas a produção implica alguma medida de destruição e esquecimento.

O antiquário trabalha com o fragmento, e com ele espera reconstituir o mundo. Mas essa esperança é perdida em meio ao seu trabalho. O detalhamento consome todo o seu ânimo, e ele por fim se esquece do mundo.

5. Referências.

5

AGAMBEN, Giorgio. O Que é O Contemporâneo? E Outros Ensaios. Chapecó: Editora Unochapecó, 2009.

_____. Profanações. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

BOILEAU-DESPRÉAUX, Nicolas. Oeuvres Complètes de Boileau accompagné de Notes historiques et littéraires et précédées d'une étude sur sa vie et ses ouvrages par A. CH. GIDEL. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1873.

BORGES, Jorge Luis. Ficções; tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOUYER DE FONTENELLE, Bernard. Digression Sur Les anciens et Les Moderns. In: Poésies Pastorales: Avec Um Traité Sur la Nature de L'Eglogue. Haia: Gosse et Neaulme, 1728.

Cassirer, Ernst. Descartes, Corneille et Christine de Suède. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1997.

DESCARTES, René. Discurso do Método. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. As paixões da alma. In: Coleção Os Pensadores . São Paulo: Abril Cultural, 1973

_____. Meditações Sobre Filosofia Primeira. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FUMAROLI, Marc. Les Abeilles et Les Araignées. In: La Querelle Des Anciens et Des Modernes. Paris: Éditions Galimard, 2001.

HAZARD, Paul. *La Crise de La Conscience Européenne*. Paris: Boivin et Cie, 1935.

LONGINO. *Do Sublime*. Trad. Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MALEBRANCHE, Nicolas. *De La Recherche de La vérité*. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1885.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e O Espírito*. In: coleção os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2003

PERRAULT, Charles. *Le siècle de Louis le Grand*. Paris: Chez Jean Baptiste Coignard, Imprimeur & Libraire ordinaire du Roy, ruë S. Jacques, à la Bible d'or, 1687.

_____. *Mémoires de ma Vie*. Paris: Libraire Renouard, H. Laurens, Éditeur, 1909.

_____. *Parallèle des Anciens et des Moderns em Ce qui regard Les Arts et Les Sciences, tome premier*. Paris: Chez Jean Baptiste Coignard, Imprimeur & Libraire ordinaire du Roy, 1688.

RIGAULT, Hippolyte. *Histoire de La Querelle Des Anciens et Des Modernes*. Paris: Librairie de L. Hachette et G, 1856.

Bibliografia de apoio

ARENDDT, Hannah. *o Que é Autoridade*. In: *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Bacon, Francis. *Novum Organum*. São Paulo: Nova Atlântida, 1999.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a Modernidade e O Pintor da Vida Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOUILLIER, Francisque. Histoire Critique de La Révolution Cartésienne. Lyon: Imprimerie de L. Boitel, 1842.

DESCARTES, René. Carta Prefácio aos Princípios da Filosofia de Descartes. In: Revista Educação e Filosofia, Vol. 19 n° 38, pp. 215-255. Uberlândia, 2005.

GADAMER, Hans Georg. Verdade e Método. Petrópolis: Vozes, 1997.

Gillot, Hubert. Querelle Des Anciens et Des Moderns em France. Paris: Librairie Ancienne Honoré, 1914.

KOYRÉ, Alexandre. Do Mundo Fechado ao Universo Infinito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KRANTZ, Émile. Essai Sur L'Esthétique de Descartes. Paris: Librairie Félix Alcan.

MICHIELS, Alfred. Histoire Des Idées Littéraires em France Au XIXE Siècle et de Leurs Origines Dans Les Siècles Antérieurs. Paris: Libraire de La Société des Gens de Lettres Palais-Royal, 1863.